Biblioteca Publica

Atualidades

SENHOR DOS PASSOS

(Imagem existente na Igreja do Hospital de Caridade, desta Capital)

1949 -- Nº. 3 e 4 -- FLORIANÓPOLIS -- MARÇO -- ABRIL -- CR$ 3,00

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"
"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"
"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS
SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES
RUA TRAJANO, Nº. 19 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA PAULISTA

CAPITAL ..... CR$ 60.000.000,oo

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

USINAS EM SABARÁ E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados!

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA!

Peçam informações a

H. G. MOLENDA

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS

Biblioteca Pública do Estado
FLORIANÓPOLIS
Reg. no 9931 Data

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E- Sta Catarina
N- 1233/5

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
Tombo: 0569
Cód: A 329
Data: 20-01-81

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

CRÔNICAS DA BAHIA

Dois Amores — Dois Destinos

Osvaldo R. Cabral

Do Instituto Histórico

Não é a Igreja da Graça a mais suntuosa, a mais rica nem a mais espaçosa da Bahia, onde os belos templos, amplos, vastos e grandiosos contam-se de sobra. Não ha nela aquela suntosidade que é uma verdadeira festa de luzes que caracterisa outras Igrejas. Não há mesmo entalhes maravilhosos, esculpidos na pedra e na madeira, recobertos de ouro — verdadeiras maravilhas da arte religiosa.

É, até, uma igreja modesta, modesta para a Bahia, pequena e a sua graça está mesmo na simplicidade que ostenta.

Mas, nela está o tumulo de Catarina Paraguassú, a bem amada cabocla esposa de Diogo Alvares, o Caramurú. A história deste é sobejamente conhecida. O seu naufrágio, o tiro, a paixão despertada na indigena que teria batisado em França e recebera o nome de Catarina do Brasil e que seria a sua companheira de toda a vida, ali, na sua sesmaria, na Graça...

Mas, não a lenda da Nossa Senhora da Graça.

Sonhou Catarina que, na praia, uma mulher branca, com uma criança nos braços, rogava-lhe viesse busca-la para junto de si. Pede então a Diogo Alvares que fosse procurá-la e, depois de muitas pesquisas, o Caramurú encontra uma Imagem da Virgem que leva à esposa e esta ao vê-la, em lágrimas, declara ter sido a que vira em sonhos.

E nasceu, assim, a primeira capelinha à Senhora da Graça.

Caramurú morreu em 1554. Catarina, em 1582, depois de doar aos beneditinos, que ainda a conservam, a capelinha e as terras circunvizinhas.

Lá foi enterrada e suas cinzas ainda se encontram sob uma pequena pedra, ao centro da Igreja. Na parede ao lado, uma grande lápide, que fôra destinada a cobrir a sepultura, foi engastada, para que os passos dos fieis, pelos séculos afora, não lhe apagassem os dizeres nem os brazões esculpidos.

Surpresa, entretanto, nos estava reservada. Fronteira à lapide de Catarina, um pequeno mausoleu guarda os restos de uma das mais belas jovens da Bahia do Século XIX: — Júlia Fetal.

Já lhe conheciamos a história e a lenda — mas não tinhamos fixado na memória que justamente na Graça iriamos encontrar o túmulo da heroina da mais impressionante página de amor e de sangue vivida na Bahia!

Júlia Fetal era uma das mais belas mulheres bahianas. Dias depois eu veria passar, rediviva, na pessoa de uma jovem que não lhe ficaria atraz na beleza e na graça, no grandioso préstito, de anquinhas e bandós, a sua figura graciosa, justamente pela frente da casa em que o seu apaixonado cortára a sua existência... com uma bala de ouro!

Foi em 1847, ha pouco mais de um século, justamente no dia de hoje — 20 de abril — que João Estanislau da Silva Lisbôa, pelas sete da noite, no delirio da sua paixão e dos seus ciumes, matou-a.

Eram noivos. Êle, filho de brasileiros, nascido na India, com 27 anos apenas, inteligente, estudioso, talvez bonito. Ela, a beleza da Bahia.

Contam que ela se arrependera do noivado. Seu coração batia por outro, talvez um primo. O ciume desvairou Lisbôa. Entra-lhe em casa e desfecha-lhe o tiro.

No dia seguinte, a Bahia inteira acompanhava à Graça o corpo de Júlia Fetal.

"A dita de por todos ser amada,
Gozavas, sem temer tu'alma pura
Que, por mesquinha fada à sepultura
Brevemente serias transportada".

Depois, veio a piedade para o criminoso. Fôra o amor que o levara ao crime. Mesmo assim, para roubar a vida àquela que lhe roubara o coração, metera uma bala de ouro no revolver.

A lenda criou azas. E valeu a Lisboa a piedade do tribunal, que o condena apenas a dez anos de prisão.

Recusou o perdão, mais tarde oferecido. Foi mestre reputado mas nunca mais a sua alma se abriu para as alegrias da vida...

Mais tarde, quando se exhumaram os restos de Julia Fetal, lá estava o segredo de João Estanislau, a desmentir a lenda que lhe valera a piedade dos seus contemporaneos: — a bala de ouro... não era de ouro, era do chumbo comum de todas as balas.

O ouro restante de toda aquela tragédia estivera apenas no coração dos bahianos que perdoaram o desvario do que matou por amor!

*
* *

Duas mulheres e duas épocas, frente a frente. Catarina de um lado a Catarina do Brasil, apaixonada pelo guerreiro branco, senhor do trovão, cujo amor ficou na história, resistindo aos séculos. E a bela Julia, que não se sabe se entrará para imortalidade, como a sua feliz visinha, na história trágica do seu frustado amor.

E à Igreja da Graça, cheia das graças da Mãe de Deus, aquela hora crepuscular em que os estudiosos do passado evocavam a figura ditosa de Catarina, esquecidos ou indiferentes à tragédia da outra, entrava o cortejo de um casamento, no dia em que êles de preferencia se fazem — dia de S. José — como auspiciosa promessa de felicidade.

A igreja inundou-se de luzes e o canto da Ave-Maria encheu o ambiente de ternura e de saudades.

*
* *

Como é que a gente não há de trazer recordações da Bahia?...

Florianópolis, 20/4/1949.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Carta de uma órfã, às outras órfãs

Eu sempre desejei saber o gosto amoroso de um beijo materno...

Sempre sonhei com um carinho e com o prazer de mãos benfazejas alisando os meus cabêlos e as minhas faces...

Meus ouvidos nunca sentiram a música suave de uma cantiga para adormecer...

Nunca ninguém me chamou "minha filha" — e eu, não tive nunca o prazer de chamar alguem de "minha mãe"

Quando eu nasci, já meu pai havia morrido mêses antes, e minha mãe morreu quando eu tinha, apenas, seis mêses de vida sôbre a terra.

Fui criada, até fazer oito anos, por uma velha tia, pobre e doente... e quando ela foi para o hospital, levaram-me para um asilo.

Lá, com as minhas companheiras de infortúnio, éra, apenas, uma reclusa...

Arbusto que se criava, sem apresentar esperança de vir a ser uma arvore mais tarde, para dar sombras e frutos...

Sofri as consequências naturais de uma educação austéra, sonhando com a liberdade e ardentemente desejando um carinho que me trouxesse a certeza de que era, enfim, uma creatura igual às outras...

.....

Fiz-me moça — e a minha mocidade se restringuiu à obediência céga dos regulamentos internos do asilo.

Trabalho, silêncio, isolamento — e sem um coração amigo, para desabafar o que me ia n'alma.

Para mim, a vida era um desejo obstinado de ser livre...

Às vezes, vinham à mente, pensamentos sinistros.

Eu não éra de ninguem, não tinha ninguem, nem afeições de ninguem — nem carinhos, nem amigas!

Dentro de mim, estuavam crepitantes, as chamas abrazadoras de alguma coisa que eu não sabia o que fosse...

.....

Um dia, prêsa da maior de tôdas as angústias sentí a tremenda necessidade de adormecer, para acordar na outra vida...

E pensava como fazê-lo.

Alguma coisa extranha, misteriosa, se passou, então.

Alguem se aproximava de mim.

Sentí nos cabêlos e nas faces, uma carícia demorada e suave.

Depois uma vóz doce, muito amorosa, me disse claramente: —"

—"MINHA FILHA...

Muda de espanto e de alegria, tudo compreendi...

E compreendendo tudo, pensei nessas infelizes que, não sendo órfãs, eram muito, muito e muito mais desgraçadas do que eu...

.....

Passaram-se alguns anos.

Casei-me.

Tenho dois filhinhos, que são o encanto de minha vida.

Dou-lhes o que nunca tive.

É para vocêis, órfãs, esta carta.

Hoje, posso dizer: órfãs, não somos nós! São aquelas que, tendo mães, as desprezam e fazem-nas verter lágrimas de dôr e de vergonha!...

OSVALDO MELO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Digressões Antroponímicas

HENRIQUE FONTES

(De um trabalho sôbre os nomes das Magistrandas de 1947 do Colégio Coração de Jesus, que à sua turma deram o nome do autor)

(Continuação)

CÉLIA

1. CÉLIO e CÉLIA são oriundos de um nome gentilício romano (ver **Antônio**). **Caelia** ou **Coelia** era uma **gens** plebéia, cujos cognomes eram **Caldus** e **Rufus** e cujo fundador foi, segundo a lenda, o tusco **Caeles Vibenna**, que também teria dado o nome a uma das sete colinas da antiga cidade de Roma, o monte Célio — **mons Caelius.**

2. **Célia** é nome querido de poetas, talvez por se lhes afigurar sinônimo de "celeste". Na literatura inglesa, no poema alegórico **Faerie Queen** ("Rainha das Fadas"), de Edmund Spenser (1552-1599), **Célia** é a mãe de **Fidélia (Fé)**, **Speranza (Esperança)** e **Charissa (Caridade)**; e **Célia** foi o nome que Thomas Carew, poeta do século XVII, deu à mulher desconhecida a quem amou.

Sob o nome de **Célia**, em écloga escrita em espanhol, cantou Francisco de Sá de Miranda a D. Isabel Freire, formosíssima senhora portuguesa, inspiradora de Garcilaso de la Vega (**Obras Completas**, Livraria Sá da Costa, vol. I, Célia, págs. 180 a 187).

Em versos bucólicos de Diogo Bernardes, aparece também uma **Célia** (**Obras Completas**, Livraria Sá da Costa, vol. II, écloga IV, pág. 36).

No **Desenganado**, de Francisco Rodrigues Lôbo, há uma "fermosa Célia", por quem padece o pastor Arcélio:

"A ti fermosa inimiga,
Cuja beleza e rigor
Me cativa por amor
E por cruel me castiga,
Arcélio, a quem tanto obriga
Seu bem nascido cuidado,
Ainda que desenganado
De alcançar o que procura,
Te roga tanta ventura
Quanta o Céu lhe tem tirado.
. . . . . .
E verás minha esperança
Com quão pouco se contenta,
Tua condição isenta
Me fêz no pedir cobarde,
Peço humilde, e peço tarde,
Receoso e tartamudo,
E, inda que me negues tudo,
Célia em tudo o Céu te guarde".

(**Obras Políticas**, págs. 408 e 409)

Num idílio de Antônio Ferreira, pergunta um pastor:

"Que voz, que som, ó Célia, ao teu divino
Nome se igualará ?".

(**Poemas Lusitanos**, Livraria Sá da Costa, vol. I, Tévio, pág. 213)

DIRCE, DIRCEU

1. DIRCE foi, segundo a mitologia, casada com Lico, rei de Tebas, na Grécia. Havendo maltratado Antíope, primeira mulher de Lico e mãe de Anfião e Zeto, foi por êstes ligada às aspas de um touro bravíssimo, que a despedaçou no monte Citéron, ao norte de Tebas; mas os deuses, condoídos de sua desgraça, ali a converteram em fonte, que foi consagrada às musas.

A morte de Dirce está representada no célebre grupo de mármore chamado "Touro Farnese", obra de dois escultores asiáticos do séc. I antes de Cristo, existente no Museu de Nápoles. A mesma cena figura em moedas, relevos, pinturas de vasos e pedras gravadas (ver Pierre Lavedan, **Dictionnaire Illustré de la Mythologie**, pág. 47).

2. **Dirce**, grego **Dírke**, é de significação desconhecida. **Lico**, grego **Lykos**, quer dizer "lôbo"; e **Antíope**, grego **Antiópe**, pode ser interpretado como "a que olha contra", "a que encara", "a que olha frente a frente". Para **Zeto**, grego **Zêthos**, e **Anfião**, grego **Amphíon**, aventou-se a hipótese de serem formas reduzidas de **zá-thoos** e **Amphí-thoos**, traduzidos respectivamente por "intercursor" (alemão "Durchläufer") e "rodeador" (alemão "Umläufer" (August Fick, **Die griechischen Personennamen**, pág. 426).

3. **Dirce** deu origem ao adjetivo **dirceu** (grego **Dirkaios**, latim **Dircaeus**), cuja significação primitiva de "pertencente a Dirce" se ampliou para designar o que era "tebano", porque em território tebano ficava a fonte Dirce. Assim, o poeta Píndaro, nascido em Cinocéfalas, perto de Tebas, é, para Horácio, o "cisne dirceu" (**Dircaeus cycnus**, Odes, 4, 2, 25); e Anfião, que edificou os muros de Tebas com pedras que arrastava com os sons de sua lira, é chamado por Vergílio "Anfião dirceu" (**Amphion Dircaeus**, écloga II, 24).

4. A essa estupenda façanha de Anfião alude Horácio, após lembrar o poder da música de Orfeu, que domava tigres e leões:

"Dictus et Amphion, Thebanae conditor urbis
Saxa movere sono testudinis et prece blanda
Ducere quo vellet".

(**Arte Poética**, versos 394 a 396)

"Diz-se também que Anfião, fundador da cidade de Tebas, movia as pedras como o som da lira e as levava, com branda prece, para onde queria".

Os dois músicos irresistíveis são evocados em pedido que a Apolo dirige um amoroso pastor de Rodrigues Lôbo:

"Inspirai novamente
Em meu rústico canto
Graça e favor celeeste,
. . . . . .
Fazei que possa tanto
A minha frauta agreste
Que iguale e vença os plectros celebrados
Dos que na idade de ouro
Gozaram tal tesouro.
Já noutro tempo Orfeu
De só vosso querer favorecido
As almas suspendeu do reino escuro,
Obedecer-lhe veio
O cérbero cruel fero atrevido,
Que abrandou com seu canto o peito duro,
Tirou livre e seguro
A desejada espôsa
Eurídice, cantando
Daquele eterno e cego labarinto.
. . . . . .
Abrandava os penedos,
Os tigres e as panteras amansava,
Detinha o turvo rio arrebatado,
Levava os arvoredos,
E as montanhas trás si, quando cantava,
Anfião, que de vós era ajudado".

(**Obras Políticas**. O Pastor Peregrino, pág. 299)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Aos dois músicos também se refere Cláudio Manuel da Costa, falando aos montes, entre os quais ia "cantar de amor ternos cuidados":

"Já vós vistes que aos écos magoados
Do trácio Orfeu parava o mesmo vento;
Da lira de Anfião ao doce acento
Se viram os rochedos abalados".

(**Obras Poéticas,** vol. I, pág. 103).

Dêles ainda se lembra na "Saudação" dirigida à Arcádia Ultramarina:

"Orfeu pulsa de novo a doce lira,
Ouve Tebas de novo o plectro grave;
Seu número é mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno".

(Idem, vol. II pág. 73)

Dêles igualmente se lembra Tomás Antônio Gonzaga, em versos que, do cárcere em que aleivosamente o sepultaram, endereçou a Cláudio, cuja desdita êle ignorava:

"Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos atraía.

De outro destro cantor também afirma
A sábia antiguidade
Que as muralhas erguera
De uma grande cidade".

Por isso, ao amigo, que, na lira, pode fazer prodígios e fazer mais ou tanto, suplica:

"Toma a lira dourada,
E toca um pouco nela;
Levanta a voz celeste.
Em parte em que te escute a minha bela;
Enche todo o contôrno de alegria;
Não sofras que o desgôsto.
Afogue em pranto amargo.
O seu divino rosto."

(**Marília de Dirceu,** parte II, lira 7ª, Livraria Sá da Costa, págs. 90 e 91)

E, para igualar a Anfião, como já o quisera o apaixonado pastor de Rodrigues Lôbo, e para, assim, poder encantar a juvenil Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, é que, certamente, tomara o quarentão Gonzaga o nome **Dirceu,** que Virgílio dera a Anfião:

"Marília, de que te queixas?
De que te roube Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu primeiro, Marília,
Não lhe lançaste o grilhão?"

(Idem, parte I, lira 8ª, pág. 19)

E os versos do novo **Dirceu** renderam a jovem, comoveram e comovem os estranhos, transportando os nomes idílicos do poeta e da sua amada para o prosaismo da sociedade, que passou a ter **Dirceus** e **Marílias.**

DULCE, ALDONÇA, DULCINÉIA

1. DULCE é o adjetivo latino **dulcis** "doce, agradável, suave", tornado nome de mulher.

Como nomes pessoais, constam do calendário os superlativos **Dulcíssimo,** a 8 de julho, e **Dulcíssima,** a 16 de setembro. Lá também figuram **Dulcédio, Dulcídio** e **Dulcilino.** Outros derivados de **dulcis** são **Dulcício** e **Dulcina.**

A significação de "doce" cabe aos nomes vindos do grego **Glícera, Glicério, Glícia** e **Glicon.**

2. Outrora, usou-se, em Portugal, a forma vernácula **Doce,** em vez da alatinada **Dulce. Dona Doce** foi mulher do rei D. Sancho I, tendo falecido em 1198 (J. J. Nunes, **Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica,** pág. 100). Alexandre Herculano chama-lhe **Dona Dulce (História de Portugal,** vol. III, pág. 241). Assim também a designa o Padre Rafael Bluteau, que lhe identifica o nome com **Aldonça: "Aldonça,** que também se diz **Dulce,** ou **Suave,** foi muito usado; e tivemos uma rainha dêste nome, mulher de D. Sancho Primeiro" **(Suplemento ao Dicionário).** Para essa identificação, é a sílaba inicial de **Aldonça** considerada como sendo o artigo árabe **al,** conforme explica o velho dicionarista espanhol Covarrubias: **"Al** es artículo, y el nombre **donza** está corrompido de **dolze:** esta conjetura se toma de lo que escriben las histórias de que **Da. Dolze,** hija de Gilberto, conde de Provenza, casó con D. Ramón Arnaldo, conde de Barcelona, y a esta mesma, corrompido el vocablo, y añadiendole el artículo arábigo, la llamaron **Da. Aldonza,** y de allí en adelante las demás se llamaron **Aldonzas,** que vale tanto como **dulces"** (Dr. Pedro Felipe Monlau, **Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana).**

3. Nenhuma ligação etimológica há, contudo, entre **Dulce** e **Aldonça. Aldonça** é de procedência germânica: é o nome **Aldegund,** cujo elemento **gund** se interpreta como "guerra, guerreira", e também como sendo o nome de uma valquíria, e que, quando parte final, só aparece em nomes de mulheres, tais como **Aragonta** (alemão **Aragundis**) "guerreira da águia" ou "Gunde da águia", **Cunegundes** (alemão **Kunigunde**) "guerreira da raça" ou "Gunde da raça", **Fredegunda** (alemão **Fridegunde**) "guerreira da paz", **Radegonda** (alemão **Radegunde**) "guerreira do conselho" ou "Gunde do conselho", etc. O primeiro componente de **Aldegund** pode ser interpretado como **alt** "velho", como o sentido derivado de "experiente, prudente", ou também como sendo **adal,** "nobreza, nobre", com transposição do **l** da segunda para a primeira sílaba. **Aldegund** deu em português antigo **Aldegúndia** (Dr. J. Leite de Vasconcellos, **Antroponímia Portuguesa,** pág. 47), de onde saiu **Aldonça,** a que corresponde o castelhano **Aldonza.**

Aldonça é, assim, de se interpretar como "guerreira prudente", "Gunde prudente", ou "nobre guerreira", "nobre Gunde".

Note-se que há as formas **Aldegundes** e **Adelgundes,** constantes do calendário a 30 de janeiro e a 20 de junho, respectivamente.

4. A equivalência entre **Dulce** e **Aldonça** é que há de ter levado o genial Miguel de Cervantes Saavedra, contemporâneo de Covarrubias, a criar o nome **Dulcinéia,** em espanhol **Dulcinea,** para a dama de quem D. Quixote se fêz paladino.

— **Dulcinéia,** — explica D. Quixote ao escudeiro Sancho Pança, — a sua Dulcinéia, rústica mulher do povo, que não sabe escrever nem ler, e a quem, em doze anos de adoração, êle não vira nem quatro vêzes, podendo mesmo ser que ela, nem uma só vez, em tal houvesse reparado; Dulcinéia é a filha de Lourenço Corchuelo e de Aldonça Nogales.

Ao que, espantado, volve Sancho:

— "Tenha lá mão; pois a filha de Lourenço Corchuelo é que é a senhora Dulcinéia del Toboso, chamada por outro nome Aldonça Lourenço?"

E o cavaleiro manchego confirmou, solenemente:

— "Essa é; é essa a que merece ser senhora do universo" (**El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha,** edição de W. M. Jackson, vol. I, pág. 257; tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo, vol. I, pág. 249).

5. O nome e a figura de Dulcinéia, acompanhando a glória do romance de Cervantes, popularizaram-se e das letras espanholas passaram para outras línguas e literaturas; e, pela sua melodia, vai **Dulcinéia,** no Brasil, sendo tomado para nome de batismo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

PELA HISTÓRIA

O Carnaval no tempo da nossa Independência.— Há 127 anos decorridos

Ao distinto amigo jornalista
João Kuehne

José Lupércio Lopes

Para que possamos ajuizar e compararmos dos folguedos carnavalescos no Rio de Janeiro, antiga Côrte, no ano da Independência do Brasil, com os mesmos folguedos em honra ao Momo, tanto na Capital do ex-Império, como atualmente na capital da República e mesmo nos diversos Estados da Federação, reproduzimos, como novidade curiosa e interessante, alguns informes outróra publicados por escritores de nomeada, atualmente já desaparecidos dêste planeta, e que, si vivos fossem, certamente muito teriam que se admirar, comparando as populares festas ao Rei da Folia, com os festejos que atualmente presenciamos — quer aqui, neste pedaço querido do Brasil, quer na própria capital do Rio de Janeiro — a Cidade Maravilhosa.

Reuniremos neste informe alguns dados de um Anuário editado em 1823 e outros relatos dos jornais "O Espelho", "A Malagueta" e a "Vespa". Nunca houve, até então, tão belo Carnaval.

Organizou-se em 1823 e neste mesmo ano desapareceu uma sociedade carnavalesca para as homenagens a Momo, denominada "Cavaleiros da Folia". Dela faziam parte rapazes e moças das principais famílias, sendo presidente honorário o principe D. Pedro e presidente efetivo, um filho do Visconde do Rio Branco. Apareceu o prestito, composto de oito carruagens e 36 cavaleiros.

Não se faziam carros de crítica como hoje.

No primeiro carro estava o filho do Visconde de Rio Secco, ladeado por uma irmã e pela filha do comendador Vitor da Silva Pinto. O rapaz se fantaziára de Luiz XIV, e empunhava um estandarte de seda com bordados de ouro, exprimindo o nome e a data da fundadação da sociedade. Em baixo, as palavras: "Evohé!!! Evohé!!!".

A **primeira carruagem** rodava puxada por quatro fogósos cavalos brancos, cada qual montado por um **jokey** vestido de escarlate.

A senhorinha Silva Pinto representava Dona Isabel, da Inglaterra e a outra companheira Dona Catarina da Rússia.

No segundo carro, puxado por animais pretos, viam-se os representantes do Olympo: Jupiter — Juno — Venus — Apolo e Cupido, êste representado por uma linda criança, filha do camareiro-mór do Paço.

No terceiro carro homenagem à princeza Leopoldina, havia personagens gloriosas da Austria: Maria Teresa, representada pela condessa de Belmonte; Francisco I, representado por D. José Placido; Metternich, por D. Paulo de Souza, sobrinho do duque de Palmela e três crianças simbolizando a Justiça, a Glória e a Felicidade.

No quarto carro — Orpheu, ao lado de Psyché cercado pelas três Musas e três Graças.

No quinto carro — Homenagem a D. Pedro, viam-se vultos notáveis da História Portuguêsa; no meio de todos, em logar elevado, o duque de Bragança, fundador da dinastia bragantina; em torno dele, D. Manoel e Cabral; Afonso Henriques e Nuno Alvares, D. José I e Pombal.

O sexto carro era composto sòmente de senhoras e senhorinhas que cantavam ao som de bandolins e guitarras, êstes versinhos:

— "Em um navio de cirus,
Vejo, enfim, o meu amor,
Quebrando um grilhão pesado,
Da Pátria amada em louvor.

Já na trombeta da fama
Sôa com graça e vigor;
Viva o Principe Regente,
D. Pedro, nosso Senhor.

Do trono mais elevado
Só Êle será sucessor;
Da nossa terra querida
Será Êle Imperador".

Os cavalheiros, quando as damas terminavam, repetiam os dois versos finais, em estribilho:

— "Viva o Principe Regente,
Dom Pedro, nosso Senhor".

Tão grande impressão causaram no ânimo de D. Pedro êstes versinhos que, logo depois, quando os habitantes da Vila Rica organizaram as festividades em honra do Principe, que a visitava, encarregaram o poeta local, Francisco Xavier da Câmara, de recompô-los, para a solenidade.

De fato, ao entrar o principe no Paço da Câmara, trinta moças de Vila Rica, ao som de música em surdina, entoavam os versos do poeta Francisco da Câmara, mais ou menos como os dos "Cavaleiros da Folia".

Nos três últimos carros, senhoras e cavalheiros cantavam, quando os da frente se calavam, a quadra que servia de divisa para a sociedade:

— "Si a vida tôda se tece
Nos fios do Bem e do Mal,
Cariocas, a grande messe,
É gozar o Carnaval".

Riquíssimas eram tôdas as indumentárias. Porém, a mais bela fantazia foi a da senhorinha Silva Pinto: — um vestido azul de princeza, com orlas de lindas e legítimas pérolas no cólo, realçadas por um colar de brilhantes no pescoço; em cima de cada seio, uma tecedura de ouro, circular, tendo no centro uma grande esmeralda; na cintura uma linda faixa de seda branca, bordada a ouro, presa por artística fivela de precioso metal, cravações de rubís e safiras.

Na cabeça um diadema, de prata doirada, com rubís e safiras.

O cronista afirmava que essa "toilete" certamente valeria, incluindo-se as joias, cerca de quarenta contos de réis. Para o tempo, era isso uma fortuna, sabendo-se que a chácara do Simon, compreendendo quase todo o bairro do Catete, fôra vendida por 16:500$000 em 1809 e a chácara da Glória, que compreende (hoje) três ruas, foi adjudicada, em 1817, pelo coronel Matias da Silva Pinto aos duques de Cadaval, por 8:000$000 e por estes revendida, dez anos depois, ao Marques de Jundiaí, por 15:000$000

O percurso do prestito foi o seguinte:

Ponto de partida: A chácara Sisson. Trajéto: Largo e rua da Glória, rua do Aterrado (hoje do Passeio; da Ajuda (hoje, em parte, Senador Dantas; largo do chafariz da Carioca (hoje Largo da Carioca); rua do Piolho (hoje Tiradentes); Rua do Conde (hoje Visconde de Rio Branco); campo de Sant' Ana (hoje Praça da República); Rua S. Joaquim (hoje Marechal Floriano); Rua do Fogo (hoje dos Andradas); Rua do Ouvidor, até a Rua Direita (hoje Primeiro de Março); Largo do Paço (hoje Praça Quinze).

Neste largo estiveram meia ho-

MATRIZ
Rua 15 de Novembro, 533
Caixa Postal, 90 - Fone 1085
Blumenau — Sta. Catarina
End. telegr.: "Siewert"

GRAFICA 43 S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FILIAL
Rua João Pinto 9-A
Fone 1407-Caixa postal, 309
Florianópolis-Sta. Catarina
End. telegr.: "Siewert"

IMPRESSOS EM TIPO LITOGRAFIA E OFSETT — LIVRARIA
— PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIOS E ESCOLAR

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ra em batalha de laranjinhas, entre cavalheiros do préstito e damas das sacadas do palácio, enquanto as senhoras, no sobrado do comendador Silva, descansavam e se dessedentavam com refrescos.

Do Paço seguiram pela Rua da Cadeia (hoje da Assembléia); Rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias); dai tomando a Rua da Vala (hoje Uruguaiana) até o cruzamento com a do Sabão (hoje General Câmara); que subiram até a última esquina, donde, atravessando a Rua da Viola (Teofilo Otoni); tomaram o rumo do campo de Sant'Ana, dissolvendo-se aí o admirável cortejo dos "Cavaleiros da Folia".

Depois deste Carnaval, em que tomaram parte as mais fidalgas famílias do Rio, só houve um outro em 1862, assim descrito por outro cronista:"

"Numa escaldante tarde de fevereiro de 1862, terça feira de Carnaval, descendo pela Rua de São Pedro em direção á Rua Direita (1º de Março), vinha um imponente conjunto de cavaleiros montados em animais de pura raça, ricamente preparados, areios de prata e mantas de pura seda.

Em carros, as mais distintas famílias da cidade, davam a nota "chic", com variadas e riquissimas fantazias.

Na direção da Rua do Ouvidor o povo premia-se. Era o "Club X" que pela primeira vez aparecia ao povo carioca. Préstito pequeno, mas rico, só alegorias mitológicas. O carro do Estandarte, puxado por dois camelos, assombra o povo, que não sabe o que mais admirar, tal o luxo e explendor de tudo quanto lhe apresentam.

O préstito segue, vagarosamente, passando pela rua da Vala (Uruguaiana); do Piolho (Carioca); Latoeiros (G. Dias) e muitas outras, recolhendo-se alta noite (cerca de dez horas — bons tempos!) a um barracão situado no caminho de "Mata-Porcos".

O Carnaval de hoje é mais "republicano".

Nos préstitos desapareceu a nota "chic" e brilhante da alta sociedade.

Mulheres semi-nuas **escarrapichadas** em "poleiros" de papelão, ostentam a sua impudicícia aos olhos maliciosos da plebe ululante e histericalizada. Um milhão de criaturas de tôdas as cores morais e sociais deblatera-se no centro da cidade devassa e alucinada, pletorando a Avenida Rio Branco e adjacências em grande confusão !

Saudoso o Carnaval de há 107 anos; os almofadinhas e as melindrosas de 1922, certo ririam de vossa pomposidade ingênua, se ora resuscitaceis na Avenida Rio Branco ! Melhor prazer encontrariam êles nas canções de Momo, nas "aperturas" e "solavancos" da multidão histérica da Avenida, do que na ingênua canção patriótica e aúlica de "viva D. Pedro", ou na gracil reverência com que os cavalheiros se curvavam, distanciados, na presença das damas fantaziadas de deusas, rainhas e princezas. É que tudo passa ! ... E assim lá se foram o pudor e a modestia, a boa sociedade e a própria ordem.

S. José, março de 1949.

Santa Isabel

CENA UNICA

A Ildefonso Juvenal

(Isabel, ocultando os pães sob o manto, vai a saír, quando entra o Rei.)

Isabel (surpresa)
Meu senhor! **(Curva-se, humildemente. Pausa)**

Rei
Onde vais, e que ocultas nas dobras
do teu vestido de Rainha ? **(Áspero)** Acaso, as sobras
do meu Palácio vais distribuir pelos pobres,
sem que eu saiba ? ... Pois, tu não pertences aos nobres
e não sabes que nós, os de elevada casta,
não somos plebe vil que nas ruas se arrasta ? ...

Isabel (com dignidade)
Meu senhor ! Por quem sois ! Eu nada vos escondo,
e mentir, para mim, é como um crime hediondo !

Rei (com violência).
Por que tremes, então ? ... Por que te contradizes,
nesse teu próprio olhar ? ... **(Irônico)** Vês, por tudo, infelizes !
Andas, sempre, a encontrar gente que pede esmola ...
(Resoluto) Que queres ser ? Rainha ou mártir que se imola
em prol da fé cristã ? ... que queres ser ? Responde !
— não é a esmola, talvez, que em teu seio se esconde ? ...

Isabel (tristemente).
Meu senhor ! Duvidais de vossa casta espôsa ? ...
Que dúvida cruel ! E vosso espírito ousa
pensar que vos engano e vos desobedeço ? ! ...

Rei (Fanfarrão).
Sim ! Para o descobrir, eu paguei, por bom prêço,
meus vassalos fieis ! Tenho a prova do crime !
A tal acusação teu honor não se exime ! ... **(Sorri).**

Isabel (Suplicando).
Senhor ! não duvideis ! Senhor ! não duvideis
de que eu seja fiel e cumpra as vossas leis !

Rei (Alto).
Duvido e acuso a tí !

Isabel (Desolada).
A mim ? ! ...

Rei (Alto).
Não valem frases !
As mãos desprende, então! Mostra, afinal, que trazes? **(Pausa).**

Isabel (Suavemente, adiantando-se uns passos).
São rosas, meu senhor, são rosas, meu senhor ...
(Abre o manto, com as mãos cheias de rosas).

Rei (À parte baixa a fronte).
E eu duvidei ! Que horror ! Que horror ! Que horror !

Isabel (Olhando o céu).
Que horror ! ...

(As rosas continuam a caír e vão juncando o chão. Pano lento).

Pôrto do Conde, Junho de 1944.

ANTÔNIO LOURENÇO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Cristo, prisioneiro dos homens

Ester de Melo Lentz

A mesma lua, que hoje vemos inspirando romances de amor, poetas e pintores, êsse mesmo astro de luz pálida e fria, que rola pelo espaço, dando às noites beleza quase irreal, foi testemunha de uma cena inédita: "Numa noite de abril, há quase dois mil anos, quando magestosa, despontava atrás das montanhas e velhos muros de Jerusalém, reparou, surpresa, que no Monte das Oliveiras, um homem, de mãos cruzadas, orava.

O astro esperou que uma nuvem se afastasse para reconhecer quem ali estava àquela hora, numa atitude de sofrimento e, ao mesmo tempo, de resignação.

Era Jesus, que sabendo aproximar-se a hora suprema de seu sacrificio, no silêncio da noite, enquanto seus discípulos descançavam, ia pedir auxilio ao Pai, dizendo que afastasse Dêle o cálice de amargura, mas, se preciso fôsse, o sorveria até a última gota.

E era necessário que Deus desse fôrças aquêle Espírito, para ser levada ao fim a missão de sacrificar-se em favor da Humanidade.

A lua continuava a iluminar o maior drama que se desenrolava sôbre a face da Terra.

Enquanto o Mestre orava, e os discípulos que por ali se achavam dormiam, a multidão armada de paus e cordas ia se aproximando, afim de prendê-lo.

Cristo levantando-se perguntou: "A quem procuras?"

"A Jesus", responderam os homens.

"Aqui me tendes," disse meigamente o Nazareno, — sabendo que estava apenas principiando sua Via Crucis, — e recebeu em sua face o beijo de Judas, um dos discípulos que Êle amara tanto quanto a Pedro ou a Lucas. Era aquêle o discípulo que o traíra, passando à História como figura viva de ambição e falcidade.

Assim foi preso o maior dos Profetas e iria prestar contas à justiça dos homens por crimes que não cometera.

"Sacrificio inútil", pensou a lua, "pois êste mundo ingrato e mau jamais compreenderá aquela frase: "Amai-vos uns aos outros"; a ambição, a maldade, o orgulho e a inveja, hão de ter primazia no coração do homem, matando a semente que lançaste; haverá sempre um Judas para Te vender e trair. Mas, aqui estarei, todos os anos, nesta data, iluminando os caminhos por onde passaste, os lugares onde rezaste, afim de que a Humanidade má não Te esqueça e dentre os homens há de existir quem comemore com respeito e veneração o sofrimento do Filho de Deus que foi protagonista do maior drama da Humanidade.

AHASVERO!

Castorina Lobo de S. Thiago

Caminha para a frente, indómito Ahasvero,
Peregrino do Tempo, eterno torturado!
Carrega a tua cruz ao látego, severo
Das dores, que redimem o escravo do passado.

Deixa sangrar os pés nas urzes do caminho,
Nos cardos espalhados, levianamente,
Pela maldade atroz do teu sentir mesquinho,
Nessa incapacidade imensa, vil, demente!

Palmilha, passo a passo, a estrada do Calvário
Trilhada ha, quasi, dois milenios, por Jesus,
O Mestre Iluminado, o Excelso Missionario!

O roteiro traçou para as mansões de luz,
Ensinando aos mortais, num gesto extraordinário,
Como devem sofrer e carregar a Cruz!

Sexta feira santa de 1949

O Mártir do Calvário

Ester de Melo Lentz

Humilde, pálido, sereno,
Sóbe o Calvário o meigo Nazareno.
Embora fôsse Espirito de luz;
Os homens maus deram-lhe uma cruz.
Na terra — amou, perdoou, exemplificou
Jamais pessoa alguma condenou.
Suas mãos — irradiavam poder divino,
Suas palavras — suaves como um hino,
Os paraliticos e cegos curaram,
Os infelizes e sofredores consolaram.
Pregou o amor, o perdão, a caridade,
Baseado sòmente no Espirito de Verdade.
Na terra, sua missão cumpriu
Para Deus, o Mestre Amado subiu.
Como símbolo de fé, Êle nos legou a Cruz.
Como símbolo de amor, temos Jesus.

Abril 1949.

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exija-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas:

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções.

Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITO'RIO E DEPOSITOS:

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica: CAMBIRÉLA, mun. de Palhoça

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Estatística Esportiva

NELSON MAIA MACHADO

OS CAMPEÕES CARIOCAS DE FUTEBOL

Liga Metropolitana de Desportos Terrestres

1906 — Fluminense
1907 — Não foi disputado
1908 — Fluminense (invicto)
1909 — Fluminense (invicto)
1910 — Botafogo
1911 — Fluminense (invicto)
1912 — Paisandú
1913 — América
1914 — Flamengo
1915 — Flamengo (invicto)
1916 — América
1917 — Fluminense
1918 — Fluminense
1919 — Fluminense
1920 — Flamengo (invicto)
1921 — Flamengo
1922 — América
1923 — Vasco
1924 — Vasco

Associação Metropolitana de Esportes Atléticos

1924 — Fluminense
1925 — Flamengo
1926 — São Cristovão
1927 — Flamengo
1928 — América
1929 — Vasco
1930 — Botafogo
1931 — América
1932 — Botafogo
1933 — Botafogo

Liga Carioca de Futebol

1933 — Bangú
1934 — Vasco
1935 — América
1936 — Fluminense

Federação Metropolitana

1934 — Botafogo
1935 — Botafogo
1936 — Vasco

Federação Metropolitana de Futeból

1937 — Fluminense
1938 — Fluminense
1939 — Fluminense
1940 — Flamengo
[illegible] — Fluminense
1942 — Flamengo
1943 — Flamengo
1944 — Flamengo
1945 — Vasco (invicto)
1946 — Fluminense
1947 — Vasco (invicto)
1948 — Botafogo

OS CAMPEÕES PAULISTAS DE FUTEBOL

Liga Paulista de Futebol

1902 — S. Paulo Atlétic
1903 — S. Paulo Atlétic
1904 — S. Paulo Atlétic (invicto)
1905 — Paulistano (invicto)
1906 — Germânia
1907 — Internacional (invicto)
1908 — Paulistano
1909 — A. Palmeiras
1910 — A. Palmeiras
1911 — S. Paulo Atlétic
1912 — Americano (invicto)
1913 — Americano (invicto)
1914 — Corintians (invicto)
1915 — Germânia
1916 — Corintians

Associação Paulista de Esportes Atléticos

1913 — Paulistano
1914 — São Bento
1915 — A. Palmeiras (invicto)
1916 — Paulistano
1917 — Paulistano
1918 — Paulistano
1919 — Paulistano
1920 — Palestra
1921 — Paulistano
1922 — Corintians
1923 — Corintians
1924 — Corintians
1925 — São Bento
1926 — Palestra (invicto)
1927 — Palestra
1928 — Corintians
1929 — Corintians (invicto)
1930 — Corintians
1931 — São Paulo
1932 — Palestra (invicto)
1933 — Palestra
1934 — Palestra
1935 — Portugueza
1936 — Portugueza

Liga de Amadores de Futeból

1926 — Paulistano
1927 — Paulistano (invicto)
1928 — Internacional
1929 — Paulistano

Federação Paulista de Futeból

1935 — Santos
1936 — Palestra
1937 — Corintians
1938 — Corintians
1939 — Corintians
1940 — Palestra
1941 — Corintians
1942 — Palmeiras, ex-Palestra
1943 — São Paulo
1944 — Palmeiras
1945 — São Paulo
1946 — São Paulo (invicto)
1947 — Palmeiras
1948 — São Paulo

OS VENCEDORES DO TORNEIO INICIO DO CAMPEONATO PAULISTA

1919 — Corintians
1920 — Corintians
1921 — Corintians
1922 — A. Palmeiras
1923 — A. Palmeiras
1924 — Paulistano
1925 — A. Palmeiras
1926 — Auto
1927 — Palestra
1928 — Santos
1929 — Não foi disputado
1930 — Palestra
1931 — A. Santista
1932 — São Paulo
1933 — Não foi disputado
1934 — Não foi disputado
1935 — Palestra
1936 — Corintians
1937 — Santos
1938 — Corintians
1939 — Palestra
1940 — São Paulo
1941 — Corintians
1942 — Palestra
1943 — S.P.R.
1944 — Corintians
1945 — São Paulo
1946 — Palmeiras, ex-Palestra
1947 — Portugueza
1948 — Ipiranga

O VASCO NO CAMPEONATO CARIOCA

1923 — Campeão
1924 — Campeão
1925 — 3º lugar
1926 — Vice-campeão
1927 — 4º lugar
1928 — Vice-campeão
1929 — Campeão
1930 — Vice-campeão
1931 — Vice-campeão
1932 — 5º lugar
1933 — 3º lugar
1934 — Campeão
1935 — Vice-campeão
1936 — Campeão
1937 — 3º lugar
1938 — 3º lugar
1939 — 6º lugar
1940 — 3º lugar
1941 — 4º lugar
1942 — 7º lugar
1943 — 4º lugar
1944 — Vice-campeão (junto com o Botafogo)
1945 — Campeão (invicto)
1946 — 5º lugar
1947 — Campeão (invicto)
1948 — Vice-campeão

POMADA MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL
PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Banco Indústria e Comércio de S. Catarina S. A.

Foi comemorado na intimidade o primeiro decenio da fundação, nesta Capital, da filial do Inco

Na manhã de domingo, de 27 de março último, a filial do Banco INCO, desta praça, oferecia um aspecto desusado. Achavam-se reunidos alí o dr. Rodolfo Renaux Bauer, Diretor Gerente; o Sr. Acary Silva, Gerente; o Sr. Paulo Mendonça, Contador; e os funcionários da Agência.

Às dez horas, como fôra noticiado pela imprensa local, o Sr. Acary Silva, dando início ao ato, pronunciou um belo e conceituoso improviso. Primeiramente, salientou alí a presença do sr. Rodolfo

GENÉSIO MIRANDA LINS
Diretor-Superintendente

Renaux Bauer, Diretor Gerente e, no momento, representante autorizado da Diretoria. Rememorou com satisfação o início da criação da Filial nos baixos do Edifício La Porta, há dez anos, a qual, por feliz coincidência, contara com o ilustre dr. Rodolfo Renaux Bauer como seu primeiro Gerente. Aquele gesto simpático de seus subordinados, oferecendo à Casa a placa comemorativa do primeiro decênio, era em verdade um testemunho da confiança que os mesmos depositavam no critério da Direção Geral. Salientou o formidável desenvolvimento da Agência de Florianópolis, que resultava da abnegação e da inteligência de seu quadro funcional e também da preferência que o público florianopolitano lhe dava. Finalizando, depois de ter invocado com conhecimento de causa a história do Banco INCO, em nome dos funcionários alí representados pediu ao Dr. Rodolfo Renaux Bauer a bondade de inaugurar a placa comemorativa de tão auspiciosa data.

Sob estrondosa salva de palmas, o dr. Rodolfo Renaux Bauer descerrou a placa, que mostrava a seguinte inscrição: — "AO BANCO INDUSTRIA E COMERCIO DE SANTA CATARINA S. A. — FILIAL DE FLORIANÓPOLIS — EM COMEMORAÇÃO DO 10º ANIVERSÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO — HOMENAGEM DOS FUNCIONARIOS DESTA FILIAL — 27/3/39 — 27/3/49."

O Sr. Paulo Mendonça, na qualidade de Presidente do Grêmio Esportivo Inco, associou-se às manifestações alí prestadas ao Banco INCO, por motivo do 10º aniversário da fundação da Filial de Florianópolis. Explicou que era sem dúvida uma homenagem singela, mas muito significativa que os seus colegas tão justiceiramente estavam prestando ao Estabelecimento. Partindo de todos os cole-

Dr. Rodolfo Renaux Bauer
Diretor-gerente

gas, como partiu a idéia do oferecimento da placa, êles continuavam fiéis à divisa do Grêmio, que ditava: — "Um por todos; todos por um." E realmente assim acontecia, visto os funcionários se unirem para festejar uma data que representava mais uma vitória do Banco INCO.

Cessadas as palmas, o Sr. Sebastião Vieira leu oportuno discurso. Por absoluta falta de espaço, só transcreveremos o final da bela peça, que é o seguinte: — "Nós, funcionários desta Agência, estamos satisfeitos em podermos homenagear a nossa Casa de trabalho. Que essa placa tão singela seja sempre vista como um pedacinho do nosso coração agradecido. Apenas isto, sem alarde, sem publicidade, sem intenção outra que não a da nossa sinceridade. E como não ser assim? A nossa festa de hoje é simplesmente uma festa de família: FESTA DA FAMILIA INCOANA!"

Após os aplausos, o Dr. Rodolfo Renaux Bauer falou, à moda rotariana, pelo espaço de quarenta minutos. Inumerando cifras e alinhando dados, apresentou uma magnifica exposição do crescimento e progresso do Banco INCO, no Estado e fora dele. Destacou que só a folha de pagamento do Banco em Santa Catarina soma a respeitável quantia de mais de um milhão de cruzeiros, mensalmente. Falou no espírito democrático da Diretoria, fazendo de muitos funcionários, que começaram como simples continuos, altos funcionários de seu quadro de dirigentes. O próprio Diretor Superintendente, Sr. Genésio Miranda Lins era o exemplo máximo, pois que, no Banco do Comércio, ainda adolescente, começara a sua carreira bancária como encarregado da limpeza daquele estabelecimento. Acrescentou que, atualmente, sem favor, o Sr. Genésio Miranda Lins é o mais completo banqueiro do Estado de Santa Catarina. Parecia-lhe assim natural que com tais precedentes nenhum funcionário com

ACARY SILVA
Gerente da filial

aspiração a subir poderia deixar-se vencer pela desconfiança ou desânimo. Todos os capazes seriam convenientemente aproveitados, conforme critério já estabelecido. Apelava, assim, para o esfôrço conjunto de todos para o maior progresso do INCO, porque quanto maior fôsse a sua prosperidade melhor seria o índice de vida de seus funcionários. Terminando, ergueu o corpo pela felicidade pessoal de cada um alí presente e de suas famílias.

O Dr. Rodolfo Renaux Bauer foi vivamente cumprimentado pela maneira interessante com que soubera conduzir a sua formosa e objetiva palestra. Depois, os presentes se serviram de doces e bebidas finas. Nessa ocasião, foram trocados muitos brindes, inclusive o levantado à imprensa barriga-verde, a qual nunca negara estímulo ao vitorioso INCO.

ATUALIDADES, que sempre mereceu o irrestrito apôio do Banco INCO na sua campanha de propagar a cultura em nossa querida terra, não só regista com prazer tão auspicioso acontecimento, como aponta respeitosamente à admiração pública os nomes de Genésio Miranda Lins, Cônsul Carlos Renaux, Irineu Bornhausen, Bonifácio Schmidt e Otto Renaux, que foram os incorporadores e integrantes da primeira Diretoria do

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Banco Inco — Filial de Florianópolis

Banco, fundado em Itajaí, em 23 de fevereiro de 1935.

Fora de dúvida, o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A., pelo seu formidável desenvolvimento, vem elevando bem alto o nome do nosso Estado e os seus dignos dirigentes dão ao povo brasileiro um atestado convincente da capacidade administrativa dos catarinenses.

ATUALIDADES apresenta cumprimentos à Diretoria do INCO, à Gerência e ao corpo de funcionários da filial desta Capital pelo transcurso do primeiro decênio de sua fundação.

DR. ORLANDO FILOMENO

Cirurgião-Dentista

(20 anos de prática)

Vários Cursos de Especialização em dentaduras

Consultório

Avenida Hercílio Luz, 69 esquina da Rua Fernando Machado

LIVRARIA ATLAS

Florianópolis, — Rua Felipe Schmidt, 52

(Livros para os Estudantes e Profissionais)

Oferecemos o que de mais moderno há em literatura, medicina, e veterinaria, odontologia, advocacia, administração, contabilidade, ciências e tecnica-industrial. Dicionarios de tôda especie. Vindo à capital não deixe de visitar este importante estabelecimento a Serviço da Cultura Nacional.

Fornecemos qualquer livro para o interior — Peçam catalagos, mencionando o râmo desejado.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

JANICE

Romance de JOSÉ CORDEIRO

(Continuação)

III

Ernesto teve de interromper a narrativa.

O telefone tocou; o próprio Frei Gabriel foi atender:

— Pronto — disse êle. — É o Vigário, sim. É êle mesmo. Absolutamente, minha senhora! Não há inconveniente algum. É êste o meu dever de sacerdote. Perfeitamente. Esperarei meia hora. Nada tem que agradecer! Até já, e não se aflija.

Depôs o auricular do aparelho telefônico no receptáculo que lhe corresponde, e veio sentar-se à poltrona que ocupava antes. Acomodou-se bem; e dirigindo-se a D. Júlia, disse:

— Sou forçado a deixá-los. Tenho que sair. Vou ministrar os últimos sacramentos a um moribundo.

— Então nós também vamos — tornou Ernesto. — Voltaremos...

— Voltaremos amanhã — propôs D. Júlia — à hora em que Frei Gabriel estiver livre.

— Esperem — explicou o Padre. — Vamos com vagar... Nada de pressa! A pressa não se coaduna com a ponderação; e o que se faz às pressas raramente sái perfeito. O carro que me levará à casa do agonizante ainda não chegou, e só há de me vir buscar dentro de meia hora. Temos, pois, um bom lápso de tempo à nossa dianteira. Ernesto poderá, se quiser, concluir a história.

— Bem — disse Ernesto, aproveitando o ensejo que se lhe oferecia — vou resumir em poucas palavras. O jornal era o "Dia e Noite" de Florianópolis. Trazia estampados dois **clichés** na primeira página, encimados por grandes títulos e subtítulos, e narrava uma tragédia conjugal. Uma das estampas era do engenheiro Geraldo de Avelar; a outra era de Maria de Avelar — a esposa — que êle matara a tiros de revólver. Os pormenores do caso constam do exemplar que está em seu poder, Frei Gabriel. Faça o favor de o ler com calma. Estou certo de que amanhã mesmo provavelmente, inteirado de tudo, nos dará seus conselhos.

— Eu estou aflita — confessou D. Júlia, mal podendo sopitar o pranto. — Não sei que fazer. Janice e Geraldo, segundo tudo indica, têm grande amor um pelo outro. E o piór é que ela não diz coisa alguma a respeito! Mantém-se calada, evitando até leves comentários que se costumam fazer em casa. Eu sinto que êsse amor é maior do que pensamos... Êles andam sempre juntos; passam longas horas a conversar. Ela, coitada, de certo não sabe que êle é um assassino! Como é Frei Gabriel, que nós podemos dizer-lhe a verdade?

— Isso é comigo — afirmou sorridente o Vigário. Eu falarei com ela e com êle, — talvez com os dois simultaneamente. Havemos de encontrar uma solução. Deus nos inspirará! E qualquer que ela seja, há de ser a solução exata, única, verdadeira, — a solução que convém à nossa evolução individual, porque será a vontade divina. Tenham fé e esperem confiantes.

D. Júlia quedou-se a meditar longo tempo, abstraida do ambiente. Pôs-se a recordar os dias da infância de Janice. Viu-a pequenina, loura e travêssa, a sorrir e a brincar, e depois a correr para ela, abraçando-a e beijando-a com ternura. Acompanhou-lhe o desenvolvimento com os olhos da memória, desde a puerícia, e até fazer-se moça, — sempre meiga, amorosa e delicada; e nos dias mais próximos, na plenitude de sua formação, rica de predicados, de beleza, de exuberante mocidade, imaginou para ela, para guiá-la através dos ásperos caminhos terrenos, um homen de bem, digno dela: Geraldo. Mas viu, por fim, que todo um lindo sonho se desfêz, como a névoa matutina ao despontar do Sol. Geraldo era um criminoso, era uxoricida!

Enchendo-se de emoção, não resistiu; deixou escapar uma lágrima, e em voz singultosa começou a dizer:

— Tenho fé em Deus, Padre! Mas quando encaro a realidade, — vendo minha filha querida construir um castelo, e êsse castelo desmoronar-se repentinamente, eu tenho mêdo; e não quero nem pensar no que possa acontecer!

— Ora, D. Júlia — interveio Frei Gabriel — não chore! Não há motivo para choro. E não se aflija por antecipação. O que se sabe, por enquanto, é isto: o rapaz matou a mulher. Deve ter cumprido pena ou deve ter sido isento de culpa. — e nada mais. Não temos — eu pelo menos — elementos positivos que nos autorizem a condená-lo ou absolvê-lo, não em face da justiça divina, que é

Pães, dôces, biscoitos, balas, caramelos nos Varejos

MORITZ

SOBERANA, Praça 15 — Tel. 1505 — TIRADENTES, 45 — Tel. 1225

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

absoluta, mas simplesmente da justiça humana, relativa e falha. Tranquilize-se, D. Júlia; tranquilize-se você também, Ernesto! Intranquilidade não adianta; só traz aflições e sofrimento...

*
* *

Frei Gabriel levantou-se. Mãi e filho também se levantaram; despediram-se e encaminharam-se à porta, seguidos pelo frade, que dizia:

— Que Deus os acompanhe! Que Deus os esclareça!

— Obrigado, Frei Gabriel — disse Ernesto, estendendo-lhe a mão. — Boa noite!

— Até amanhã, Reverendo — secundou D. Júlia. — Eu estou um pouco mais tranquila; ao chegar à casa estarei calma. Deus há de nos ajudar!

— Até amanhã — respondeu o frade.

E colocando-se entre os dois, abraçando-os ao mesmo tempo, levou-os até a varanda, a ponderar:

— Sem dúvida alguma, Deus há de nos ajudar! Deus só quer o bem, a paz, a harmonia entre os homens e a felicidade de tôdas as criaturas, — porque é infinita Sua bondade e incomensurável Seu amor! É preciso, porém, que nos coloquemos em sintonia com Êle, mantendo-nos serenos, — em atitude de espectação confiante e confiança espectante.

E quando D. Júlia e Ernesto se afastaram, acrescentou, como se os abençoasse:

— Que a paz de Deus se derrame sôbre êles e sôbre tôda a face da terra!

IV

Geraldo terminara de escrever uma carta; dobrou o papel, pô-lo dentro do envelope timbrado, subscritou-o e levantou-se para sair, quando bateram à porta. Abriu-a, e ficou surpreso. Não pôde deixar que se escapasse esta exclamação:

— Um frade!

— Sim, um frade — disse Frei Gabriel a sorrir, à porta. — O senhor é o dr. Geraldo de Avelar?

— Sou sim — disse êle, sem se ter refeito da surpresa. — Deseja falar comigo?

— Desejo. Eu sou o Vigário da paroquia. Em cidade pequena todos se conhecem; em cidade grande passa-se despercebido. Chamo-me Gabriel — Frei Gabriel Zimmer. Teremos que conversar alguns minutos. Noto que o meu caro doutor se admira disso...

— Confesso que sim. Mas, faça o obséquio de entrar, Reverendo. Entre e sente-se. Nesta cadeira junto à janela ficará inteiramente à vontade.

— Obrigado. Muitas graças. Ótimo! Estou regiamente instalado.

— E eu estou pronto a ouvi-lo — disse o moço, após um instante de silêncio.

— Ora muito bem — exclamou Frei Gabriel, dando uma leve pancada com ambas as mãos nos joelhos. — Minha visita estava longe de ser esperada; e eu mesmo, até ontem à noite, nem sequer sonhava que o houvesse de conhecer. Hoje aqui estou em seus domínios, — e confesso que assim à primeira vista me dá boa impressão...

— Agradeço-lhe a referência.

— Não há nada a agradecer... É a verdade, e a verdade, que não é agradável nem desagradável, não se agradece nem se lamenta. Diz-se e escuta-se...

— Bom, embora não possa atinar com o assunto que o preocupa, estou pronto a ser-lhe útil, em tudo o que depender de mim e estiver ao meu alcance.

—É interessante — volveu o padre sorridente, depois de curto intervalo. — Eu, que o procuro, é que estou em condições de o servir... Penso até que terei de servir, em lhe pedindo um favor. É paradoxal.

— O paradoxo é evidente — confirmou Geraldo bem humorado, mas um tanto contrafeito.— Não o compreendo bem, Frei Gabriel. Entretanto sua linguagem é clara. Sem querer também fui paradoxal...

— Sim, meu jovem. Vou ser claro e franco, e falar a sério. O assunto que me traz aqui é delicado; e posto que desagradável a nós ambos, terá de ser debatido. São Tomás de Aquino dizia que o melhor método de se tratar de um assunto desagradável, grave ou molesto, — é ir diretamente a êle. Eu vou seguir à risca o conselho do santo filósofo... Temos, por exemplo, êste velho exemplar de um órgão da imprensa catarinense. Quem mo levou foi... foi a Viuva Piazza, a mãi de Janice, que, ao que estou informado, não lhe é indiferente... Pediu-me que lhe desse um conselho. Ora, o padre, o pastor de almas, deve ser, tanto quanto for possivel, exato, preciso e justo em seus conceitos, e verdadeiro nas opiniões emitidas uma que outra vez aos fiéis que o procuram. Antes, portanto, de dar meu parecer à boa senhora, e de a orientar com respeito à filha, quero ouví-lo de viva voz, doutor. Eis aqui está o jornal.

Geraldo não se alterou. Seu rosto permaneceu tranqüilo; seus olhos conservaram o mesmo tom de serenidade.

Tomou do jornal que o religioso lhe oferecia; olhou-o de relance; depondo-o sôbre a mesa, esclareceu:

— É um número antigo de um periódico catarinense...

— Data de uma meia dúzia de anos, ou mais...

— Tenho outros. Tenho todos os que trataram do drama. Já o leu, com certeza...

LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRON"

OTOMAR GEORGES BÖHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito. Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

— Já — afirmou Frei Gabriel, que observava detida e meticulosamente o moço. — Li com tôda a cautela. Estou inteirado da versão que aí se propala; resta saber se é verdadeira . . .

— É a mais verdadeira de quantas apareceram na imprensa, se bem que um pouco exagerada — respondeu Geraldo com segurança. Eu fazia parte do corpo de colaboradores do jornal; tinha bons amigos entre seus redatores; êles desviaram-se da verdade para me protegerem. Fizeram de Maria Amélia, minha esposa, a mulher fatal e tirânica, capaz de conduzir o homem a desatinos, — o que era puramente imaginário. Fizeram dela, coitada, a causadora única de meu desvario.

E pondo mais calor na voz, e dando expressão particular às palavras:

— Não! Não é verdade! Eu sim! Eu fui seu algoz! Ela foi, quando muito, a vítima inocente de meu ciume louco!

Frei Gabriel não respondeu logo. Levantou-se. Deu uns tantos passos pelo compartimento. Debruçou-se ao peitoril da janela. Viu lá em baixo o formigueiro humano a movimentar-se .Só depois é que retomou a palavra:

— Doutor, confesso que me deixa confuso . . .

— Por que?

— Por vários motivos. Eu esperava que se emocionasse profundamente, e está sereno! Cuidava que se defendesse e desculpasse, tentando justificar seu gesto, — seu crime enfim, e o senhor, ao contrário, aí está a acusar-se! Supunha que lhe fosse dolorosa e triste a lembrança de um passado trágico, e o senhor o revive com serenidade, quase com indiferença! Francamente, eu fico indeciso, sem saber que pensar . . .

— E é natural que fique — comentou Geraldo com serenidade. — O reverendo deve estar como eu, antes de meus seis anos de reclusão: — divide a vida em passada, presente e futura, e assim fraciona a vida, vedando a percepção do conjunto, — o eterno presente, que é o que importa ao ser humano. Prende-se aos extremos, a pontos opostos e concebe, independentemente, o bem e o mal, o egoismo e o altruismo, o amor e o ódio, o apêgo e o desprendimento ou desapego. Ora, onde há opostos não póde haver compreensão da verdade. Os extremos são efeitos antagônicos; e se há antagonismo não há verdade . . .

— É lógico — atalhou o Vigário.

— Quem julga, mesmo a si próprio, terá que se colocar num ponto equidistante dos extremos, onde há equilíbrio, e evitar, e eliminar o fator emocional, — fator condicionante do raciocínio, que obsta o julgamento reto. É por isso, Padre, que encaro tudo que me diz respeito com o mesmo rigôr com que olho o que diz respeito a meus semelhantes.

— De maneira que — tornou Frei Gabriel — a verdade sôbre seu caso é ainda mais crúa?

— Sem dúvida! Muito mais brutal! Quer ouví-la?

— Prefiro ouví-lo. Interessa-me mais que sua história . . .

(Continúa)

DRS.
J. B. BONASSIS
A. G. DE ALMEIDA
F. MAY FILHO
— ADVOGADOS —

Causas civeis, comerciais, criminais, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:
Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

IRMÃOS AMIN

CONCESSIONÁRIOS
— F O R D —

AGÊNCIA — OFICINA

Agência:
RUA DUARTE SCHUTEL, 11
Edifício próprio
Caixa Postal, 117 — Telefones, 1665 - 1347 - 1605
End. Teleg.: "TUFFI AMIN"

Oficina:
RUA DUARTE SCHUTEL, 7
Edifício próprio
Telefone, 1295 — Florianópolis — Santa Catarina

Peças e acessórios legítimos
Pneus Pirelli
Soldas a oxigênio e elétrica
RECONDICIONAMENTO DE MOTORES
Posto de Serviços: **Lavagem — Lubrificação — Gasolina**
Óleo Diesel e Óleos Lubrificantes

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A distancia do passado

Juvenal Melchiades de Souza

(Continuação)

Todos choravam; e êle chorou também Sua mãe estava na cama, não falava. Mesmo se quizesse perguntar-lhe alguma coisa dona Cocota, a vizinha do lado, não deixava. Ela gostava muito de Louro; tomou conta dêle naquele dia.

Depois vários homens entraram na sala e levaram seu pai.

Quase todos os moradores da rua Trajano estavam lá. Louro os viu, conhecia-os bem.

Estavam também outros que êle não conhecia.

A noite caiu.

Passaram-se os dias, seu pai não voltou.

Então o caçula foi compreendendo pelas conversas, e pela ausência longa do pai que a caravana da desdita parara em sua porta e numa fuga desordenada levára-lhe o pai.

Êle trajava, bem como todos, roupa preta, o que mais vinha acentuar a tristeza que tomara o lugar das suas travessuras.

Seu pai queria-lhe muito, fazia-lhe a menor vontade, procurando mesmo advinhar os seus desejos.

Os dias foram rolando.

Louro sentia uma secreta angústia que não sabia exprimir. Era o vácuo enorme que deixou seu pai.

Seu irmão mais velho, José, tentou tomar o lugar de seu pai. Passaram-se os meses.

Sua mãe trabalhava como floreira. Sempre cultivou o seu lindo jardim. Quase todos os dias, batiam-lhe à porta para encomendar-lhe coroas, bouquetes, que se destinavam a enterros, casamentos e festas.. José era funcionário da Escola de Aprendizes de Artífices. Ganhava pouco, era quem auxiliava a casa.

Depois, mudaram-se da rua Trajano, indo morar na Almirante Lamego, numa casa à beira-mar.

Alí viveu Louro algum tempo, até que um dia, chorando beijara sua mãe e partira. Seu tio mandara buscá-lo.

No início estranhara bastante aquela mudança brusca, mas foi aos poucos se aclimatando. Matricularam-no no Colégio Pedro II; seu tio financiava-lhe os estudos.

Dois anos mais tarde foi admitido, correndo as suas despesas pela govêrno.
bolsa do govêrno.

Louro foi o apelido que os colegas lhe deram. Nunca o chamaram pelo nome no colégio, nem mesmo os professôres.

Todos lhe queriam bem. Às vêzes quando praticava uma peraltice e um colega mais velho, exaltado, tentava espanca-lo, outros meninos interferiam em seu favor pedindo: — Não bata no Louro, êle é pequeno.

Muitos dos seus companheiros traziam presentes como frutas, bolinhas de gude e outros pequeninos nadas que o encantavam.

Comentavam entre sí: é para o Louro, êle é pobre.

E assim, foi o Louro crescendo. Quando um colega tinha dúvida sôbre um ponto ministrado na aula do dia anterior, corria logo para Louro e quase sempre voltava satisfeito.

Um dia Lígia pediu-lhe que resolvesse uma equação do segundo grau, não sabia — confessou. Não prestara muita atenção à aula. Na hora do recreio foi à procura de Louro e foi êle ainda que, desta vez, salvou a situação.

A partir daquele dia, fizeram-se mais íntimos. Lígia viu em Louro, uma tábua de salvação. Tôda vez que o procurava dissimulava o seu interêsse. Passaram-se os dias, os meses passaram e os dois foram ficando cada vez mais unidos. Lígia sentia que não era o seu espírito interesseiro que a levava agora a procurar Louro. Sentia a sua falta, sempre que não falava com êle. Quando o rapaz brincava com os outros de "carniça," o brinquedo prediléto dos garotos, ela permanecia sentada observando todos os seus movimentos ágeis e só deixava o seu posto quando terminava o recreio, esforçando-se sempre por cruzar com êle e dizer-lhe alguma coisa.

De certa feita formaram juntos numa parada de 7 de setembro. Lígia carregava a bandeira.

Montando guarda ao pavilhão nacional de um lado Roberto e de outro Louro. De fronte ao palácio do Catete o colégio desfilava, quando o comando ordenou: — alto!

À ordem da posição de descansar, Lígia a meia voz disse:

— Você é o soldado mais bonito que conheço, Louro.

— E você, Lígia é tão linda quanto a nossa bandeira.

Regressaram ao colégio. Os dias foram se escoando com a rapidez insensível de que só o tempo é capaz.

E com o tempo êles compreenderam que se queriam mùtuamente.

Na véspera da formatura foram juntos ao cinema e lá êle dissera à Lígia que em janeiro seria admitido como funcionário da Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, que havia efetuado contrato com a União para a construção do novo Arsenal de Guerra, na Ilha das Cobras.

E concluira risonho: — poderei levá-la sempre ao cinema. Iremos à Quinta, a Niterói, Governador; passearemos muito. Quando não tivermos programa, faremos uma visita a "Sofia" no Jardim Zoológico. Valeu?

— Valeu, — respondeu ela levando a mão dêle aos lábios.

A sessão das quatro terminara no São Luis. Sairam.

Caminhavam trocando palavras sôbre assuntos fúteis, até que Lígia tomou o ônibos para o Leblon.

Uma hora mais tarde Louro saltava do bonde no Largo do Verdun e caminhava para a casa de seu tio...

Hoje que êle esperava ficar à sós com ela para celebrarem juntos o grande acontecimento do dia, viase de repente em companhia dos pais de Lígia, sem poder dizer-lhe tudo quanto desejava.

Também era muita exigência sua, pensava Louro. Claro que os pais de Lígia gostariam de estar presentes naquele momento. Ela era filha única do casal.

Enfim, logo a terá junto a sí no cinema e domingo passará o dia todo em sua casa.

Caminhava despreocupadamente, até que alcançou a Praça da República onde tomou o bonde para casa.

— Faz favor!

Louro liberta-se dos seus pensamentos e entrega uma moeda ao condutor.

As centelhas saltam do cabo de aço produzindo o seu ruído insípido que aumenta à proporção que o bonde avança.

— Noite! Olha A Noite. — grita o jornaleiro agarrando-se a um balaústre do bonde. Alguém dá o sinal de parada. Saltam uma senhora e uma criança. O motorneiro arranca o bonde e continuam a estalar as faíscas.

PETROLINA MINANCORA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR POR EXCELÊNCIA

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Louro volta a pensar em Lígia.

Ouve-se a voz do condutor: — Olhar à direita!... As centelhas estalam, o bonde avança.

*
* *

A essa altura da narrativa o meu interlocutor fêz uma pausa.

Retirando do bolso a sua cigarreira de prata, abriu-a, oferecendo-me um cigarro que aceitei.

Aspirou várias baforadas de um Continental liso, acompanhando com o olhar atento a fumaça que descrevia espirais, quando êle a expelia, com o rosto voltado para o céu. Depois prosseguiu.

— Como já foi dito no início, o pai de Lígia, nasceu em Diamantina; moço ainda veio para o Rio, onde concluiu seus estudos e casou-se.

O doutor Leonel Silveira exercia a sua profissão como advogado da Light há vários anos. Sua situação financeira era boa. Residia em casa própria no Leblon.

No Grajaú contava com cinco propriedades, que lhe davam uma renda mensal superior a quinze mil cruzeiros. Dispunha também de dois palacetes em Copacabana, que lhe rendiam outro tanto.

Em apólices federais o doutor Leonel possuia aproximadamente oitocentos mil cruzeiros.

O casal e sua filha Lígia viviam cercados do confôrto necessário, tendo apenas uma preocupação: gozar a vida.

O doutor Leonel era filho unigênito de um grande latifundiário mineiro.

Aos onze anos sua mãe falecera. Cresceu ao lado de seu pai até a idade em que foi mandado como aluno interno para um estabelecimento de ensino secundário em Belo Horizonte. Na capital mineira bacharelou-se e, aos vinte anos, instalou-se na capital da República, ingressando no ano seguinte na Academia de Direito do Rio de Janeiro.

A sua vida de estudante foi uma sequência ininterrupta de bacanais. Não tinha a menor preocupação com o seu futuro; a sua meta era gozar a vida.

Muitas vezes comentava com um amigo: — bobo serei, não aproveitando a vida, quando ela me estende os braços para me estreitar num delicioso amplexo. Sugar até a última gota a taça dos prazeres, que a vida me oferece, não esperdiçando uma gota sequer do nectar delicioso que ela contém, é o que faço meu caro.

O velho tem muita "grana, não lhe fará falta. Sou o seu único herdeiro e não há mal nenhum em tomar um pequeno adiantamento. Que mais pode fazer um jovem no verdor dos anos, com dinheiro, num paraiso como êste? E concluia: gozar, viver a qualquer preço. E logo fazia ouvir a sua gargalhada estrondosa.

O círculo das suas relações era cada vez, mais vasto. Tornou-se conhecido na roda de grã-finos.

Naquela época o melhor cabarét do Rio era o "Assírio" e o estudante mineiro, o seu frequentador mais assíduo.

As orgias sucediam-se tôdas as noites, aumentando visivelmente as suas despesas.

Seu pai escrevera-lhe várias cartas recomendando-lhe que fôsse mais comedido nos seus gastos, mas os constantes pedidos de dinheiro sucediam-se três a quatro vêzes por mês.

Em uma ou outra carta, o rapaz fazia alusão a despesas imprevistas, oriundas dos novos compromissos assumidos perante a sociedade que acabava de recebê-lo em seu seio. Tudo isso era natural e necessário ao seu êxito no futuro; tinha que manter boas relações para vencer na vida. Sem isso seria a derrota...

Seu pai, por fim, dava-lhe razão, aceitando as suas justas alegações, como as taxava, em presença do capataz, quando se referia às grandes despesas acarretadas com os estudos do filho.

E naquela cascata de libidinagens êle deixou-se levar, indiferente aos estudos, tendo a face voltada, apenas para as cenas de bacanal que povoavam a sua retina, e totalmente entorpecido pelo analgésico luxuriante dos prazeres mundanos, viu aproximar-se o fim do ano trazendo-lhe a inevitável certeza do seu primeiro fracasso na Academia.

O resultado estava previsto; repetiu o ano.

O novo ano surgiu indiferente e calmo, sem se aperceber dos dias que ficaram para trás.

A nebulosidade das horas sombrias do ano que findou, foi sepultada no ocaso da sua hora derradeira. E o alvorecer de novos dias repletos de promessas venturosas iluminou o coração dos homens e a periódica da vida iniciou o seu círculo vicioso. Os dias, como no ano que findara, foram um a um, rolando indiferentes ao prazer e à desventura.

Nos primeiros dias de fevereiro, Leonel regressava da fazenda de seu pai em Diamantina, na parte central de Minas Gerais, onde fôra passar as férias de fim de ano, na intenção de recapitular as matérias ministradas na Academia. Saíra do Rio com o propósito de regressar na abertura das aulas. Não pudera suportar mais aquela solidão, — dizia Leonel aos amigos que vieram recebê-lo.

Seu pai demonstrara claramente o seu desgôsto pelo insucesso do filho, e nos primeiros dias da sua chegada à fazenda, muito pouco conversavam. Depois, foram passando os dias e tudo volveu ao rítmo normal.

Leonel justificara o seu fracasso, dando-o como consequencia de uma ogerisa gratuita que lhe votava um dos lentes da Academia, sentimento êste, consequente da aversão que aquêle sentia por dois colegas seus, que muito distinguiam Leonel, ao ponto de se tornarem os seus mais íntimos amigos.

Seu pai aceitara a justificativa, não podendo, no entretanto, ocultar a sua dúvida.

Nos primeiros dias Leonel passava as manhãs inteiras no seu quarto, esforçando-se realmente por recuperar o tempo perdido. Cansou afinal.

Agora sôbre a mezinha de cabeceira, via-se apenas um volume de Freud e algumas revistas. Leu todo o volume limitando-se a passar os dias que se seguiram a analisar meticulosamente as linhas elegantes do corpo semi-nú de Pola Negri, surpreendida pela indiscrição do repórter numa praia de Miami.

Vários dias depois do almoço, adormece no divan, tendo ao lado, no assoalho o exemplar da "Cinearte" que lhe escapara das mãos inanimadas pelo sono.

E quase sempre a sua sesta era povoada de sonhos de bacanal.

Às vêzes dansava com Pola Negri, atraindo-a voluptuosamente contra a si num fox, outras via-se no quarto de Rubi, a sua preferida, ou ainda, ao seu lado, apostando no pano verde.

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concurrencia.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4 -- Telefone, 1375

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O jasmineiro que subia pela parede do seu quarto, nele deixava uma fragrância tão delicada, que no seu sonho, Leonel sorvia embevecido, porque aquêle aroma vinha do corpo quente e perfumado de Rubi.

Acordava irritado com o ambiente que o cercava e naquele dia pouco falava. Era então quando procurava o capataz para lhe ordenar que providenciasse um cavalo para sair.

Geralmente montava o alazão, um puro sangue que era a montaria de seu pai.

Às vêzes, o negro Jacinto cavalgava ao seu lado, montando outro animal.

Jacinto era filho de Ananias, o capataz da fazenda. Nascera e se criara na fazenda Pingo d' Água. Êste era o nome que os moradores daquela região davam às terras do coronel Silveira.

Jacinto fôra o seu companheiro de infância. Leonel brigava muito com êle, mas gostava do negrinho.

Quando saiam juntos cavalgando pelas estradas, Jacinto de quando em vez fazia uma observação.

— Aqui o gateado me pinchou fora da cela. O sinhô se lembra, seu Leonel?

Mais adiante: — Lá naquela chapada nós atirou aquela veada velha.

E assim o dia se extinguia, dissipando-se o máu humor de Leonel.

A noite era mais difícil suportar, aumentava a solidão e com ela renascia o seu máu humor. Às vezes saía para o terreiro. Ia ouvir as canções dos trabalhadores nas noites de luar.

O Juca dedilhava bem a viola. Gostava das canções de Catuio e tinha uma voz que agradava.

Ritinha, a irmã de Juca, gostava de cantar também; tinha uma voz macia. Ela preferia as canções de Cândido das Neves.

Assim conseguia Leonel ir acelerando o tempo, que corria inalteravelmente indiferente a tudo.

Os primeiros dias de fevereiro sucediam-se quando Leonel expôs ao seu pai que pretendia regressar ao Rio, em face de que dispunha de poucos elementos para recapitular os seus estudos, na fazenda, ao passo que no Rio, tinha facilidade em adquirir o que desejasse.

Dois dias depois deixava a fazenda Pingo d' Água e rumava para a "Cidade Maravilhosa".

A sua chegada foi regada a champanha no Assírio.

Rubi não sabia do seu regresso. Queria fazer-lhe uma surpresa — dissera ao Azevedo, um dos seus amigos.

Leonel agora sentia invadir-lhe o ser uma sensação de vida. Uma onda de prazer inundava-lhe a alma.

O Assírio estava concorrido naquela noite.

No momento exato em que Rubi iniciava seu número, Leonel chegara em companhia de Azevedo.

O bandoneon mal emitira as primeiras notas de "La Comparsita", quando Rubi divisou Leonel que acabava de entrar no salão com o amigo. Sorriu-lhe com doçura...

Êle ficara parado, extasiado, a contemplá-la. Rubi e seu par davam os primeiros passos do tango.

Leonel e Azevedo, sentaram-se à mesa que lhes oferecia o garçon. Tôdas as outras estavam ocupadas.

Rubi bisara o seu número. A noite arrastou-se suavemente, embalada ao ritmo do Jazz. As taças esvasiavam-se num prolongamento delicioso daquele ambiente de bacanais vermelhas.

Ela veio sentar-se junto dêle.

— Que surpresa, meu amor! — exclamou.

— Satisfeita? — perguntou Leonel.

— Claro. Que mais podia desejar depois de uma ausência tão longa?

— Como se portou a menina? Não fez muita arte? — interrogava Leonel em tom de mofa.

Ela sorriu descolando os lábios nacarados que ocultavam os alvos dentes. Êle fitou-a longa e ternamente nos olhos.

Azevedo comentou:

— Não vá desmaiar, Leonel.

Os três riram.

Esvasiaram mais uma taça de champanha. Êle tomando-lhe uma das mãos levou-a para o centro do salão. O Jazz iniciou um fox.

Com os rostos colados um ao outro, deixaram arrastar-se ao som da música.

Enquanto mudos êles estreitavam-se sequiosos de prazer, Leonel fêz um ligeiro retrospecto dos dias em que viveu encerrado em seu quarto na fazenda Pingo d'Água — a nostalgia que o cercava, deixando-lhe os nervos gastos, as observações constantes do pai, demonstrando o seu aborrecimento, nas rugas da testa, quando lhe dirigia palavra.

Sentia reprovação muda no olhar baço do negro Ananias. O capataz queria-lhe muito, vira-o nascer.

O cheiro de ervas estava presente em todo canto. Quanta solidão! E êle suportou aquêle exílio mais de um mês. Por que não voltara logo? Bastava haver permanecido lá durante uma semana para consertar a sua situação. Seu pai seria condescendente, como o foi diante da sua justificativa. E ficara em Pingo d'Água aquêle tempo todo, isolado da vida, longe do belo, do agradável. Como êle desejou Rubi!

À noite ficava a ouvir as canções descompassadas, interpretadas pelos trabalhadores da fazenda. Mandava Jacinto destribuir aguardente com êles.

E o silêncio imperava quando morria a última nota da viola do Juca.

Desde pequeno o Juca vivia a bater na viola que pertencera a seu pai. Quando o preto velho morreu, sua mãe Tereza fizera presente dela ao Juca.

A mucama velha e desdentada era quase octogenária.

Os seus olhos estavam voltados para um ponto apenas: o seu Juca.

Quando Leonel a visitou na casa de barro batido, perguntou-lhe por Juca. A mucama inundada pela alegria que lhe proporcionara a visita do "Sinhôzinho" falara durante meia hora, sem se deixar interromper.

(Continúa)

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:
Rua Felipe Schmidt
Edif. Amélia Neto — Fone: 1592
Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:
Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras
Cosinha a la "carte"
Asseio e prontidão
WALDEMIRO ALVES
Praça 15 de Novembro

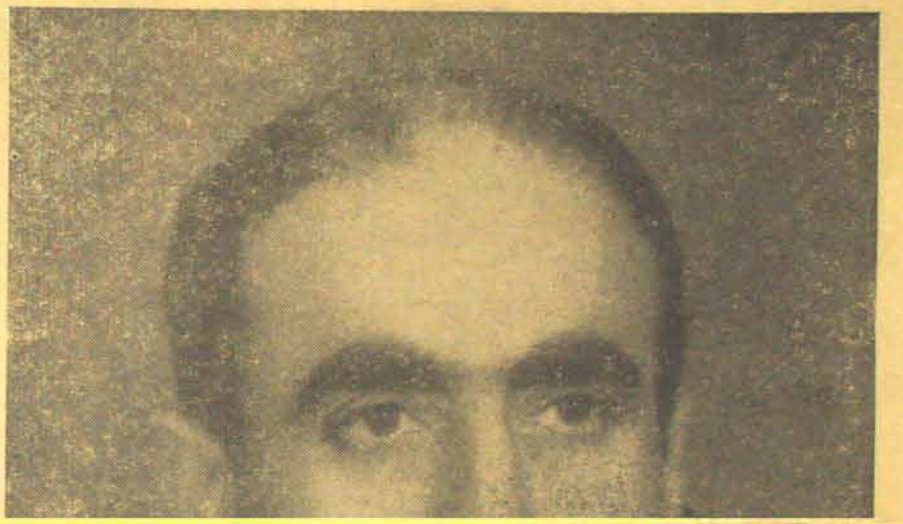
A Exposição

de ELIAS FEINGOLD
RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins e Sedas. - Confecções finas para homens, senhoras e crianças.
TAPETES E CONGOLEUNS.
Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimpic", "Airmec" e RCA Radiola
VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Assembléia Legislativa de Santa Catarina



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Prefeitura Municipal de Lages

"Atualidades", nesta edição dedicada a Lages, presta homenagem ao Prefeito Municipal, sr. Vidal Ramos Junior, nosso assíduo leitor e amigo da nossa revista.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Camara Municipal de Lages

Dr. Aristoteles Soeiro Waltrick
Presidente da Camara

O Poder Legislativo Municipal de Lages, pode dizer-se, está integrado dos mais limpidos cerebros e mais cultos homens daquele rico e progressista Municipio serrano. Tanto assim que do seu corpo de vereadores fazem parte médicos e advogados ilustres, banqueiros, fazendeiros e professores. Esta revista em sua edição para Lages, não podia deixar de fazer registro dos legisladores lageanos.

Euclides Granzotto
1º Secretário

BANCADA DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO:

Dr. **Aristoteles S. Waltrick,** Médico. Nasceu em 5. 12. 1911 em Lages. Presidente reeleito da Camara. Assumiu diversas vezes o cargo de Prefeito na ausencia do titular.

Solon Vieira da Costa, Fazendeiro. Nasceu em 20. 8. 1903 em Lages. Vice Presidente da Camara.

Euclides Granzotto, Fazendeiro. Nasceu em 19. 9. 1917 em Lages. 1º Secretário da Camara.

Otaciio de Oliveira Couto, Oficial do 2º Registro de Imóveis. Nasceu em 5. 2. 1888 em Lages. 2º Secretário da Camara.

Argeu Godinho Furtado, Advogado e Professor no Ginásio Vidal Ramos. Nasceu em Lages em 9. 8. 1906. Lider do P. S. D.

Agenor Koche Varela, Industrial. Nasceu em 27. 1. 1905 em Lages.

Paulo Francisco Broering, Industrial Madeireiro. Nascido a 5. 10. 1903 em Lages.

Ostavio Rafaeli. Nascido a 31. 5. 1896 em Blumenau.

Adolfo Ramos Lisboa. Nascido em 15. 8. 1901 em Lages.

BANCADA DA UNIÃO DEMOCRATICA NACIONAL

Dr. Celso Ramos Branco, Advogado. Nasceu em 7. 4. 1909 em Lages.

Dr. João Pedro Arruda, Engenheiro Civil. Nasceu em 1. 8. 1905 em Lages.

Agnelo de Castro Arruda, Banqueiro. Nasceu em 14. 12. 1904 em Lages.

Henrique da Silva Ramos, Industrial de larga popularidade e conceito.

Vereador Paulo Francisco Broering

Vereador Octávio Rafaeli

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Lylia Neves Arruda

Dentre os mais finos ornamentos da sociedade lageana cabe destacar a gentil senhorita Lylia Neves Arruda, muito prendada e dileta filha do sr. Agnelo Arruda, Gerente da Filial do Banco Indústria e Comércio, em Lages, e abastado fazendeiro, e exma. sra. da. Rosalina Neves Arruda, distinta dama, cujos dotes de coração a tornaram já uma das figuras centrais do mundo feminino da cidade serrana.

A senhorita Lylia licenciou-se em 1947 pelo Ginásio Diocesano, tendo feito seu curso com raro brilhantismo, alcançando sempre ótima colocação.

Estuda ainda, fazendo curso de aplicação, na Escola de Comércio, onde goza da alta estima dos mestres e da amizade dos colégas. Seu prestígio no meio estudantil valeu-lhe a conquista, em grande competição, do título de "Rainha da Primavéra" pelo Grêmio Ramalhete Róseu, em 1948. Nos meios literários de Lages o seu nome corre com respeito, dada a espiritualidade das suas composições poéticas e em prosa bem como pela firmeza do seu estilo.

O cliché que encima estas linhas mostra a linda senhorita Lylia no dia de sua formatura.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

INDALECIO ARRUDA

Falando-se de Lages não se podia deixar de fazer registro de um de seus maiores vultos: Dr. Indalecio Arruda. Homem público, advogado, fazendeiro, muito tem feito pelo progresso da grande cidade serrana. Dado esse registro, aproveitamos a oportunidade para traçar um rápido esboço biográfico desse grande catarinense.

O dr. Indalecio Arruda nasceu em Lages a 21 de julho de 1884. Fez os seus primeiros estudos no Colégio N. S. da Conceição, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Terminou o curso secundário em Pôrto Alegre onde se matriculou na Faculdade de Direito. No quarto ano transferiu-se para São Paulo, onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais em Dezembro de 1910.

No começo de sua carreira, advogou em sua terra natal. Depois foi nomeado Promotor Público da Comarca de Lages e, mais tarde, Juiz de Direito de Campos Novos, onde pouco se demorou. Foi deputado estadual em várias legislaturas. O golpe de 10 de Novembro o encontrou na Assembléia como lider da bancada classista.

Exerceu o cargo de Prefeito Municipal de Lages de janeiro de 1938 a Maio de 41, e de Novembro de 1945 a Fevereiro de 1946.

É um dos pioneiros do melhoramento dos rebanhos em seu município. A sua fazenda, denominada "Bela Vista" é talvez ainda hoje, a mais conhecida em tôda a terra de Santa Catarina. Esse estabelecimento progressista concorreu à Exposição de 12 de Março com 15 cabeças de gado bovino da conceituada raça "Caracú", com um excelente reprodutor cavalar da raça "Manga-larga", com um casal de leitões "Macau" e com um terno de galinhas "creoulas". Notifica-se que tôda essa criação é puramente nacional.

Atualmente o dr. Indalecio Arruda está afastado das lides políticas, dedicando-se somente a indústria agro-pastoril.

O excelente reprodutor cavalar "Manga Larga", da Fazenda Bela Vista, de Lages propriedade do sr. Indalécio Arruda

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Clube 14 de Junho, de Lages

A gentil senhorinha Yeda, eleita recentemente "Rainha do Clube 14 de Junho", de Lages, um dos mais destacados elementos da sociedade lageana.

NOSSAS COLABORADORAS

ESTER DE MELO LENTZ

Dentre os nossos mais assíduos colaboradores, é de justiça destacar a exma. sra. Da. Ester de Melo Lentz, alta funcionária de nossa Assembléia Legislativa, e filha do nosso colléga de imprensa Oswaldo Melo.

Na presente edição, Da. Ester colaborou com "Cristo, prisioneiro dos homens" e "O Mártir do Calvário", trabalhos que evidêncian suas elevadas qualidades de intelectual.

"Atualidades", publicando o seu cliché, presta uma justa e merecida homenagem à brilhante colaboradora, que tantas e tantas vezes tem abrilhantado nossas páginas com seus excelentes trabalhos literários.

Quando partiste

Quando partiste, havia uma tristeza
Pesando em tudo, e como que a exprimir
Que, compungida, a própria natureza
Sentia a mágua de te ver partir.

O próprio céu, que aquí é uma turquesa,
Parecia-me, a mim, também sentir,
Com a sua névoa, tôda essa tristeza
Que eu tinha na alma, por te ver partir.

Quando voltaste, a Primavera abria
As rosas nos jardins... Pelo ar havia
Um delírio de aroma e luz e côr...

Como que tudo se transfigurava!
E a própria natureza se alegrava,
Por que voltavas para o meu amor!...

Carlos Corrêa

Contrição

Sê humilde! Suporta resignado
Essa dôr que te oprime e te amargura,
E faz-te o coração dilacerado!
Por que é na dôr que o coração se apura!

Sê modesto e sê bom. Usa a brandura
Quando falares, e sê moderado
No gesto, porque o gesto e a frase dura
Fazem do pequenino um revoltado!

Calca a vaidade que a alma te atormenta.
E tranqüilo, sereno, estòicamente,
Os dissabores da existência enfrenta!

E nos momentos de ódio e de revolta
Que te assaltarem o coração fremente,
Para Jesus teu pensamento volta!

Carlos Corrêa

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Religião, sim --- e não religiões

Todo aquele que pensa em têrmos de separatividade e discordância, relativamente a assunto religioso, está evidentemente esboçando apenas conceitos próprios e cerebrinos, em matéria de tão elevada e transcendente importância.

Não se preocupando com os problemas contingentes, de caráter imediatista, da existência humana, como o comer, o vestir, o morar, etc., etc., mas únicamente com o divino problema da VIDA ETERNA que só se concebe em função da nossa personalidade espiritual que subsiste sem pão, sem roupa, sem teto, porque independente do corpo somático, a RELIGIÃO se desdobra num clima de universalidade constantemente preconizado pelo Cristo cuja vontade é que exista um só rebanho na Terra, com um só Pastor.

Nestas condições, a finalidade religiosa é unir todos os filhos de Deus, concitando-os à prática do bem, elemento essencial a essa união sagrada: donde, torna-se mister a virtude da humildade, outro elemento indispensável à aproximação dos homens, pois que a fonte de todo separativismo reside no orgulho.

Se defendemos a tese acima exposta, não podemos de forma alguma pretender perturbar a livre prática de qualquer sistema religioso que tenha por fim edificar os espíritos na constante adoração de Deus e na prática das virtudes cristãs. Se aceitamos e praticamos a comunicação dos espíritos, ensinada na oração católica do "Credo", que nossos pais recitavam com verdadeira unção religiosa, admitimos que nem todos os nossos irmãos estão suficientemente preparados para compreenderem a sublime verdade que encerra uma expressão geralmente recitada sem a compenetração filosófica que pode levar ao bom discernimento das cousas sagradas. Isso não obsta a que se trabalhe pelo esclarecimento das inteligências, preferentemente aplicadas à obtenção das cousas fungíveis, com desprêzo clamoroso por aquelas de natureza eterna e imperecível.

Admitimos, portanto, que o melhor pábulo atual para a grande maioria dos homens, ainda profundamente materializados e indiferentes aos problemas do espírito, é êsse que lhes dão as igrejas de organização sacerdotal; mas admitimos sobretudo a necessidade de ensinar êsses retardatários irmãos nossos a se habituarem a tratar das cousas sagradas com um pouco mais de cuidado do que em regra o fazem. Estamos, portanto, em condições de colaborar, pela nossa favorável e fraterna disposição de espírito, no grande trabalho da regeneração humana, conforme a vontade do Senhor. Somos aliados e não adversários de todos os que sinceramente propugnam pela edificação religiosa das consciências — e o somos de tal forma, que nos aplicamos em demonstrar cientificamente os princípios básicos do Cristianismo: a sobrevivência da alma e a possibilidade da sua comunicação com as suas semelhantes, quer no plano material, quer no plano espiritual.

Essa colaboração eficiente e prática tem sido reconhecida por grandes vultos do clero, como o afirma em seu magnifico livro — "Nas veredas da paz" — o Snr. Mário Ferreira, idôneo e provecto educador bandeirante. Afirma-o e demonstra com inúmeras citações, algumas das quais trasladamos para estas colunas:

"Escrevia à sra. Svechine, em 20 de junho de 1853, o padre Lacordaire, a propósito das mesas giratórias: "Também, mediante essa divulgação, Deus quer talvez proporcionar o desenvolvimento das fôrças espirituais ao desenvolvimento das fôrças materiais, afim de que o homem não esqueça, ante as maravilhas da mecânica, que há dois mundos contidos um no outro, o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos."

"O padre P. Le Blun, do Oratório, em sua obra intitulada "História das Práticas Supersticiosas", tomo VI, página 358, se exprime dêste modo: "As almas que desfrutam a bemaventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar ainda pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como chegaram à felicidade dos anjos, "todos os escritores sacros" lhes atribuem o privilégio de poder, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se acham na terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas verdades".

"Escrevia o abade Marouzeau a Allan Kardec: "Mostrai ao homen que êle é imortal. Nada vos pode melhor secundar nessa nobre tarefa do que a comprovação dos espíritos de além-túmulo e suas manifestações. Só com isso vireis em auxílio da religião, empenhando ao seu lado os combates de Deus".

"O abade Lecanu, em sua "História de Satanaz",aprecia nestes têrmos o alcance moral do espiritismo: "Observando-se as máximas do "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec, faz-se o bastante para se tornar santo na terra."(pg.136)

O Espiritismo pode, portanto, deve e quer congraçar-se com tôdas as igrejas militantes. Fora dêstes têrmos, êle poderá ser "uma ciência"; jamais, porém, o feixo de abóbada, luminoso e belo, do santuário da RELIGIÃO.

Rio de Janeiro, Março de 1949.

Arnaldo S. Thiago

DR. LECIEN SLOINSKI

Causas civis e criminais

Avenida Getúlio Vargas

Araranguá

O CENTENÁRIO DA COLONIA DE BLUMENAU

Jacinto Matos

Não tinha intenções de interferir, em determinados assuntos, relativos a esse prospero Estado, pois afastado a quase 28 anos, velho e esquecido, essa qualidade pertence à gente moça, de espirito agil e combativo, e agindo principalmente, no teatro dos acontecimentos.

Uma notícia porém me obrigou à lembrança dos velhos tempos e a trazer o meu fraco concurso a uma iniciativa louvavel e animadora.

Trata-se da celebração do centenario da colonisação de Blumenau.

Tenho lido em jornaes e ouvido em palestras que, a data dessa celebração terá logar, no proximo ano de 1950. Penso não ser isso acertado, pois embóra os primeiros movimentos colonisadores tivessem inicio em 1850, não se póde entanto afirmar a data precisa do mês. Sabe-se que seis colonos estabeleceram-se naquele ano nas proximidades do rio da Velha, e cinco no ano seguinte, mas quem nos garante ter isto caracter definitivo? Êsses primeiros estabelecimentos são quase sempre provisórios, como simples cultivo de róças.

E quem dísso estava convencido era o próprio Dr. Blumenau, cujo testemunho é irrecusavel, além do que, as suas palavras têm, para nós hoje, o valor dos testos das sagradas escrituras.

No meu livrinho "Colonisação do Estado de Santa Catarina," impresso a 33 anos, na página 115, lá se encontra o trecho do relatório do Dr. Blumenau, datado o mesmo do ano de 1877.

Dizia êle: "Em 28 de Agôsto proximo passado, perfaz um quarto de seculo, que a colonia Blumenau ficou fundada e efetivamente estabelecida, tendo na mesma data do ano de 1852, o fundador vendido, aos seus primeiros imigrantes alemães, entrados pouco antes, no número de 69, em hasta pública, os primeiros onze lotes de terras, e formando fundo pecuniário, na importância de 117$000, em conformidade, com o programa da nova colonia, publicado na Alemanha em 1851, o fundamento origi-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

UM ESCRITOR

Alírio Barreto Bossle

Zedar Perfeito da Silva, que o mar e as práias da Laguna o arremessaram para o cenário das letras catarinenses, veio dar a Santa Catarina aquilo que lhe faltava: — um romancista. Numa terra como a nossa — mesmo se levando em conta a crise atual das editoras nacionais — onde os talentos literários se colocam num plano de inexplicável retraimento, embora possuindo qualidades inegualáveis, é de se julgar a vitória dêsse jovem ficcionista, que além de criar a obra, teve de "mendigar" a impressão, conseguindo-a, sòmente, por conta própria. Ora, em plena vigência do ano da graça de 1948, é absurdo que em Santa Catarina os escritores vivam ambiente de tamanha dificuldade.

Até mesmo Lima Barreto, naquele ano de 1918, se não me falha a memória, quando a época consignava os primeiros passos das Editoras, encontrou em Monteiro Lobato o estímulo suficiente e o auxílio necessário para editar a sua obra de estréia. E por que decorridos 30 anos, ainda vivendo nós os catarinenses tamanho sacrifício como na remota era dos assírios e dos babilênios que imprimiam os seus livros em ladhilhos ?

Mas felizmente ATÉ QUE SURJA A ALVORADA está impresso. São 165 páginas onde o revisór correu os olhos a capricho, com letras graudas daquelas que mesmo apagando a luz não se escondem da claridade da vela. Sim, amigos, quem der começo à leitura do livro de Zedar Perfeito da Silva tem de se preparar para as eventualidades, porque é uma leitura que nos prende de fio a pavio, de um fôlego só, com folguinha apenas para o cigarrinho apressado. Afinal, não sei onde poude o escritor arranjar um drama tão cheio de entrechos agradáveis.

Quem leu êste aranzel até aqui (desculpem a gramática, mas acontece que eu não sou gramático e nem me interessam os gramáticos, se não falo deles) já viu logo que eu não tenho cartaz de crítico e nem sou crítico. Não s[e] mesmo. Mas sou leitor. Leitor assíduo, devorador, insáciável. E se não me engano, foi Laet que certa vez disse ser o leitor o guia mais sincero do escritor. Creio. Não são os leitores, finalmente, quem esvasiam as livrarias quando a obra é boa? Já se viu compilar críticas e mais críticas para depois de examiná-las, confrontá-las e analisá-las, decidir se deve ou não ler o livro?

Que esperança! O leitor quando compra um livro geralmente é porque "já ouviu dizer que é bom". E quem o avisou ? O crítico ?

Porisso, aviso aos amigos e aos outros leitores:— leiam o romance de Zedar Perfeito da Silva. ATÉ QUE SURJA A ALVORADA é uma mancheia de teses descritas e vividas em diálogos fulgurantes e em personagens inesquecíveis. É o combate ilustrado aos quistos raciais. É a filosofia da bondade derrubando a própria fatalidade. É a história da raça, da família e da personalidade humanas, rompendo as grades do preconceito, para se libertarem das mentiras convencionais.

Leiam êste livro ATÉ QUE SURJA A ALVORADA. E se por acaso depararem antes com as observações supérfluas de algum pseudo crítico ,não deem ouvidos. Porque Valentim Magalhães, romancista emérito, na primeira edição do seu romance "Flor de Sangue" errou desbragadamente e observou inocentemente: — "Onde se lê um tiro nos miolos, leia-se cortou as artérias".

E, entretanto, mesmo assim, quantos críticos não lhe suplicaram as graças...

Santo Amaro, setembro de 1948.

---

nal da Caixa da Colonia instituição esta, que ainda hoje (1877) existe e exerce, na colonia, sua benéfica e fecundante ação".

E' portanto o Fundador, que para evitar confusões futuras, declara positivamente a data da fundação — 28 de Agôsto de 1852.

Não se pode assim recuar para dois anos anteriores a data, que ele proprio Dr. Blumenau, com melhor conhecimento de causa, estabeleceu.

Ainda melhor esclarece o assunto, o anexo do livro citado, contendo uma relação nominal dos colonos, que adquiriram lotes, no Ribeirão Garcia, precisamente os primeiros, em 1852, e entre êles o Dr. Frederico Müller, o naturalista.

As celebrações, em nada perderão em esperar a passagem exata do primeiro centenario como uma homenagem justissima á bela Colonia, ao seu grande Fundador e também à verdade histórica.

MATE é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo

Tomar MATE é garantir a saude !

DESEMBARGADOR HENRIQUE FONTES

O nosso estimado, ilustre e mui distinto coestaduano Exmo. Sr. Desembargador Henrique da Silva Fontes, infatigável Presidente do nosso Instituto Histórico e Geográfico e provécto lente da Faculdade de Direito, viu transcorrer a

15 de março, entre os inequívocos testemunhos de satisfação dos que lhe são caros, a data feliz do seu aniversário natalício.

Justas, mui justas, não só as manifestações sinceras dos seus amigos e admiradores, que os são inúmeros, como as de nossa imprensa, pois esta se manifestou sôbre o acontecimento com muito carinho e elevado sentimento de justiça, pondo em relevo as excelsas qualidades e virtudes do aniversariante.

Ao preclaro e digno catarinense, embora tardiamente, os efusivos parabens de "Atualidades".

ESCRITOR ARTUR GALLETTI

O mês de abril, foi para nós que mourejamos na Imprensa, como para todos os catarinenses, principalmente a gente culta ou instruida, de grande pezar, pois desapareceu prematuramente do nosso convivio, um dos festejados e queridos intelectuais catarinenses: Arthur Galletti, prosador, filósofo, homem de aprimorada e reconhecida cultura, cujos trabalhos eram não só conhecidos em nosso Estado, como em outros do País e alguns paises estrangeiros.

Arthur Galletti, que exercia o cargo de Escrivão de Orfãos, era, como dissémos, pessôa muito estimada em os nossos meios literário e social. Ao seu enterramento compareceram as principais autoridades do Estado, e grande massa de seus amigos e admiradores.

"Atualidades" que o contava entre os seus dedicados colaboradores, associou-se às homenagens póstumas e reitera à Exma. família do ilustre morto as suas sinceras condolências.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Os municípios recem-instalados

Ecos da instalação do Município de Massaranduba

As solenidades, as festas e os discursos

Atendendo a amavel convite que lhe foi dirigido, "Atualidades" na pessôa de um de seus redatores, esteve presente às solenidades e festividades da instalação do Município de Massaranduba.

Partindo daqui juntamente com a comitiva oficial, a viagem constituiu-nos excursão das mais agradáveis e nos proporcionou um dos mais reconfortantes espetáculos ao apreciarmos as extensas áreas cultivadas, que se desdobram a perder de vista, principalmente os arrozais já em época de ceifa, oferecendo-nos uma evidenciação consoladora da fertilidade de nossas terras e do fecundo labor das populações coloniais, sobre cuja atividade incessante repousam os fatores dessa prosperidade que testemunhamos com sincero entusiasmo.

Ao atingirmos os limites territoriais da séde do novo Município, entramos em ambiente verdadeiramente festivo, que se impunha desde as casas alegres e confortaveis dos colonos até às ruas ornamentadas e as fisionomias animadas de um grande e legitimo regosijo. Mais se acentuavam essas provas de júbilo nas ruas e casas da villa de Massaranduba, onde a população se preparára para viver um grande acontecimento e em torno dêle expandir sua alegria cívica, que na verdade irradiava de todos os semblantes.

Em espaço apropriado, ao ar livre, haviam sido feitos preparativos para recepcionar as autoridades de Florianópolis e dos municípios vizinhos, bem como numerosos convidados. Entre aquelas e êstes pudemos anotar os seguintes nomes:

DE JOINVILE — Dr. Ivo Reis Montenegro, diretor da Empresul, dr. Heitor de Alencar Guimarães Filho, delegado regional do INP; major Asteroide Arantes, Delegado Regional de Policia e jornalista Pedro Torrens, diretor de A NOTÍCIA

DE JARAGUÁ DO SUL — Sr. Waldemar Grubba, Prefeito Municipal; dr. Ari Pereira de Oliveira, Juiz de Direito; dr. Priamo Ferreira do Amaral, Promotor Público; deputado Artur Müller, dr. Arquimedes Dantas e outras autoridades e personalidades.

DE BLUMENAU — Sr. Guilherme Jensen, Presidente da Câmara de Vereadores, no exercicio do cargo de Prefeito; Ricardo Witt, vereador e Bruno Hildebrand, além de outras autoridades e convidados.

Vista da mesa que presidiu a cerimonia, quando falava o dr. Armando Simone Pereira

A CHEGADA DA COMITIVA OFICIAL

Cêrca das 14 horas, conforme estava previsto, chegou a Massaranduba a comitiva oficial vinda de Florianópolis e que era constituida dos srs. dr. Armando Simone Pereira, Secretário do Interior e Justiça e representante do sr. Governador do Estado, dr. Agripa de Faria, representante do Partido Social Democratico e dr. Cid Loures Ribas, representante da Assembléia Legislativa. Os ilustres visitantes tiveram uma recepção entusiástica da parte da multidão ali reunida e calculada em cerca de duas mil pessoas.

A CERIMÓNIA DE INSTALAÇÃO

Dirigiram-se então as autoridades presentes, convidados e exmas. senhoras para o prédio em que foi instalada a Prefeitura e onde teve logar a cerimonia. No salão principal fôra feita a instalação de um microfone, afim de serem transmitidos, através de alto-falantes, os detalhes da solenidade, para as pessôas que se encontravam fora, visto que o prédio da Prefeitura não poderia conter a massa popular ali aglomerada.

Falando ao microfone, o dr. Armando Simone Pereira, em nome do Govêrno do Estado, declarou instalado o Município de Massaranduba e em seguida continuando a usar da palavra, o ilustre Secretário do Interior e Justiça disse que se congratulava com o povo de Massaranduba por aquele acontecimento, com o qual se fazia justiça às suas aspirações. Aquela cerimónia, disse, representava verdadeiras núpcias entre as reivindicações de emancipação politica e administrativa de Massaranduba e os seus direitos áquela conquista, direitos que provinham de sua prosperidade economica, da afirmação de seu próprio valor, através de sua capacidade construtiva. Relembrou que já em tempos anteriores se haviam

Aspecto de u'a manifestação escolar

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

realizado em territórios outróra blumenauenses cerimonias identicas, com a criação de outros Municípios, os quais haviam plenamente justificado as previsões dos governantes de então, pois ai estavam êles vivendo como prosperas comunas, que tinham afirmado seu direito a essa condição. Isto era o que previa também para Massaranduba, pois que a sua elevação a categoria de Município fôra precedida de cuidadosos estudos sobre as condições de modo a ficarem, o govêrno e o partido majoritario, convencidos da razão e legitimidade do que pleiteavam. Esperava vêr Massaranduba em breve destacar-se entre os nossos mais progressistas municipios e congratulava-se com o povo pela concretização, que agora se verificava, dessa justa aspiração.

A PALAVRA DO PREFEITO JOSÉ CORDEIRO

Para administrar o novo Município, até as futuras eleições, foi pelo govêrno do Estado, numa escolha muito feliz, nomeado o escritor e jornalista José Cordeiro, nosso colaborador e companheiro de trabalho, e que foi um dos mais destacados funcionários do extinto Departamento das Municipalidades, onde adquiriu vasta soma de conhecimentos que o capacitam para o exercicio das funções que agora lhe foram confiadas. O Prefeito José Cordeiro, após cessarem os aplausos com que foi merecidamente coroada a brilhante oração do dr. Armando Simone Pereira, fez uso da palavra para agradecer a demonstração de confiança que representava sua indicação. Apesar — disse — dos numerósos obstáculos de ordem economica e politica que lhe podiam dificultar a tarefa, esperava, com sua bôa vontade e experiência, desempenhar-se satisfatoriamente dos novos encargos, dando toda sua cooperação para que Massaranduba pudesse firmemente caminhar para um destino de progresso e grandeza.

Após as palavras do Prefeito, que mereceram calorosos aplausos dos ouvintes, o sr. Ricardo Witt, vereador blumenauense, dirigiu ao povo uma saudação por motivo do extraordinário acontecimento que tinha logar naquele momento. O sr. Cantalício Flores fez em seguida a leitura da ata de fundação, que foi assinada pelos presentes.

A irradiação da cerimonia, para o público que se comprimia à frente da Prefeitura, foi feita gentilmente pelo dr. Priamo Ferreira do Amaral.

HASTEAMENTO DA BANDEIRA

As autoridades, acompanhadas dos convidados que participaram da cerimonia de instalação, dirigiram-se em seguida para a entrada do edificio, onde se procedeu a solenidade de hasteamento da bandeira, ao som do Hino Nacional e sob intenso entusiasmo do povo, que aplaudiu demoradamente, ao tempo em que no ar espoucavam fogos de artificio, assinalando com ruidoso regosijo, a feliz concretização do ato de instalação do Municipio.

O BANQUETE

Teve logar após o banquete oferecido às autoridades e convidados servindo às mesas gentis senhoritas da sociedade de Massaranduba.

Durante o ágape aproximou-se da cabeceira da mesa, onde se encontravam as autoridades, o colono José Tarnowski, que fez expressiva saudação. Lavrador, homem simples e rústico, suas palavras causaram, entretanto, a melhor impressão, pela sinceridade de que vinham revestidas. Disse que desejava traduzir os sentimentos de alegria de todos os que, como êle, no trabalho árduo da lavoura, tinham construido em Massaranduba suas existências, ali tinham visto morrer seus pais e nascer seus filhos e ali esperavam igualmente descansar em seu ultimo leito, tendo antes disso, porém, a satisfação de presenciar o acontecimento que acabára de desenrolar-se e que representava a satisfação de um velho anseio de toda a comunidade.

Em seguida, saudando as autoridades e congratulando-se com o povo, falou o vereador Ricardo Jung, o qual, referindo-se aos ultimos acontecimentos politicos em Blumenau, disse que não podiam ser considerados, traidores aqueles de seus colegas que disso tinham sido acusados.

Eram êles antes, homens de compreensão e que devotavam verdadeiro amor a Blumenau, a cujos interesses e progresso sabiam que melhor poderiam servir tomando a atitude honesta que haviam assumido.

O orador seguinte foi o dr. Agripa de Castro Faria que muito tem feito por Massaranduba. Em rapidas e brilhantes palavras saudou o povo, congratulando-se com o mesmo, em seu nome e na qualidade de representante do PSD, por motivo da cerimónia que se acabava de assistir e que se revestia de tanta significação para a coletividade massarandubense.

DISCURSO DO REPRESENTANTE DA UDN

Em seguida tomou a palavra o sr. Artur Müller, deputado à Assembléia Legislativa pela U. D. N.. Disse S.S. que, apesar de militar em campo politico oposto, participava daquela festividade a convite e sentia satisfação por ali se achar. Considerava justo e legitimo o ato da criação do Municipio de Massaranduba, que consultava os interesses públicos e vinha satisfazer uma velha aspiração do povo. Aplaudida, dêsse modo, o fato auspicioso que se traduzira pela solenidade ha pouco realizada e podia assegurar que a U. D. N. tambem não fazia ao mesmo quaisquer restrições.

DISCURSO DO DR. CID RIBAS

Por ultimo, como representante da Assembléia Legislativa, usou da palavra o dr. Cid Loures Ribas. O ilustre deputado, depois de se congratular com o povo de Massaranduba, disse que, na qualidade de relator do projeto que criára os novos municipios, tinha tido oportunidade de examinar demoradamente as condições estudadas para criação do Municipio de Massaranduba. Verificára, assim, que não se tratava de um méro ato politico nem de uma resolução inspirada apenas em injunções partidárias. Ficára convencido, pelos estudos feitos, de que as condições examinadas justificavam a criação do novo Municipio, que pelas condições economicas e outras satisfazia inteiramente as exigencias previstas em tais casos pela Constituição. Dava portanto seu aplauso à medida e congratulava-se com o povo, cuja prosperidade e labor admirava nesta sua primeira visita como representante do oeste catarinense, trabalho e progresso, esses, que estava certo seriam muito maiores num futuro próximo, graças à emancipação conquistada.

Após o discurso, largamente aplaudido, do dr. Cid Loures Ribas, permaneceram ainda as autoridades por algum tempo confraternizando da alegria popular, retirando-se cerca das 18 horas, as comitivas de Florianópolis e demais Municipios, enquanto a população de Massaranduba prosseguia nas comemorações festivas.

HOMENAGENS DE GRATIDÃO DO POVO

As ruas e casas de Massaranduba achavam-se, como dissemos, festivamente ornamentadas. E varias faixas foram estendidas, contendo frases em que se traduzia o agradecimento do povo ao general Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, ao Vice Presidente Nereu Ramos, ao Governador do Estado, ao sr. Celso Ramos, presidente do PSD e outros ilustres homens públicos que concorreram para a conquista da emancipação de Massaranduba.

Em nosso próximo número prosseguiremos na publicação de reportagem sôbre instalação dos novos municípios.

CLÍNICA MÉDICO-CIRÚRGICA

do

DR. SAULO RAMOS

Ex-assistente do

Professor Brandão Filho — Rio

Consultório

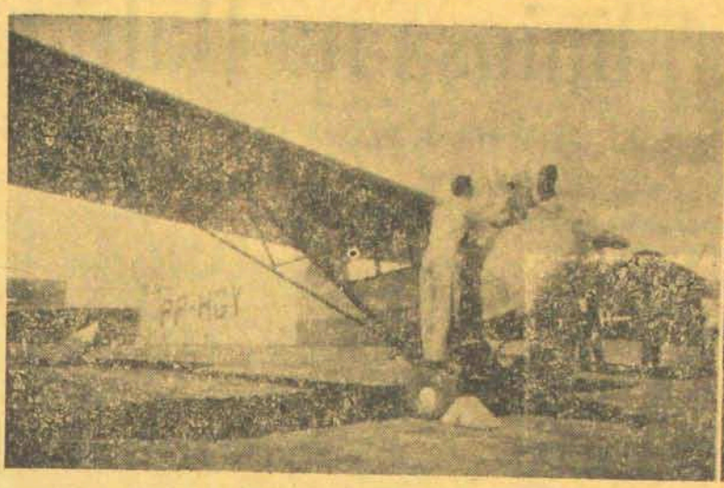
Rua Trajano

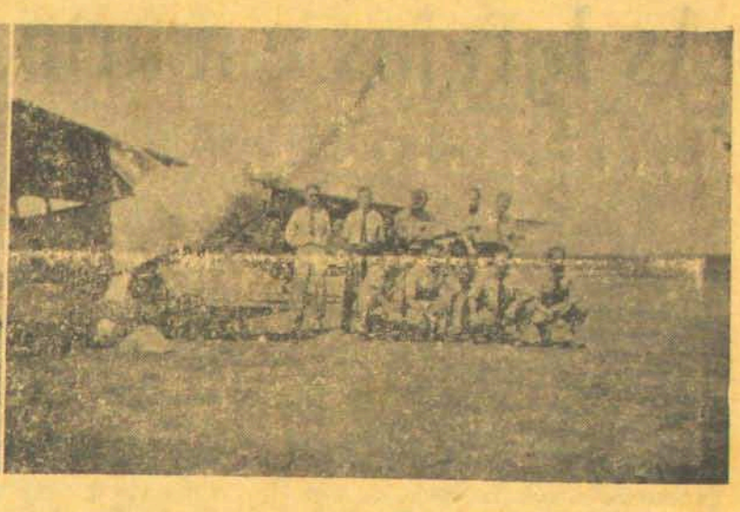
Consultas

Das 9,30 — 12 e das 16,30 — 18

Telefone 1.009

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina





Aéro Clube de Lages

Lages, importante centro pastoril catarinense, não podia ficar subestimando o progresso da aviação em nossos dias. Não podia deixar o seu comércio, nesta época de rapidez, entregue aos meios antiquados de transporte. E êsse pensamento o povo serrano se deu em organizar o Aéro Clube, onde se treinassem aviadores para as possíveis rotas futuras. E dêsse modo surgiu o Aéro Clube de Lages, entidade modelo, contando com ótima aéronave de treino e um aéroporto em condições. Um grupo de jovens denodados se dedica de corpo e alma ao estudo dos caminhos do ar. São eles: Instrutor: Luis Piloto; Cap. José Pinto Sombra, Wandyck T. da Silva, Platano Lenzi, Vitor J. Ramos Rosa, Ney E. Ramos Rosa, Walter H.L. Hoeschl, José M. Calbusch, Celso M. Couto, Vicente Orosco, Ezirio R. Godoy, Carlos Westarp, Roland A. Grauche, Sebastião C. Araujo, Flavio V.F. de Andrade, Luciano P. Casagrande, Aldo V. Maines, Rubião V. Waltrick e Hugo Tetto. É Lages que marcha para o progresso.

Tanto assim que, para melhorar as suas instalações, em 11 de Março p. passado, foi realizado no Cine Teatro Marajoara daquela cidade, um imponente festival em homenagem à Rainha e Princêsas da cidade e dedicado ao Aéro Clube, para o qual se destinava o produto do festival. Grandioso programa e grandiosa assistência, a respeito do que publicamos nota detalhada em outro local.

Mas, como esta nota é dedicada ao Aéro Clube de Lages, vamos dar as suas diretorias, antiga e nova, que, sempre esforçadas, não tem esmorecido em seu árduo trabalho: Diretoria antiga: Presidente: Cel. Hugo de Castro, Vice, João Buatim, Secretário: Wandyck Silva, Bibliotecário: Platano Lenzi, Orador: Salvio Arruda, Tesoureiro: Cap. José P. Sombra, Diretor Tecnico: Major Paulo B. Derengeserki. A nova Diretoria, para o periodo 1949—1951 é integrada pelos senhores: Presidente: Dr. Ivo Guilhon P. de Melo, Vice: Romeu Costa, 1º Secretário: Walter Hoeschl, 2º Secretário: Liborio Schmitz, Tesoureiro: Nelson Amaral, Orador: Dr. Osny Regis, Bibliotecário: Vitor J. Rosa, Diretor de Publicidade: Jofre Amaral.

Com tôda essa gente, dedicada e bôa, não pode deixar de ir para a frente o Aéro Clube de Lages, ao qual "Atualidades" envia votos de feliz futuro .

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

As Igrejas e a arte religiosa na Bahia

WALTER F. PIAZZA

(Conferência pronunciada na sede da Juventude Católica de Florianópolis, em 30-4-49).

Não sou conferencista, pois, me faltam qualidades para tal, não sou, tambem, historiógrafo, e, sim simplesmente, um curioso de nossas tradições e de nossa história, sem guirlandas e sem floreios de oratória, é entre tímida e alacremente que, perante vós, seléto auditório, compareço para desobrigar-me da missão recebida, de vos falar sôbre as Igrejas da Quadri-centenária Cidade do Salvador e sua arte religiosa, onde se confundem, muitas vezes, o Senhor do Bomfim, os Santos Cosme e Damião, os dois-dois, como vulgarmente são conhecidos, com o candomblé que, no dizer de Edison Carneiro, "Incorpora, funde e resume as várias religiões do negro africano e sobrevivências religiósas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo".

Ao evocar a Terra de Rui e de Francisca de Sande, de Cotegipe e de Sóror Joana Angélica, de Castro Alves e de Maria Quitéria, de Manoel de Aquino Barbosa e de Anfrisia Santiago, e de tantas e tantas outras figuras do nosso passado e do nosso presente, encarnado este, principalmente, na figura varonil e dinâmica de Octavio Mangabeira, que governa a "terra mater" da nacionalidade a contento unânime de seus coestaduanos, não nos distenderemos muito, pois, necessário se torna, transmitir as nossas observações.

A Bahia nascida, em 1500, sob o signo do Cruzeiro plantado pelos homens de nauta luso, Pedro d' Alvares Cabral, Senhor de Belmonte, e, abençoada por frei Henrique Soares, de Coimbra, se tornou, desde então, o centro de irradiação das atividades católicas em terras brasílicas. E, como representando a religiosidade, na fusão do luso descobridor com o natural, proprietário da terra descoberta, ergueu-se a **Igreja da Graça.**

Fundada entre 1525 e 1527, por Catarina Paraguassú, a Princesa indígena do Brasil, a mãe dos ilustres Bahianos, pois, os velhos troncos, as seculares cêpas da Bahia se entrosam em Catarina Paraguassú e em sua descendência fecunda e por todos os títulos ilustre.

E ao entrar naquele histórico e singélo templo, brotam em nossos cérebros evocações de Nossa História, lembrando o nosso passado prenhe de fastos gloriosos e heróicos, de heróis de capa e de espada, de belas damas de bondósos corações, de índios nobres, como aquele Taparica que deu sua filha Paraguassú ao náufrago Diogo Alvares, o Caramurú, o filho do fôgo, iniciando, assim, a História Social do Brasil.

Naquele templo, uma lápide de mármore, numa descrição seiscentista, descobrimos o túmulo de Catarina Paraguassú, e, defronte, á esquerda, uma urna de mármore contêm as cinzas de Julia Fetal, assassinada na flôr dos anos, num crime que fez época e movimentou toda a sociedade bahiana dos meiados do século de Castro Alves, do século passado.

Em seu túmulo, por epitáfio, lê-se êste soneto da inspirada poetisa, dona Adélia Josefina de Castro Fonseca, a "Safo Bahiana", no dizer de Gonçalves Dias:

"Estavas bella Julia, descançada,
Na flôr da juventude e formosura,
Desfrutando as caricias e ternura
Da Mãe, que por ti era idolatrada.

A dita de por todos ser amada
Gosavas, sem temer tu, alma pura,
Que, por mesquinho fado, á sepultura
Brevemente serias transportada.

Mas ah! de um insensato a dextra forte
Dispara sobre ti, Julia querida,
O fatal tiro, que te deo a morte!

Dos olhos foi-te a luz amortecida,
E do rosto apagou-se iniqua sorte
A branca e rica cor c'a doce vida".

Aquí, com a devida vênia de tão benevolente auditório, abro um parentêsis para dizer algo sobre o assassinato. Quem era Julia Fetal? Alem do que diz a poesia podemos acrescentar que era noiva do ilustrado bahiano dr. João Estansilau da Silva Lisboa, e, repentinamente rompe o compromisso. Silva Lisboa amava-a desmedidamente, e, o repentino áto de Julia, transforma-o. Ele passa a odiá-la. E no dia 20 de abril de 1847, Silva Lisboa assassina-a, e tenta liquidar a mãe da vítima, mas, interferem o dr. Manoel Vieira Tosta, futuro Marquês de Muritiba e um inglês, que teve um dedo esmigalhado pelo cão do revolver do dr. Silva Lisboa.

Consumava-se um crime que dividiria e apaixonaria a sociedade bahiana. E, a imaginação popular espalhou que o crime havia sido perpetrado com uma bala de ouro, dando, assim, um cunho mais romanesco a tão lutuoso acontecimento.

E, voltemos à Graça...

Lá, naquele templo de tantas tradições, como o são em sua quasi totalidade os templos da Cidade do Salvador, deparamos com dois seculares quadros, e segundo nos afiançou erudito estudioso da arte sacra brasileira, são os mais antigos quadros pintados nésta Brasílica Terra.

Um, representa o sonho de Catarina Paraguassú e a fundação da capela da Graça, com uma beleza primitiva, e o outro, a visita anual dos governadores á Igreja, onde aparecem os indios com seus coloridos cocares, dansando nas areias alvas da praia, as seges governamentais, e, separadas por um ambiente silvestre, as igrejinhas da Graça e da Vitória, primeiros templos católicos erguidos na Virgem Terra do Senhor do Bomfim.

E, assinalando a passagem do Quarto Centenário da Cidade, no dia que visitamos a Igreja de Nossa Senhora da Graça, onde se uniram as filhas de Catarina Paraguassú, as primeiras mães bahianas, dois jovens se uniam pela Fé Católica, abençoados por um venerável beneditino, no mesmo momento que numa placa comemorativa assinalávamos a passagem do 1º Congresso de História da Bahia.

Da Graça passamos à **Vitória,** onde, o que vimos de mais interessante são as inscrições tumulares dos primeiros povoadores da Cidade fundada por Thomé de Souza.

Depois passamos à **Igreja da Ajuda,** fundada em 1549 pelos jesuitas, onde se encontra a imagem de Nossa Senhora da Ajuda vinda com Thomé de Souza, e, naquela

CHURRASCARIA TRIUNFO

Proprietária: D. Isaura Felix Canettari

Rua Marechal Deodoro — Lages

Santa Catarina

Ótima cosinha e serviço de garçon esmerado

Bebidas, cigarros, conservas etc.

Indo a LAGES, Viajante, não esqueça de visitar a

CHURRASCARIA TRIUNFO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

igreja, admira-se um pulpito de jacarandá, finamente esculpido, donde o fulgurante Padre Antônio Vieira pronunciou as suas mais belas orações. Frisamos a existência de um admirável Senhor dos Passos, cuja cruz e andôr são inteiramente de prata, e, a cruz, tem dois metros, de cima a baixo.

Cronologicamente passamos, então, à **Igreja de Santo Antônio da Barra**, cuja arquitetura e arte colonial, por si só, valem um estudo. É, carissimo auditório, uma lição de mestre! É a pujança da arte brasílica dos idos de 1600! É, toda a religiosidade de uma nação encerrada numa obra!

Vem a seguir a **Capela da Misericórdia** construida em 1553, demolida em 1653 e reconstruida em 1659, mas, além de uma daquelas célebres "Bandeiras da Misericórdia", que acompanhavam os condenados ao local do suplicio, e seus bem esculpidos castiçais de prata, nada lembrava, além da abnegação de Francisca de Sande e Anna Nery. E, passemos ao Terreiro de Jesus, centro de toda a existência de Salvador, fóco de onde irradiaram-se os maiores movimentos nascidos na Bahia, e, lá, na atual Praça Quinze de Novembro, encontramos a **Catedral Basílica,** com sua célebre sacristia onde se admira no této as efigies de todos os santos saidos das fileiras de Inácio de Loyola; com o altar onde celebrou missa o beato João de Brito, que, aliás, era filho de um dos governadores gerais do Brasil; o túmulo de Mem de Sá, o terceiro governador geral do Brasil; a céla e uma cadeira do Padre Antônio Vieira; e coroando essa peregrinação histórica, anéxa a esta Igreja fundada em 1572, apreciamos um esplêndido **Museu de Arte Religiosa,** mantido graças à incansabilidade de um abnegado, o Cônego Odilon Machado, e, nêsse cenário artístico, entre outros objétos de arte religiosa de grande valor histórico, apreciamos uma bela imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, diante da qual, segundo a tradição, o Padre Antônio Vieira que era falho de memória, teve um estalo no cérebro, e desde então, tornou-se aquela cerebração excepcional que todos conhecemos e admiramos ao estudar as letras luso-brasileiras.

Quem admira a Cidade do Salvador, de bordo de uma embarcação marítima, depara uma imponente igreja, uma igreja de linhas arquitetônicas imponentes. É a **Basilica Menor da Conceição da Praia,** fundada em 1549, por Thomé de Souza, sendo um centro de grande atração turística e histórica, e, aquí, rendemos nossa homenagem respeitosa áquele sacerdote culto, historiador emérito, bahiano insigne, o Cônego Manoel de Aquino Barbosa, que há vinte anos paroquia a Conceição da Praia, e, a dirige superiormente, e foi a alma do 1º Congresso de História da Bahia.

A construção da Basilica Menor da Conceição da Praia tem a sua história. E esta história é uma epopéia! Quando se aprestou a expedição de Thomé de Souza para fundação da Cidade do Salvador e Instalação do Governo Geral do Brasil, quando se preparavam as três náus, duas familias se contrataram, uma ficaria em Portugal e cortaria o célebre mármore de Lisbôa, branco como neve, e a outra, no Brasil receberia o mármore e construiria a Igreja consagrada à Senhora da Conceição. E, regularmente, vinha o mármore, como lastro das embarcações vindas de Lisbôa, e descarregado na Praia, os marinheiros devotos da Virgem o transportavam ao local da construção, e, assim, ela foi construida. E, quatro séculos passados, póde-se admirar uma imponente obra de arquitetura!

A arte religiosa não se depara, somente, na construção da Igreja, nas linhas sóbrias do mármore lisboeta, mas, tambem, no riquissimo této, no altar-mór, na sacristia, e, ainda, num altar todo de prata, em cuja abóboda se aprecia um interesante mural representando o sonho de Jacó, vendo-se a escada em direção ao céu. Tivemos, ainda, o agradável prazer, por gentileza do gentilíssimo Cônego Barbosa, de apreciar os castiçais de prata, os tocheiros e as varas de pálio, tambem, de prata lavrada, custódias e ostensórios de ouro e prata, tudo do século dezoito.

É imponente a arte religiosa colonial!

Minhas benevolentes anfitriãs: vamos nos afastar do centro citadino e visitar a Igreja da Penha, originária da primitiva capela erguida, em 1742, pelo Arcebispo Dom José Botelho de Mattos, que, na qualidade de mentor da religião católica em terras bahianas, resistiu à ordem do Marquês de Pombal mandando expulsar do Reino de Portugal e Colônias os Padres Jesuitas. E cerceado em suas funções, Dom José para essa Igreja se recolheu e aí passou os seus últimos dias e nela está enterrado. Outro grande brasileiro que tem seus últimos momentos ligados a tão mimosa ermida foi Dom Romualdo de Seixas, Marquês de Santa Cruz, figura das mais proeminentes do nosso Episcopado.

E, passemos à tradicional **Basilica do Senhor do Bomfim,** cujo templo vem de 1754 e foi eréto pelo capitão de navio Theodosio de Farias, em reconhecimento de milagre realizado a bordo. É um repositório de arte religiosa! Suas paredes laterais, da nave principal, dos corredores e da sacristia, são forradas de azulejos do século XVIII representando temas da vida de Nosso Senhor Jesús Cristo. O této da nave principal estampa um painél de autoria do grande pintor bahiano Franco Velasco, que pintou mais outras quatro télas, admiradas, também, naquela Basilica, e as vendeu pela quantia de seis mil cruzeiros. Entre as muitas télas que se aprecia na Igreja do Senhor do Bomfim admiramos um quadro de impressionante realidade, "Morte do Pecador", de autoria do pintor bahiano Bento Rufino da Silva.

Vimos quanto é grande a devoção pelo Senhor do Bomfim, vimos quanto são concorridas as suas missas, vimos os milhares de ex-votos em sua sacristia, vimos as fitas do Bomfim em toda parte, vimos o império do Senhor do Bomfim, mesmo, algumas vezes, junto ao candomblé e ao bozó Assim é a Bahia pitoresca, a Terra do Senhor do Bomfim.

Bem no centro da Cidade do Salvador ergue-se a **Igreja de São Bento,** erguida em meados de 1700. Além de sua beleza arquitetônica, de sua monumental bibliotéca, encontramos uma pedra tumular com a inscrição "Aquí jaz um pecador". Quem estará encerrado aí? perguntamos. E o nosso cicerone, o inteligente professor bahiano Cid Teixeira, nos diz: — "As crônicas dizem que alí estão os restos mortais do cronista setecentista Gabriel Soares, mas, tenho as minhas dúvidas, pois, o testamento daquele cristão pedia que, mesmo não fosse enterrado em São Bento, aquela lápide deveria ser colocada e... ele morreu em Lisbôa!" E a dúvida paira sobre os espíritos.

E em nossa peregrinação pelos históricos templos da Cidade fun-

Indo a Jaraguá do Sul, procure o

NOVO HOTEL

dirigido pelos proprietários: João Rodrigues de Souza e esposa

Recentemente instalado com moveis e utensilios todos novos.

O mais próximo das Estações Ferroviaria e Rodoviaria.

Cosinha especialmente brasileira.

Para maior conforto e comodidade dos srs. viajantes, tôdas as camas são providas de excelentes mosquiteiros.

End. Telegr.: NOVOTEL — Telefone nº 57.

Rua Padre Dr. Pedro Franken 200

JARAGUA DO SUL — Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

dada por Thomé de Souza, entramos num templo. Estava as escuras. E repentinamente acendem-se as luzes. A nossa vista fecha-se diante da grandiosidade, diante dos extraordinários brilhos. É toda forrada a ouro. É a **Igreja de São Francisco,** erigida em 1713. Os azulejos que circundam o seu altar principal representam cenas da vida do Seráfico São Francisco. Notamos que os anjos e as colunas que adornam a igreja são de madeira entalhada, possuindo os serafins linhas anatômicas perfeitas. No convento anéxo há uma Sala do Capítulo que serviu de modelo para o célebre quadro "Capítulo", de autor bahiano. A grandiosa bibliotéca que admiramos nesse convento data de 1751.

O claustro desse convento teve muitos cronistas, e para dar o seu valor real, lembramos ao distinto auditório que o ilustrado cronista Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão tratou em sua importante obra "Novo Orbe Serafico Brasilico" dêsse claustro, do qual vos vamos dar uma ligeira noção.

E podemos asseverar que entre 1729 e 1732 foram assentados os alicerces de tão grandiosa obra de arquitetura, e entre 1738-1741, foi acabado o levantamento das colunas e cornijamento da pedra de cantaria e fez as quatro quadras do claustro, nos informa Carlos Ott, transcrevendo do "Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia".

Mas, o mais importante da obra, o azulejamento do claustro que é uma excepcional obra de arte religiosa, se realizou entre 1749-1752.

Os azulejos que admiramos nesse claustro são obras de admirável perfeição artística, sendo que os da portaria do Convento representam as vidas dos Eremitas, e assim no andar superior as estações do ano; e, tudo de mão exímia de mestre saida. São azulejos portugueses, e, passados séculos vê-se a durabilidade da obra, sente-se a força da arte religiosa, naquela época do renascimento português, sente-se que a Bahia recebeu os reflexos da opulência da religiosidade portuguesa!

Saidos que fomos da suntuosidade de São Francisco penetramos na **Igreja do Pilar,** cuja primitiva capelinha fôra fundada pelos carmelitas em 1586, e tomada em 1624 pelos holandeses fôra transformada em trapiche de mercadorias. Néssa igreja encontramos riquíssimas alfaias, cuja zeladora, uma preta velha, bôa bahiana, e por insistência do cavalheiresco Alberto de Assis, nos franqueou a sacristia, onde se encontram espelhos maravilhósos e em cujo quarto forte estão bem guardados o cetro e a corôa do Senhor Menino, de prata e cravejados de brilhantes, bem como, a Corôa de Nossa Senhora do Pilar, cravejada de 167 brilhantes, numa finíssima obra de ourivessaria. A grade que separa o altar mór da nave principal é de bronze e bem trabalhada. Anéxo possue um cemitério que deixou de ser utilizado em 1858. Está sendo conservado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Num recanto aprazível, encontramos uma capelinha mimosa Era a já conhecida e celebrada **Capela do Monte Serrat.** Construída por Dom Francisco de Souza governador geral, em fins do século XVI. Néssa Capela encontramos uma impressionante imagem de São Pedro Arrependido, de barro cosido, onde a anatomia das linhas é perfeita, onde as veias do braço que apoia o queixo ressaltam, os traços fisionômicos são perfeitos, e ao lado o galo, "o despertador da conciência". E, antes de sairmos dêsse mimoso templo admiramos o seu altar dourado, e, um quadro representando a vida de um ente, primeiro rico moço, depois por qualquer motivo torna-se assassino, avassalado pelos remorsos abandona o mundo, atravessa o oceano e termina os seus dias religiosos, vestindo um burel, palmilhando os sertões brasilienses, angariando almas para a Fé Católica.

E nêsse palmilhar por templos, passamos pela **Igreja da Bôa Viagem,** construída em 1712, por franciscanos portugueses, igreja êsse que foi nos tristes tempos da escravidão negra o refugio predilêto dos escravos, para diante do altar pedir ao Senhor Onipotente misericórdia contra os cruéis senhores. Nas paredes laterais do altar principal, nos deliciamos admirando aqueles azulejos encantadores que a arte portuguesa nos proporcionou, representando uma batalha naval entre os homens das naus crucíferas e o mouro infiel. Néssa Igreja existe uma tradição interessante, os "anéis da Bôa Viagem", que os nautas deixavam para suas amadas, como prova de fidelidade.

E, falando, ainda, em azulejos, não poderemos deixar de citar a **Capela da Ordem Terceira de São Francisco,** em cujo claustro aquelas faianças portuguesas representam aspétos da Lisbôa antes do terremoto que a arrazou, e, vale aqui, lembrar a sala dos Santos, onde se encontram todos os Santos saidos das fileiras de São Francisco de Assis.

E, das igrejas a última que visitamos, a da "Mater Pietatis", a da **Senhora da Piedade,** bela como as mais belas, apesar de não ter "gôsto" de antiguidade, pois, sente-se a restauração sofrida, mas, em seu interior evocamos páginas bélas e gloriosas de nosso passado, pois, lá, encontramos as lápides tumulares do bravo Herói da Batalha de Curuzú, na guerra contra o Paraguai, o 1º tenente Silvado; lá, está, tambem, o grande estadista Zacarias Góes e Vasconcellos, e, tambem, o Barão da Villa do Conde, bahiano conspícuo de virtudes acrisoladas.

E, agora, os históricos Conventos, que nos lembram cenas empolgantes de nossa História Gloriosa.

O do **Destêrro,** originário de uma capelinha de táboas coberta de palma, alevantada nos tempos de Mem de Sá, tornou-se em 1677, o Convento de Nossa Senhora do Destêrro, dirigido primeiramente

(Conclue no próximo número)

EMPRÊSA AUTO VIAÇÃO

BRASIL

Florianópolis, Santo Amaro, Rancho Queimado, Rio Bonito, Taquaras, Barracão, Bom Retiro, J. Paulo, Canoas, Bocaina, Macacos, Lajes e São Joaquim, Urubici, Pericó etc.

Passageiros — Encomendas —

Correio — diàriamente

ZAPPELLINI & IRMÃOS

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Construtora Imobiliária Copacabana Ltda.

Lajes, como tôda cidade progressista tem a sua Construtora Imobiliária.

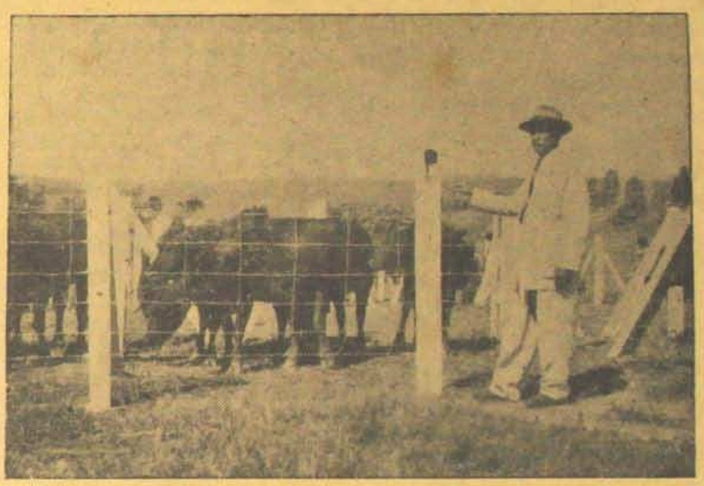
A CONSTRUTORA IMOBILIARIA COPACABANA LTDA., está sob a competente direção do Sr. Lauro Goess, auxiliado pelo sr. Otilon de O Couto, Diretor Gerente. A Construtora que goza do largo crédito não só em Lajes como em todo o Estado, já fez a doação de um terreno para a construção de uma Igreja, bem como de vários lotes de terras.

No dia 13 de Março próximo passado, inaugurando a primeira casa própria, construida pelo sr. José Estácio de Souza, houve churrascada à qual compareceram entre muitos convidados e autoridades, os senhores: Albino Granzotto, Osvaldo Lenzi, Dr Ivo Silva, Agente do IAPC, Dr Nery Waltrick, Ademar Silva, Nelson Nunes e muitas outras pessoas de destaque cujos nomes escaparam à nossa reportagem então presente. Podemos, pois, afirmar que Lajes tem na CONSTRUTORA IMOBILIARIA COPACABANA LTDA., um fator de orgulho e de progresso.

A primeira casa construida

Fazenda Guarda Mór

Lajes, como tôda cidade em progresso no interior de nosso estado, tem as suas fazendas tradicionais, já pelo nome de seus proprietários, já pelas suas riquezas bovinas. Assim é que se encontra em Lajes, Santa Catarina, a Fazenda Guarda Mor, de propriedade do sr Nelson Batalha, natural daquela cidade, pessoa de raro tino industrial e muito conhecido nos meios criadores sulinos, por sua criação seleta. Convem notar que a Fazenda Guarda Mor, que se localiza no Primeiro Distrito, é a mais rica da zona em pinheirais, pois possue nada menos de 30.000 pés Por ocasião da Vª Exposição Agro Pecuária, foram expostos, da criação da Fazenda Guarda Mor, conquistando primeiros lugares, como se pode ver: O lote de vacas



mochas e o Touro Mocho Preto, de pedigree, sendo este detentor do prêmio oferecido pelo Banco do Brasil

Criador de suinos, Nelson Batalha, tem alcançado grande sucesso, sendo os seus animais dessa espécie muito procurados. Vemos assim, neste rápido esboço, o quanto tem colaborado para o progresso de Lajes a Fazenda Guarda Mor, e o que tem feito o seu esforçado proprietário Este rápido registo das atividades da fazenda Guarda Mor, deixa bem claro o que ela é e o que representa no seio pastoril de Santa Catarina.

«Atualidades», nesta sua edição para Lajes não podia deixar de falar da Fazenda Guarda Mor, nem passar em silêncio o seu proprietário, sr. Nelson Batalha, pelo que envia cumprimentos e votos de continuas prosperidades para o seu estabelecimento que tanto honra a indústria pastoril barriga verde.

Churrascaria Triunfo

Lajes, como cidade progressista, tem na Churrascada Triunfo um dos mais bem aparelhados serviços de cosinha, sob a competente direção de sua proprietária, D. Isaura Felix Canettari. Contando com esmerado corpo de garçons, a Churrascaria Triunfo é o ponto de reunião da sociedade lageana, que lá vai saborear o bem preparado churrasco ao modêlo gaucho. Um bar com tôda a sorte de bebidas, completa o conjunto.

Tôda a atenção é dada ao visitante, por isso desde logo a Churrascaria Triunfo atingiu a todos os pontos do Estado, sendo proverbial os seus preparados do ramo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Arrependimento

(Conclusão)

la de quatro velinhas e entre elas um corpo estendido, coberto com um manto preto e ao lado duas almas chorando.

O dia seguinte vinha dealbando mais triste que os outros dias. Parecia que até a natureza se cobrira de luto pela morte de «alguém». Antônio cavou um buraco ali mesmo, perto da casa e nele enterrou o corpo de sua bondosa mãe. Uma cruz assinalava o lugar onde ela fôra enterrada.

Algum tempo depois, Antônio e sua família, não podendo mais suportar a melancolia e a tristeza daquele lugar, partiram para terras longínquas em busca de outras plagas. A casa fôra abandonada, ficando com ela apenas a desolação. Ao partir, Antônio, na curva do caminho, ainda lança um derradeiro olhar àquela cruz como que a se despedir dela e uma lágrima desliza pela sua queimada face. Rozinha, em companhia dos menos, reza uma última oração diante da sepultura.

Muitos anos se passaram e hoje, nada mais resta naquele lugar, a não ser uma cruz velha, uma tapera abandonada e um regato murmurante a chorar a morte de «alguém».

Entretanto, nos últimos tempos, tem aparecido um forasteiro naquela localidade. Arranjou um ranchinho e ali mora à sós. Uma barba comprida cobre-lhe o rosto e a velhice parece dominá-lo dia a dia. É Alvaro que agora volta arrependido e regenera-se. Nunca mais se entregou ao vício que o levara a cometer o maior dos crimes.

...e quando o sol desaba, arrastando atrás de si, a penumbra suave do ocaso, vemos a passos lentos e cansados, com a cabeça baixa, arcada sob o peso da idade, uma figura se dirigir através da mata. Lá adiante, perto de uma cruz, ela para e chora.

Era alguem

(Conclusão)

sa escutou que a velhinha já ia para um mês, como que reprimindo um sorriso de dúvida e deixando escapar um soluço de dôr morreu de repente, afagando o retrato do filho querido.

O portador da missiva sentiu, então, uma emoção brusca e, refletindo, poude recordar que da última vez que batera com mais força à porta do casebre solitário, parecia escutar, muito terna e plangente, uma voz fraca, a sussurar baixinho.

Mas, afinal, que seria?

Era méra impressão, ou mesmo alguém?

Sim, era alguem: — a saudade, por certo!

Devia ser a saudade, que não morre e, desde então, tem ficado ali...

Escritório Juridico Comercial

ADVOCACIA - COBRANÇAS - LOTEAMENTOS - REPRESENTAÇÕES

Vendas de: Fazendas — Pinhais — Serrarias
Granja Agro-Pastoril — Marcas: 54
Cine-Teatro Marajoara, 3º And., Ss. 23 a 25

Telegramas: ELIBRANCO
Telefone: 54 - CAIXA POSTAL: 54
LAJES - Sta. Catarina - BRASIL

Diretor:

DR. ELISIÁRIO DE CAMARGO BRANCO

ADVOGADO

Aceitamos representar nesta e necessitamos de Representantes em outras Praças

RAPIDO SUL BRASILEIRO

Passageiros de Florianópolis para:

Itajaí - Joinvile - Curitiba

Partida de Florianópolis às 6 horas para Curitiba, e 13 horas para Itajaí e Joinvile

Agência em Florianópolis

RUA DEODORO, ESQUINA DA TENENTE SILVEIRA,

N. 20 - TELEFONE 1172

End. Telegráfico «MICRO»

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A 5a. Exposição Agro-Pecuária de Lages

Lajes, a encantadora Princesa da Serra, viveu grandes dias com a inauguração da 5ª Exposição Agro-Pecuária, cujo acontecimento marcou página de verdadeiro civismo em sua história político-social, ensejando a que para ela se dirigissem, não só o srs. drs. Nerêu Ramos, Vice-Presidente da República, Aderbal R. da Silva, Governador do Estado, ora licenciado, José Boabaid, Governador em exercício, Armando Simone Pereira, David Ferreira Lima, Othon d'Eça e Leoberto Leal, secretários da Justiça, Educação e Saúde; Fazenda; Segurança e Viação, Obras Públicas e Agricultura, respectivamente, Prefeito da Capital, dr. Tolentino de Carvalho, Cônego Frederico Hobold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano, des. Edgar Pedreira, Flávio Tavares e Ferreira Bastos, representantes do Poder Judiciário, deputado federal Joaquim Fiuza Ramos, sr. Mauro Ramos, presidente da Marinha Mercante, sr. Celso Ramos, presidente da Comissão Executiva Estadual do P. S. D. de Santa Catarina, dr. Raul Caldas, delegado do Ministério do Trabalho, dr. Virgilio Gualberto, presidente do I. N. P., deputados estaduais, Joaquim Pinto de Arruda, Félix Odebrecht, Waldemar Rupp e Walter Müller, como, também, representantes de Associações Rurais do Estado, engenheiros agrônomos, médicos veterinários, agricultores, jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos.

O acontecimento, não há dúvida, pelo seu elevado significado, atraiu à terra natal do ilustre sr. Vice-Presidente da República, as mais expressivas personalidades do nosso mundo político, social e econômico, demonstrando o magnífico trabalho que, nêsse setor da administração pública, se vem realizando sólida e convincentemente em nossa terra.

Prestigiando o certame, as mais altas autoridades do País, do Estado e dos Municípios, manifestaram, de maneira concreta e insofismável, a certeza de que Santa Catarina, dentro da Federação, procura manter-se em situação que bem o merece pelo trabalho construtivo de seus filhos.

Essa a impressão que ao jornalista ocorreu ao assistir, em Lajes, tão expressiva prova de trabalho da Secretária da Viação, Obras Públicas e Agricultura e serviços correlatos e Acôrdo Único com a União.

A chegada do Vice-Presidente Nerêu Ramos à terra natal

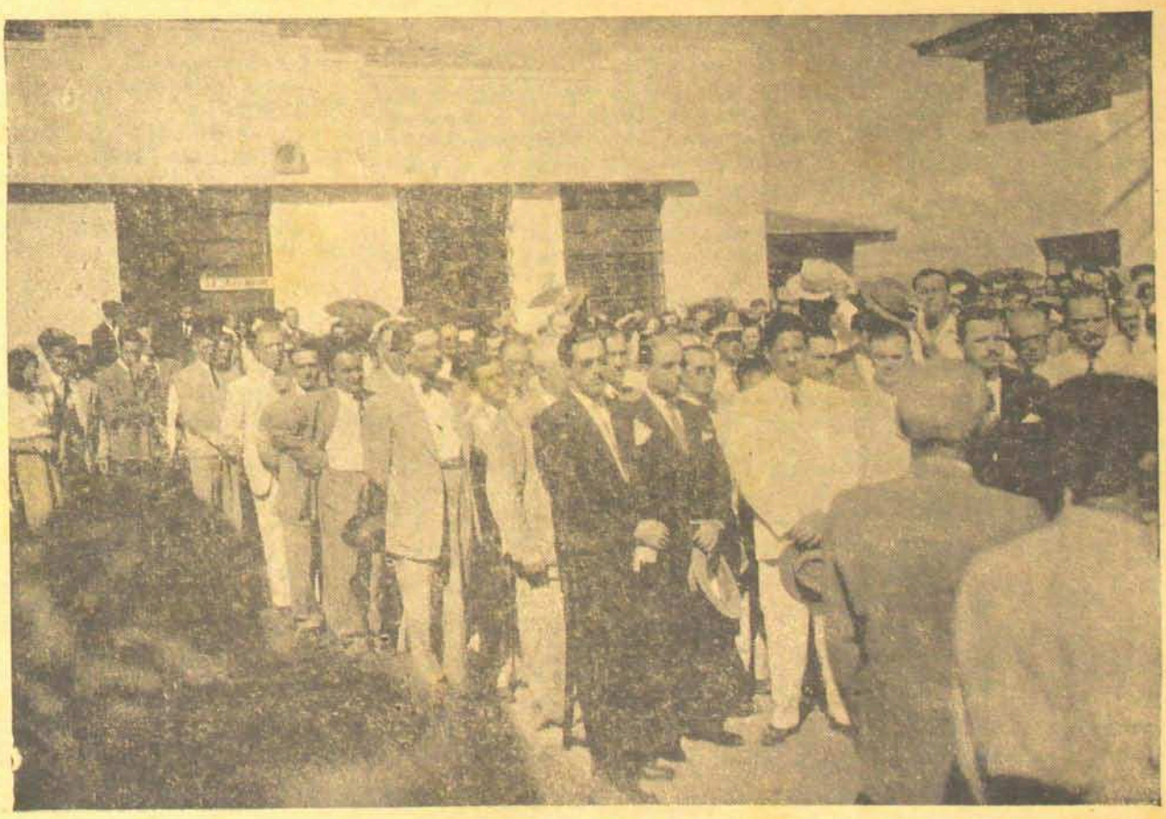
Precisamente às 17 horas, do dia 11 do corrente mês aterrisava no aeroporto o avião da FAB, comandado pelo cel. Luiz Sampaio, conduzindo o sr. dr. Nerêu Ramos, Vice-Presidente da República, e sua comitiva, os srs. drs. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado ora licenciado e Joaquim Fiuza Ramos, deputado federal, Mauro Ramos, presidente da Marinha Mercante.

Aguardavam a chegada de s. excias., os srs. drs. José Boabaid, Governador em exercício, Secretários d'Estado, Armando Simone Pereira, Ferreira Lima, Othon Gama d'Eça e Leoberto Leal, des. Flávio Tavares, des. Edgard Pedreira, des. Mário Teixeira Carrilho, prefeito Vidal Ramos Júnior, cel. João Alves Marinho, cmte. da Polícia Militar, major Eloy Mendes, capitão Mário Guedes, cap. Jaldir Faustino da Silva, rep. do sr. cmte. do 14º B. C., dr. Álvaro de Carvalho, rep. do sr. Almirante Antão Barata, cmte. do Vº Distrito Naval, dr. Ivo Guilhon, Juiz da comarca de Lajes, Cônego Frederico Hobold, rep. do sr. Arcebispo Metropolitano, dr. Olinto Campos, promotor público, sr. Celso Ramos, presidente do P. S. D. em Santa Catarina, prefeitos Ado Faraco, de Cresciuma, Luiz Telles, de Tijucas, senhorinha Anita Silva e menina Helena Hoeschl, além de muitas outras autoridades civis, militares cujos nomes escaparam à reportagem no momento.

Após os cumprimentos, dirigiram-se os ilustres visitantes à Praça João Costa onde grande massa popular se comprimia, aplaudindo-os delirantemente.

Do palanque oficial, o sr. dr. Nerêu Ramos e sua comitiva foram alvo de significativa homenagem do povo lageano, falando, em saudando a s. excia. em nome do P. S. D., o sr. deputado João Ribas Ramos, cujo discurso arrancou aplausos populares e, em nome da cidade o promotor público, dr. Olinto Campos.

A seguir, sob palmas vibrantes da assistência, numa verdadeira demonstração de júbilo, o sr. dr. Nerêu Ramos, em improviso memorável, saudou a sua terra natal e a sua gente, que o recebia de braços abertos. Vivas e aplausos seguidos interrompiam o discurso de s.



Ato inaugural da Exposição

BIBLIOTECA PUBLICA DO ESTADO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Autoridades na solenidade de instalação

excia. que terminou por entre aclamações.

Após, terminada a grande manifestação popular, à qual se associaram tôdas as classes sociais, s. exa. e sua comitiva se dirigiram para a residência do Prefeito Mun sr. Vidal Ramos Júnior, onde foram hospedados.

O baile de gala

Às 22 horas teve lugar, nos amplos salões do Clube Primeiro de Junho, o baile de Gala com que a sociedade lageana homenageou Vice-Presidente da República, Governadores Aderbal Ramos da Silva e José Boabaid, bem como demais autoridades.

Essa suntuosa reunião, deslumbrante parada de luxo, elegância e distinção impressionou vivamente. O Clube 1º de Junho é presidido pelo distinto conterrâneo sr. dr. Domingos Valente Júnior, figura de realce nos meios sociais de Lajes. As dansas prolongaram-se até alta madrugada.

Com essa reunião social terminou o programado para o dia 11 do corrente.

Inauguração da sede da Associação Rural

No dia 12, realizou-se a solene inauguração da nova sede de Associação Rural de Lajes, sita à rua Corrêa Pinto. Presentes tôdas as autoridades assumiu a presidência da Mesa dos trabalhos, o sr. dr. Nerêu Ramos, compondo-a ainda os srs. drs. Aderbal Ramos da Silva, José Boabaid e Leoberto Leal.

Declarada aberta a sessão o sr. Afonso Ribeiro Sobrinho lêu o relatório de 1948, que damos a seguir:

RELATORIO

Snrs. membros da Associação Rural de Lajes. Mandam os nossos estatutos que as diretorias apresentem anualmente um relato de suas atividades no sentido de desenvolver o espirito associativo tão necessário a defesa dos interesses das classes agricola e pecuária e também enumere as realizações levadas a efeito nesse periodo.

Infelizmente nem todos os que se dedicam a essas nobres profissões de agricultor e pecuárista compreendem as vantagens da união e conjugamento de esforços em pról do progresso de cada zona e da defesa dos interesses comuns.

E talvez porque um bom número de criadores e agricultores vive isolado sem convivio social e contando apenas com o resultado do esforço proprio esquecido dos grandes beneficios que resultariam de um convivio mais aproximado que oferece oportunidade para discutir os casos e dificuldades de cada um.

Talvez o coeficente social também influa nessa tendência isolacionista pois o temperamento dos latinos e geralmente desconfiado e prefiro ficar na expectativa a tomar iniciativas. Seja como for eu aproveito a oportunidade para concitar a cada um de vós a trabalhar no circulo de suas relações para angariar maior número possível de novos sócios afim de que possamos contar um dia com a maioria absoluta dos profissionais inscritos da nossa sociedade.

NOVOS SOCIOS

Aliás esta diretoria já conseguiu muito neste sentido pois elevamos a mais de quatrocentos o numero de associados o que demonstra uma melhor compreensão das vantagens que tráz o esforço unido.

Acreditamos que o desenvolvimento que vem alcançando os varios setores das nossas atividades atrairá número cada vez maior de companheiros que queiram participar de nossas atividades. As dificuldades financeiras e escassez de numerário circulante devem ter contribuido para que não tenhamos conseguido ainda maior congraçamento.

SEDE PROPRIA

De longa vista vinha a sociedade se ressentindo de falta de uma sede ampla em que pudesse ordenar as diversas secções em que se desdobrava suas atividades. Assim surgiu a idéia de adquirir um terreno e nele construir o edifício que agora como uma realidade confortadora tendes diante de vós. Foi o produto da dedicação do entusiasmo e do despreendimento de vários sócios que contribuiram com o respectivo capital sujeitando-se a prazo longo e juros modicos até que as condições financeiras da sociedade permitam reembolsá-los.

Aqui ficaremos bem instalados e sem preocupação de mudança o que certamente também influirá para a estabilidade social e maior confiança, dos futuros aderentes. As despesas referentes a cada obra vão incluidas no balanço que também vós será presente.

É pensamento desta diretoria dotar a nossa sociedade de órgãos consultivos tanto técnico como contabilidade judicial. Assim poderão os nossos companheiros recorrer aos conselhos de profissionais abalizados e resolver muitas senão todas as dificuldades não só relativas aos exercício da profissão, como pertinentes às relações com repartições públicas autoridades, etc. Esperamos que não irá longe o dia que teremos em vigor o Código Rural. Sabemos que entre outros projetos bons foi encarregado de minuta-lo o dr. Féliz Contreiras Rodrigues cujo nome e conhecimento do meio rural gaucho (muito semelhante ao nosso) é penhor de êxito seguro.

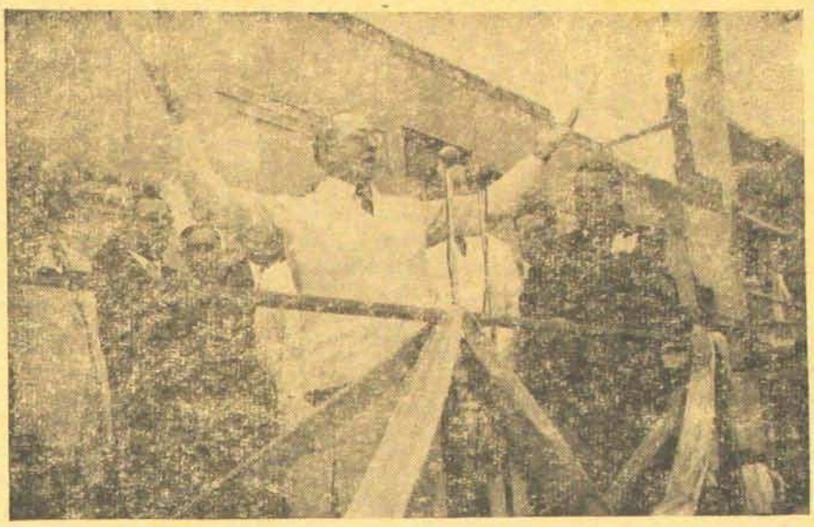
Aliás esta associação já designou no passado uma comissão de sócios que enviou por nossa parte sugestões ao Ministério da Agricultura. Este ao que consta remeteu ao Congresso Nacional o projeto com as respectivas sugestões. Resta-nos esperar pela sua transformação em lei. Também faz parte de nossas comissões a organização de cooperativas de produção e de consumo nos moldes da 1ª secção vigente e aconselhadas pelo Ministério da Agricultura. Nesta sociedade foi debatido o assunto e nós esperamos a oportunidade para concretiza-lo.

SECÇÃO VETERINARIA

Continua esta secção a prestar reais serviços aos associados distribuindo numero de drogas, e vacinas de varios laboratórios, carrapaticidas e outros produtos. As cres-

Os srs. Aderbal R. da Silva e Armando Simone Pereira se cumprimentam

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



O dr. Nerêu Ramos agradecendo a manifestação popular

centes requisições vem orientando a aquisição de preparados e de produtos químicos para cedê-los pelo preço de custo aos criadores e lavradores associados. Dispondo de nossa séde, de espaço mais amplo e apropriado poderemos aumentar e melhor organizar a distribuição dêsses produtos.

Utensílios agrícolas

Dispõe a Associação de um regular estoque de ferramentas para a lavoura, arame para tapumes, pregos, grampos, e algum maquinário que pretendemos aumentar para suprir as necessidades dos sócios. Talvez até cedendo de empréstimo aos associados, se as nossas condições permitirem, aparelhos de maior custo, como arados, ceifadeiras, cultivadores, desintegradores etc. No futuro a compreensão, o interesse e o auxílio da classe é que ditarão o nosso procedimento.

Conclusão

Eis senhores que chegando ao fim deste modesto relatório queremos agradecer o apoio que dispensaram os consocios, o que serviu de estímulo para o desenvolvimento de nossos esforços não só nesta praça como em várias capitais do país, onde fomos levados a tratar dos interesse da nossa Associação procurando, assim, ser dignos de vossa confiança e cooperar para o progresso do nosso município, do nosso Estado e de nossa Pátria.

—

A seguir usou da palavra o sr. Tito Bianchini, presidente da Associação Rural, que lêu o seguinte discurso: "Exmo. sr. Vice-Presidente da República. Dignissimas autoridades. Senhores. Em primeiro lugar quero trazer-lhes os agradecimentos dos ruralistas e agricultores de Lajes, pela grande honra que nos deu vindo pessoalmente declarar inaugurada nossa modesta séde social.

Há cêrca de um ano fomos incumbidos pelo sr. dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado, de dar os passos no sentido de realisar uma Exposição-Feira de gado desta cidade. Os poderes municipais, estaduais e federais acolheram com estímulo nossos esforços e graças ao concurso de muitos consocios levamos a cabo esta tarefa, realisando o certame que V. Excia. inaugurará dentro de poucas horas. O incentivo das autoridades acima referidas despertou-nos novos impulsos e assim além da exposição resolvemos construir a nossa séde social com o concurso de vários consocios. Dando por terminadas as obras solicito de V. Excia. o favor de declara-la inaugurada".

A seguir, o dr. Nerêu Ramos proferiu brilhante discurso, concitando a todos a trabalhar para a grandeza de Lajes e de Santa Catarina, congratulando-se pela efetivação da obra.

Terminada a oração do sr. Vice-Presidente foi servida uma taça de champagnhe aos presentes.

A inauguração do majestoso edifício do Forum

Às 11 horas chegaram ao majestoso edifício do Forum, à rua Benjamin Constant, os srs. drs. Nerêu Ramos, Aderbal R. da Silva, José Boabaid, Armando Simone Pereira, Ferreira Lima, Othon D'Eça, Leoberto Leal, des. Edgar Pedreira, Ferreira Bastos, Flávio Tavares e Mário Carrilho, dr. Ivo Guilhon, prefeito Vidal Ramos Júnior e demais autoridades, jornalistas, povo, para a solene inauguração oficial.

À Mesa, presidida pelo dr. Ivo Guilhon, juiz de direito da comarca, tiveram assento os srs. drs. Nerêu Ramos, Aderbal R. da Silva, José Boabaid e Edgard Pedreira, representante do Poder Judiciário do Estado.

O discurso do juiz Ivo Guilhon

Após declarar aberta a sessão especial para inauguração do Forum, o dr. Ivo Guilhon Pereira de Melo, integro juiz da comarca, proferiu o brilhante discurso, que publicamos a seguir:

"Inauguração do Forum — Assinalamos, envaidecidos, o começo dos serviços judiciários, em prédio próprio, dotado de confôrto e comodidade, mobiliado com fino gosto, com os requisitos essenciais aos trabalhos da justiça, que exige para a sua marcha serena e imperturbável, instalação condigna, ambiente tranqüilo, onde se possam desenrolar os dramas humanos, que a sociedade vive a cada hora, trazendo-os para o julgamento imparcial do pretório excelso.

Nesta hora de íntima satisfação para todos nós, quando se ergue magnificamente êste esplêndido Palácio da Justiça, seja-nos permitido pronunciar com destaque o nome ilustre de S. Excia. o sr. Vice-Presidente da Repúbliea Dr. Nerêu Ramos, sob cujo Govêrno foi construido êste edifício.

Com o carinho que sempre dedicou às causas públicas, semeando tétos por tôda parte, que se erguem como marcos imperecíveis de uma administração fecunda, S. Excia. que nunca esqueceu a sua terra natal, volveu as vistas até nós, observou como nos encontrávamos acotovelados pelos cartórios, vivendo de favor, na sala da Prefeitura Municipal, onde tinhamos que realizar as sessões do Júri, e nos deu êste magnifico Palácio, onde nos sentimos à vontade, para realizar os trabalhos da justiça.

Foi V. Excia. mesmo quem traçou no papel a disposição das salas e cartórios, a que a planta deveria obedecer, planta essa que o engenheiro Henrique Fialho compôs em estilo jônico, para depois ser modernizada no D. V. O. P. sob a competência do Dr. Udo Deeke.

O nome ilustre de V. Excia. está, pois, diretamente ligado a êste vultuoso empreendimento, que honra a cidade de Lajes, enriquecendo o seu patrimônio cultural e artístico.

Reconhecimento do advogado — Antes do administrador capaz e empreendedor, falou mais alto o advogado culto e reconhecido, que viveu os primeiros anos de trabalho, dentro dos auditórios, pugnando pelo direito e pela justiça, defendendo os fracos e os oprimidos, por isso mesmo que sentiu as necessidades de um Forum, onde a palavra da justiça se pudesse ouvir, altiva, independente e comovedora.

E, a história já nos mostrou,

O Governador Aderbal Ramos da Silva agradecendo as homenagens de que foi alvo

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O dr. Leoberto Leal lendo sua oração no ato inaugural

através da palavra encantadora de Artur Santos, êsse brilhante orador da terra dos pinheirais que: "O Forum romano foi a arena dos debates que interessaram o povo romano e a forja que modelou suas gloriosas instituições. Ali Cicero desfraldou o lábaro — imperiu et libertas — em pleno fastígio dos comícios da urbs antes que a República, deturpada pela ditadura, houvesse caído melancòlicamente do pedestal de sua grandeza para a servidão humilhante dos cezares".

Participando V. Excia., como disse em discurso memoravel de Paraninfo, aos bachareis catarinenses, " da fortuna de Impalomeni, de quem Emanuel Carnevale dizia ter do politico apenas o lado exterior, porque a substância era a do lutador do direito", não esqueceu V. Excia., "aquela profissão ideal de que falava o luminoso Domenico Giuriati, que marcou a personalidade de traços que Deus não permitirá se desvaneçam e se apaguem com o perpassar vertiginoso dos anos".

Não via Cesario Pereira, ilustre membro do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, "senão diferenças secundarias entre a alma de um magistrado e de um advogado", "são ambos colaboradores de uma mesma obra, artifices de uma mesma construção, cada um nos limites que a lei lhe traçou. Ambos prezam a justiça e lutam pelo seu predominio. Ambos estudam a lei e interpretam-na, para esclarece-la se é obscura; para amplia-la se é é estreita; para humaniza-la se é rigorosa, para faze-la falar se é muda. Ambos julgam a causa — um na sua banca de advogado; outro na sua curul de juiz. Apenas, pela natureza da função de cada um, o advogado, em sua ação nos tribunais, é unilateral, é relativo, ao passo que o juiz é sempre absoluto. Essa circunstância, porém não os desumana, não os afasta um do outro. Vale, assim, muito para o juiz o conceito do advogado e muito vale para o advogado a confiança do juiz na sua colaboração".

Homenagem à magistratura — Não há palavras que possam traduzir a V. Excia. o reconhecimento da magistratura catarinense por êsse beneficio feito àqueles "que passam a vida simples e recatada a distribuir justiça, exercendo a mais bela função da humanidade, no dizer de Voltaire, assegurando o império das leis e a paz entre os homens, ficando impassivel em meio ao choque, das paixões e à agitação dos partidos, ordenando, punindo, em nome do Estado".

V. Excia., advogado de projeção que o foi, brilhante pelo talento e pela cultura, sempre prestigiou o Poder Judiciário e, na direção do Estado, jamais houve qualquer incidente capaz de quebrar a harmonia entre os dois poderes.

A êsse mesmo Poder Judiciário, simbolisado nas suas tradições de sabedoria e dignidade, superiormente orientado pela figura acatada e respeitada do Des. Urbano Sales, começou V. Excia., por dar-lhe acatamento e respeito quando, no inicio do Govêrno, em 1930, conservou integra a magistratura, emquanto que em outros Estados da Federação, a onda revolucionária varria Juizes dos seus postos.

Procurou, ainda, V. Excia., através de cuidadosas nomeações, investir a magistratura de Juizes capazes, para a nobre missão, cercando-a do prestígio, autoridade e integridade de que a velha magistratura catarinense é tradicionalmente possuidora.

Por tudo isso, sr. Dr. Nerêu Ramos, e mais ainda, pelo acolhimento que nos deu, abrigando-nos nesta Casa ampla e confortável, onde nada falta, para o maior rendimento e decôro da Justiça, é que V. Excia., a par da nossa admiração e respeito, bem merece os nossos calorosos agradecimentos e sinceras homenagens, sem que esqueçamos os nomes de seus ilustres sucessores, Aderbal Ramos da Silva e José Boabaid, ambos bacharéis em direito que, inspirados no bem publico e no acatamento à magistratura, terminaram esta esplêndida realização.

Galeria dos Juizes — Realçamos esta homenagem, com a presença de V. Excia. inaugurando a galeria dos Juizes, que aqui exerceram o seu apostolado durante vários anos.

Somente de nove foi possivel conseguir-se retratos e informes seguros sobre o seu passado, embora de dezoito seja o numero exato dos que até agora viveram nesta escola de renuncia e sacrificio.

São eles — Joaquim José Henrique — 1859-1866; Candido Alves Duarte Silva — 1877-1881; Joaquim Fiuza de Carvalho — 1882-1890; Antonio Wanderley Navarro Lins — 1891; — Ajres de Albuquerque Gama — 1898-1899; Alfredo Moreira Gomes — 1899-1901; Augusto José Teixeira de Freitas — 1904-1913; Mileto Tavares da Cunha Barreto — 1913-1920; Mário Teixeira Carrilho — 1920-1946.

Em noventa anos de existencia, pugnaram eles pelo direito e pela justiça, com abnegação e trabalho, coragem e altivez.

Como nas palavras do Des. José Duarte, em frente à galeria dos Presidentes do Tribunal de Justiça do D. Federal:

"Nesta Galeria, doravante, encontraremos a vigilancia dessas efigies, alertando-nos a tôda hora que o caminho do dever se palmilha, com destemor e altivez, com desinteresse e serenidade, "indiferente às coisas do mundo e às tragédias temporais que enchem a alma humana de mortal angústia. Entregue esse patrimonio espiritual ao nosso cuidado e ao carinho dos porvindouros Juizes, como alfaiz que se confia à gaurda sagrada de templários, recolhemo-nos tranquilos ao exercicio de nossas togas. Valha, ao menos, a lição salutar deste tributo".

Gratidão ao iniciador da obra — Mais uma grande obra, entre as muitas que enriquecem o patrimônio do Estado, guardará a lembrança da administração de V. Excia. Sr. Vice-Presidente da República perpetuando no retrato e no bronze a gratidão da justiça ao seu idealizador que, afinal, poderá dizer como o poeta de Venúsia, em uma de suas odes:

Dei fim a um monumento, e mais

O sr. Armando Ramos, presidente da Comissão Executiva da Exposição fazendo entrega de um prêmio

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

durável

Que as soberbas pirâmides, que o bronze!

Alui-lo não podem

Rápidas águas, que os penhascos minam,

Nem dos fogosos Aquiliões os sopros

Os dos ligeiros séculos a fuga.

E a série imensa de vorazes tempos.

Agradecimentos — Agradeço, sr. Dr. Nerêu Ramos, a presença de V. Excia. nesta Casa, vindo de tão longe, como veio, para esta inauguração.

V. Excia. ainda é o mesmo homem, dotado daquela resistência inquebrantável, daquele espírito público e mesmo patriotismo, que o faziam percorrer os recantos mais distantes do Estado, levando a confiança e a fé nos destinos de S. Catarina e do Brasil.

Pela segunda vez, no alto cargo que ocupa, nos revê, cheio de uma grande saudade que, temos certeza, quanto mais os sacrifícios e canseiras aumentam, mais ela se avoluma no seu coração.

A terra natal é que se sente feliz e orgulhosa em tê-lo no seu convívio, e para quem V. Excia. poderá dizer, como disse Thiers, ao receber a mocidade franceza, que ia abrigar-se ao calor da sua vida:

"Não tenho que me arrepender. Se tivesse de voltar a percorrer o caminho que já percorri, iria abrigar-me à sombra dos mesmos ensinamentos, dos mesmos sonhos, das mesmas esperanças, e não me envergonharia de um só dos atos praticados em tôda a minha vida pública".

Agradeço, sr. Dr. Governador do Estado, em nome da magistratura catarinense e dos serventuários da justiça, da Promotoria Pública e dos demais auxiliares da justiça, a entrega das chaves deste magnífico Forum. que havemos de conservar-lo e honra-lo, para a dignidade de nossas togas e de nossas funções.

Solicito a S. Excia., o Sr. Vice-Presidente da República, que nos dê a honra de inaugurar as suas instalações.

A palavra do governador José Boabaid

Cessadas as palmas com que foi recebido o pensamento do juiz Ivo Guilhon, usou da palavra o dr. José Boabaid, Governador em exercício.

A seguir, terminadas as palmas às palavras do Governador em exercício, falou o sr. des. Mário Teixeira Carrilho, em nome dos advogados lageanos, saudando o sr. dr. Nerêu Ramos, rejubilando-se com a inauguração do Forum. S. excia. relembrou, em ligeiras palavras o passado do dr. Nerêu Ramos, como advogado, e como político.

Inauguração do retrato do dr. Nerêu Ramos

Em seguida, o dr. Ivo Guilhon, juiz da comarca, convidou os srs. des. Edgar Pedreira e Ferreira Bastos a descerrar o retrato, a óleo, do dr. Nerêu Ramos, sob cujo Govêrno foi iniciada a obra do majestoso edifício ora inaugurado.

Ouviram-se, nesse momento vibrantes aclamações ao homenageado.

A palavra do dr. Nerêu Ramos

Levantou-se, então, o eminente catarinense dr. Nerêu Ramos para agradecer a homenagem de que era alvo, dizendo de início que aquele ato o fazia relembrar a sua vida de advogado que lhe proporcionára tantos triunfos, ensejando-o a salvar inocentes e oprimidos. Referiu-se a emoção com que batalha nas campanhas em que tem se empenhado, afirmando ter conquistado elevados cargos com o decidido apoio dos seus coestaduanos.Mais adiante disse que mercê de Deus o nosso Estado se evidencia com sua magnífica compreensão administrativa. E afirmou: "O julgamento de minha atividade pública foi procedido nas consagrações eleitorais proporcionadas pelo povo barriga-verde".

Em seguida ressaltou o valor do Poder Judiciário para afirmar que êle é garantia suprema dos direitos individuais.

Prosseguindo disse: "Coloquemos o Poder Judiciário na elevação que deve pairar, sustentando a balança para equilibrar os direitos e para manter as garantias".

Elogiou o trabalho indormido dos Poderes Executivo e Legislativo de Santa Catarina, tecendo louvores ao governador José Boabaid. Finalisou agradecendo a Deus as horas de conforto moral que lhe tem proporcionado e afirmando emocionado que enviava sua gratidão a Deus por permitir que, restabelecido em sua saúde, o dr. Aderbal R. da Silva poderia em breve reassumir o Governo que o povo catarinense lhe confiára.

Vibrantes aplausos coroaram as últimas palavras dessa memorável oração do eminente barriga-verde, honra de sua terra e de sua gente.

Encerradas as solenidades, percorreram os visitantes as dependências do Forum, demorando-se na Sala do Juiz, no Cartório do Civil, na Sala da Bibliotéca, na Sala do Promotor, tôdas confortàvelmente instaladas.

O churrasco

Em seguida, em automóveis dirigiram-se as autoridades e convidados à Escola Prática de Agricultura "Caetano Costa" onde em aprasível local, teve lugar a churrascada oferecida ao sr. Vice-Presidente da República e sua comitiva, comparecendo, além do dr. Nerêu Ramos, os srs. drs. Aderbal Ramos da Silva, José Boabaid, Secretários de Estado e demais autoridades civis, militares e eclesiásticas, crescido número de senhores e senhoritas, chefes de serviço da Secretária da Agricultura e representações.

Fala o dr. Armando Ramos

"Exmo. sr. dr. Nerêu Ramos muito digno Vice-Presidente da República.

Exmo. sr. dr. Leoberto Leal representante do sr. dr. Ministro da Agricultura.

Exmo. sr. dr. Governador do Estado.

Exmos. srs. Representantes dos Governos do Paraná e Rio Grande do Sul.

Demais autoridades presentes.

Senhores.

Quero nestas poucas palavras, saudar em nome da Comissão Executiva da 5ª Exposição Feira Agro-Pecuária de Lajes e em meu proprio o grande filho desta terra, dr. Nerêu Ramos, Vice-Presidente da República e sua luzida caravana, que se dignaram honrar Lajes com as suas presenças.

Esta saudação é simples, porem sincera e peço que a recebam menos com a inteligencia do que com o coração, pois é de afetividade e plena de amizade a nossa oferenda.

Em oferecendo a tão ilustres convivas este churrasco, homenageamo-los pela maneira mais antiga, entre os homens da campanha, de por a descoberto na alegria despreocupada dessa hora toda a impulsividade da alma do homem afeito ás lides do campo.

Quero externar a todos os presentes, a nossa gratidão, e principalmente aos companheiros de Comissão e aos Srs. expositores, que deram a esta festa o brilho que ela apresenta.

Às autoridades, Federais, Estaduais e Municipais os nossos agradecimentos.

A elas devemos além do auxilio moral e material que nos vêm sendo distribuidos, o êxito de nossos dias.

Sejam as minhas últimas palavras, um muito obrigado, tão profundo quanto a nossa simpatia, à figura tão cara de Aderbal Ramos da Silva, força geratriz deste certame, e neste instante devemos dar graças ao Altissimo pela oportunidade de tê-lo conosco".

Os srs. Vice-Presidente da República dr. Nerêu Ramos, Governador em exercício José Boabaid, cel. Horta Barbosa, dr. Armando Simone Pereira, Secretário da Justiça, Educação e Saúde e sr. João A. Assis, no baile do Clube 1º de Junho

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O orador foi vivamente aplaudido.

Saudação do dr. Clovis Ribeiro

Com a palavra o dr. Clovis Ribeiro, diretor da Escola Prática "Caetano Costa" pronunciou o seguinte discurso:

"Designado para saudar a v. excia., é com honra e júbilo que o faço. Para nós, seus coestaduanos, é um grande prazer a sua presença. Para nós, dedicados às lides do campo, é esta uma oportunidade para agradecer o apoio dado por v. excia. ao plano para construção de um Parque Estadual de Exposição, cujo marco inicial será hoje inaugurado, e que por certo influirá no animo de quantos oradores e agricultores o visitarem. Brindo a v. excia., certo de haver transmitido os sentimentos dos presentes, desejando-lhe feliz estadia entre nos". Palmas foram ouvidas às últimas palavras do orador, seguindo-se o homenageado que, agradecendo às homenagens que lhe vem sendo tributadas, concluiu declarando: "Quis Deus que me sobrassem energias para ainda ter a satisfação de voltar a dar ao meu Estado senão o concurso de minha inteligência pelo menos o esfôrço do meu trabalho".

Agradecimento do Governador Aderbal R. da Silva

Discursou, a seguir, o Governador Aderbal R. da Silva, cuja magistral oração foi constantemente interrompida com entusiasticos aplausos. Referiu-se elogiosamente a atuação do dr. José Boabaid no Govêrno do Estado e disse que em sua campanha politica firmara como programa a continuidade da orientação administrativa traçada por Nerêu Ramos.

Agradeceu, em seguida, as homenagens que lhe foram prestadas.

Finalisando disse: "Praza aos Céus que volte em breve ao Govêrno da minha terra para não dar sómente o possivel da minha inteligência, mas do muito que ela precisa e que hei de realisar".

Fala o dr. Nerêu Ramos

Aclamado pelo povo, com delirantes aplausos, usou da palavra o eminente catarinense dr. Nerêu Ramos, para inicialmente citar que a gente daquelas paragens nunca esmorecêra porque confiava no seu futuro, por ter o solido alicerce e base em sua economia. Disse que aquela festa era a festa do trabalho e do interesse da gente da serra em servir a coletividade.

Finalisou afirmando que continuará sua caminhada sempre com os olhos e coração voltados para o povo barriga-verde.

Inauguração do certame

A Exposição Agro-Pecuária foi, em após, presentes as altas autoridades, ruralistas e povo, inaugurada oficialmente, verificando-se o solene hasteamento do Pavilhão ao som do Hino Nacional, usando da palavra, nessa oportunidade, o ilustre Secretário da Viação, Obras Públicas e Agricultura. A brilhante oração do dr. Leoberto Leal inserimos em outro local.

Após usou da palavra o dr. Nerêu Ramos que inaugurou oficialmente, a 5ª Exposição Agro-Pecuária de Lajes.

Seguiu-se o desfile dos animais cujo espetáculo diz bem do aprimoramento do gado catarinense e o elevado gráu de conhecimento dos nossos expositores.

Durante tôda a tarde daquele dia de sol cerca de dez mil pessoas estiveram em visita à Exposição, levando todos a melhor impressão do que estava sendo apresentado pelos expositores catarinenses.

Baile de gala no 14 de Junho

Encerrando as festividades programadas para o dia 12, efetuou-se, à noite, nos luxuosos salões do Clube 14 de Junho, o grande baile de gala, a que compareceram, os srs. drs. Aderbal Ramos da Silva, José Boabaid, Armando Simone Pereira, Ferreira Lima, Othon d'Eça e Leoberto Leal, ainda o sr. Vidal Ramos Júnior e autoridades presentes ao certame, e exmas. familias.

O regresso

Na manhã de domingo, às dez horas, regressaram as comitivas do sr. dr. Nerêu Ramos e do Governador José Boabaid.

Sessão preparatória da IIª Reunião Econômica e Agrícola

Às 14 horas do dia 13, realizou-se nos amplos salões do Instituto de Educação de Lajes, a sessão preparatória da IIª Reunião Economica e Agricola e da Semana Ruralista, sob a presidencia do sr. dr. Leoberto Leal, secretário da Viação Obras Públicas e Agricultura.

Constituida a Mesa, a convite do Presidente, pelos srs. jornalistas Jairo Callado, prefeito Cel. Salomão Carneiro de Almeida, jornalista Osias Guimarães, drs. Armando Ferreira Lima e Cesar Seára, deputado Félix Odebrecht e do sr. T. Jamundá, representante dos prefeitos de Ibirama, Timbó, Rodeio e Indaial, foram iniciados os trabalhos com a eleição dos componentes da Mesa Diretora dêsses importantes conclaves.

Pelos presentes foram aclamados os seguintes nomes:

1º Vice-Presidente — dr. Virgilio Gualberto; 2º Vice — Tito Bianchini; 1º secretario — dr. Afonso Maria Cardoso da Veiga; 2º secretário — dr. Cesar Seára; tesoureiro — Vitor Morang; Relator Geral — dr. Armando Ferreira Lima; auxiliares Alcides Abreu, Félix Schaeffer, João Demaria Cavalazzi, T. Jamundá, João Palma Moreira e Eugênio Doin Vieira.

Empossados os dirigentes dos referidos conclaves foram, assim, constituidas as respectivas comissões: Iª Comissão — Produção Vegetal: Presidente — Afonso Maria Cardoso da Veiga, secretário — Djalma Burigo Faraco; IIª Comissão — Produção Animal — Presidente — Lauro Bustamante, secretário — Capitão José Pinto Sombra; IIIª Comissão — Economia Rural, Geografia Econômico e Estatistica — Presidente — Roberto Lacerda, secretário — Carlos Buschler; IVª Comissão — Imigração, Terras e Colonização — Presidente — Francisco Carlos Régis, secretário — José Nicolau Born; Vª Comissão — Meteorologia, Produção Mineral e Ensino Agricola — Presidente — Clovis Ribeiro, secretário — Clauco Olinger; VIª Comissão — Assuntos Diversos — Presidente — José Bottini, secretário — Artur Büchele.

Homenagem ao dr. Guilherme Renaux

Com a palavra o dr. Afonso Maria Cardoso da Veiga pronunciou magnifico e empolgante improviso prestando homenagem ao dr. Guilherme Renaux, decano dos agronomos catarinenses e que com inteligência e brilhantismo cursára a antiga Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, atual Escola Nacional de Agricultura.

Sua oração foi fartamente aplaudida.

Os presentes aprovaram unanimemente a atitude do dr. Afonso Maria Cardoso da Veiga.

Para agradecer a homenagem com que era distinguido discursou brilhantemente o sr. dr. Guilherme Renaux.

A instalação da 2ª Reunião Econômico Agrícola

Às 20 horas, no amplo salão de festas do Instituto de Educação, efetuou-se a solene instalação da 2ª Reunião Econômico Agrícola de Santa Catarina, com a presença de altas autoridades, civis, militares eclesiásticas, agrônomos, veterinários e ruralistas, notando-se a presença, também, de grande número de pessoas interessadas.

Presidiu a solenidade o dr. Leoberto Leal, presidente da Reunião o qual convidou para tomarem assento à Mesa os srs. Vidal Ramos Júnior, prefeito de Laies, cel. Othon Fragoso, comandante do 2º R. Rd., ten-cel. Celso Oliveira, cmte. do 13º B. C., dr. Branck de Freitas, dr. Edgard Maciel de Sá, diretor da Car-

O sr. Celso Ramos, presidente da Comissão Executiva Estadual do P. S. D., acompanhado dos Secretários d'Estado drs. Armando Simone Pereira, João David Ferreira

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

teira Agrícola do Banco do Brasil; deputados Ribas Ramos, Waldemar Rupp e Félix Odebrecht, dr. Virgilio Gualberto, diretor do Instituto Nacional do Pinho; e dr. Cesar Seára, do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura.

Declarada aberta a sessão, foi lida a ata da Reunião Preparatória

A seguir usou da palavra o sr. dr. Leoberto Leal, cujo discurso inserimos destacadamente em outro local.

Fala o dr. Afonso Veiga

Com a palavra discursou brilhantemente o sr. dr. Afonso Maria Cardoso Veiga, Executor do Acôrdo Único, que em empolgante e formosa oração ressaltou a importancia do certame e os beneficios que adviriam da sua efetivação. Sua esplendida e vibrante oração causou magnifica impressão, por ser a palavra autorisada de um competente e acatado técnico.

Discursou, também, o sr. dr. Edgar Maciel, diretor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil.

Nos dias seguintes, de 15 a 18, foram realizadas conferencias pelos técnicos presentes ao certame, com a presença de ruralistas, criadores e agricultores.

Ao jornalista foi impossivel anotar todas as fases do certame que em Lajes, reuniu personalidades as mais destacadas do cenário politico social, e econômico. Lajes concentrou, nestes dias, milhares de visitantes que vieram participar da memorável festa.

No entanto, conseguimos anotar a presença, além das autoridades acima mencionadas no decorrer desta crônica, os nomes ainda das seguintes pessoas: Drs. A. Beiro, chefe de secção do Fomento da Produção Vegetal, do Ministério da Agricultura; dr. Alberto Ribeiro de Oilveira Motta Filho, diretor da Divisão do Fomento da Produção Vegetal do Ministério da Agricultura dr. Branck de Freitas, diretor d Divisão do Fomento da Produçã Animal do Ministério da Agricultura; José Norberto Macedo, insp. reg da D. S. Animal em Minas Gerais Balbino Mascarenhas, Secretário d Agricultura rep. o Governador Walter Jobim, do R. G. do Sul, Ruben S. do Amaral, diretor do F. P. V. do Paraná, rep. o sr. Secretário da Agricultura, prof. Olavo de Barros Geraldo Souto, Wiliam Simão e Cesar Seára, do S. I. A. do Ministério da Agricultura, Julio M. Bittencourt, Inspetor R. do F. P. A. do Paraná dr. Abelardo Gomes e sra., sta. Laila Freyesleben, da Révista "Trânsito", de Fpolis.; dr. João Cavallazi, dr. Moayr T. de Oliveira dr Osni Damiani, sr. Arnoldo Sousa prefeito de São José, sr. João Custódio de Oliveira, presidente da Associação Rural de São José, sr. Miguel Leal e sra., prefeito Arno Oscar Meyer, de Bom Retiro, prof. Luiz S. B. da Trindade, dr. Arlindo Beiro Uchoa, chefe da Div. de Máquinas do Min. de Agricultura, dr Félix Schaefer, dr. Lauro F. Bustamante e sra., dr. Afonso F. C. d Veiga, chefe do Serv. do Fomento Agricola do Min. da Agricultura e Executor do Acôrdo Único; dr. Jacques Pierre Brocardo, dr. Alcione José Osta, dr. Artur Buchele, dr Renato Luiz P. de Sousa, dr. Apolonio Bouret, dr. Ozorio Carneiro Sob., dr. Glauco Olinger, dr. José Carlos de Matos Horta Barbosa chefe do Serviço Florestal, dr Francisco Bertagnolli Jr., dr. Vito Morang, dr. Theobaldo C. Jamundá dr. Altamir Gonçalves de Azevedo dr. Alberto Santos, dr. José Modesto Macedo, dr. Roberto Lacerda diretor do D. E. E., sr. Vitor Buhr vereador em Rio do Sul, sr. Ado Faraco, prefeito de Cresciuma, srs. Cid Gonzaga e dr. Zani Gonzaga dr. Paulo Carneiro, representante da Cooperativa de Laguna, dr. Hernani Saião dos Santos, rep. da Associação Rural de Laguna, Frei Eurico, diretor do Colégio Santo Antônio, de Blumenau, sr. Danubio Melo e sra.,, Navarro Lins e sra. dr. Wilmar Dias, sr. Wilson Chaves, sr. Kiliano Kretzer, sr. Eddi Amorim, dr. Mário Mafra, srs. Jaime Mendes, Francisco França dr. Raul Caldas, delegado do Ministério do Trabalho, deputados Félix Odebrecht, Waldemar Rupp e Walter Müler, sr. Adolfo Derner, sr. Elias Angeloni, cel. Salomão de Almeida, pref. de Curitibanos, sr Graciliano Almeida, pres. do PSD em Curitibanos, ten. Moysés de Cordova, delegado reg. de policia em Curitibanos, sr. Francisco Farias pres. da Câmara Municipal de Curitibanos, dr. João Marcondes Neto juiz de Direito de Curitibanos, vereador A. Crippa, sr. Elyseu Di Bernardi, sr. José Elias, sr. Amim Safum, sr. Wenceslau Borini pref. de Rio do Sul, vereadores Raymundo Maia Sobrinho, Hermelino Largura Max Meinick, Alberto João Knick, sr. Otacilio Macedo, pres. Ass. Rural de Rio do Sul, sr. José de Oliveira Malta, sr. Rodolfo Rapelin sr. Siqueira Belo, dr. Ivo Montenegro, diretor da Empresul de Joinvile e rep. da Associação Rural, sr Artur Fabião Carneiro, de Pôrto Alegre, dr. Cezar Alvim, assistente do Pres. do INP, sr. Ramos Alvim, prefeito de Tangará, sr. Evaldo Schaeffer, drs. José Carlos Ferreira e Leopoldino Ferreira, Antônio Salum, Dionisio Damiani, Emilio Meyer, prefeito de Ibirama, sr. Ivo Muller, prefeito de Urussanga, sr Torquato Tasso, Siqueira Belo vereador em Caçador, Paulo Valente Ferreira, Solon Vieira e senhora, Fulvio Vieira, Narbal Vilela, Arides Santos Pereira, Olimpio Olinger, jornalistas Rubens Ramos do "O Estado", Jairo Callado, de "A Gazeta", de Fpolis., Adão Miranda de "A Noticia", de Joinvile, Ozias Guimarães, da revista "Vale do Itajaí", sr. Félix Femzer, fotógrafo da Sec. da Justiça, Educação e Saúde srs. William Gericke e Francisco Vasconcelos, produtores cinematográficos de São Paulo, e muitas outras cujos nomes não foi possivel registar.

Homenagem aos Rotarianos

Participando das festividades com que Lajes asinalou dias memoraveis em sua vida social, politica econômico, o Rotary Clube, homenageou os rotarianos presentes na cidade, com um almosso, em sua séde social, a que compareceram ainda os srs. drs. Leoberto Leal, Paulo Carneiro, Roberto Lacerda, Virgilio Gualberto, Vitor Buhr, Ado Faraco, dr. Ivo Montenegro, dr. Macedo.

Oferecendo o agape falou o presidente do Rotary, dr. Osvaldo Camargo, agradecendo o dr. Leoberto Leal. Outros oradores se fizeram ouvir.

Pomicultura

No stand de pomicultura notamos produtos dos seguintes expositores Otacilio Vieira da Costa, Solon Vieira da Costa, João Pedro Arruda, Noca Andrade Arruda, Antônio Alencar, A. Furtado, João Araujo Vieira, Hortencio Camargo Rosa Ricardo Morel, Fruticultura Martorano São Joaquim. Na secção d conservas apresentaram-se Olga Duarte, Ecilda Vieira Lisboa, Fazenda Santo Cristo, Ceci Granzoto, Zulmira Bianchini Avila, Domingas Bianchini, Cremilda Bianchini Arruda, Alecia Chaves Andrade, Nenê Ramos, Alzira Gamboigi Ida Bianchini Avila, sra. Pompeu Costa, Otilia M. Lenzi, Anita Prucci Schweitzer, Nair Ramos Lisboa Juracy Paes Branco, Isolina G Branco, Inês Rocha Silva, Vera Ribeiro, Nilza Ribeiro, Nair S. Wagner, Isabel A. Arruda, Prudencia Vieira da Costa, Waltrude Hoeschel Marques, Noca A. Arruda, Cremilda Bianchini Arruda, Leontina Morei a Cesar, Arlita Duarte, Nair S Wagner, Maria Luiza V. Branco Anita Pucci Schweitzer.

Agricultura

No stand da agricultura viam-se produtos dos srs. João Camilo Pereira, Anastácio Mota, Apresentação Agricola patrocinada pela Sociedade Agricola Vidal Ramos Jú

O dr. Ivo Guilhon Pereira de Melo, Juiz de Direito, discursando na inauguração do novo edifício do Forum

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

nior, Sevaldo Melo, que expoz ber vas medicinais; H. Pereira dos Anjos, Cirilo Antunes e Filhos, do distrito de Carú, que obteve o 1º lugar e o 1º premio em agricultura horticultura, pomicultura, cultur de ervas e indústria caseira.

Notavam-se, ainda, magnificos e bem organizados stands do Departamento de Produção Animal, Inspetoria Regional da Defesa Sanitária Animal em regime de Acôrdo com a Secretaria de Agricultura, Serviço de Defesa Sanitária Vegetal, Organização da Diretoria de Produção Animal, Serviço Florestal, Secção do Fomento Agricola da Escola Prática de Agricultura Caetano Costa.

Homenagem a Imprensa

Em aprasivel recanto da Exposição Agro-Pecuária de Lajes a Comissão Executiva desse importante certame ofereceu às Comissões Julgadoras e a imprensa esplendida churrascada.

Discurso do sr. Armando Ramos

Em nome dos homenageantes discursou o acatado fazendeiro e presidente da Comissão Executiva sr. Armando Ramos, que pronunciou o seguinte discurso:

Srs. Jurados.

Exmas. Autoridades.

Srs. Representantes da Imprensa.

Neste modesto churrasco, que vos oferecemos como homenagem, vai também a nossa gratidão e o nosso reconhecimento.

A imprensa, que tudo faz pelo bem comum, cumpriu mais uma vez com raro brilhantismo, a risca de seu programa.

Senhores Jurados.

Os ensinamentos que vem de nos prestar neste momento estas dignas autoridades em matéria de pecuaria, são dividas que não se pagam com palavras, nem com homenagens descoloridas como as que neste instante lhes dedicamos.

A nossa gratidão vai muito além daquilo que podemos expressar.

Queremos que levem daqui a certeza de que o interprete desta reunião não teve recursos para externar fielmente o nosso pensamento.

Podemos assegurar que os expositores têm no vosso vereditum, a confiança da realidade e uma aula que muito nos poderá servir em dias futuros.

E foi com essas esperanças que procuramos trazer para êste certame autoridades de real e incontestavel valor.

Para nós, que recem entramos na evolução do nosso ramo, nada mais justo e interessante que procurar um ponto de partida, que venha em auxilio dos nossos poucos conhecimentos.

A fé e a dedicação que temos em favor do melhoramento de nossos gados, sem dúvida nos levarão mais cêdo ao ponto desejado.

Reiterando a nossa gratidão, fazemos votos por uma feliz permanencia em nossa terra, e que deixem solidificada, em nosso meio, uma amizade que fará parte do cabedal indestrutivel do nosso reconhecimento.

Em nome da imprensa pronunciou magistral e empolgante discurso de agradecimento o jornalista dr. Rubens de Arruda Ramos.

Jantar à imprensa

Nos salões do Restaurante Brasil o sr. dr. Leoberto Leal, secretário da Viação, Obras Públicas e Agricultura ofereceu à imprensa magnifico jantar.

Em primorosa e vibrante oração o sr. dr. Lauro Bustamante, diretor do Serviço de Produção Animal, disse da razão de ser daquela homenagem, resaltando a gratidão do Govêrno à colaboração eficiente e valiosa da imprensa falada e escrita.

Em nome dos jornalistas discursou a nossa talentosa colega Laila Freyesleben que em esplendida e formosa oração agradeceu a homenagem.

O brinde de honra ao sr dr. Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura, foi levantado pelo jornalista Sebastião Vieira.

Dessa homenagem participaram todas as altas autoridades, presentes em Lajes.

Notas

A excelente Banda de Música da Policia Militar e a Orquestra do Clube Doze de Agôsto abrilhantaram as festividades.

Soirée

Domingo, dia 13, foi efetuada nos elegantes salões do Clube 1º de Junho, grandiosa soirée.

O DISCURSO DO DR. LEOBERTO LEAL NA INAUGURAÇÃO DA 5ª EXPOSIÇÃO-FEIRA DE LAJES

É o seguinte o teor da brilhante oração pronunciada pelo dr. Leoberto Leal, digno Secretário da Viação, Obras Públicas e Agricultura, no ato inaugural da 5ª Exposição-Feira Agro-Pecuária de Lajes, dia 12 do corrente:

Senhores:

O Govêrno de Santa Catarina, na oportunidade em que se inaugura a 5ª Exposição-Feira e Produtos Derivados, afortunada iniciativa da Associação Rural de Lajes, não poderia silenciar a manifestação expressa da sua solidariedade a êste evento, verdadeira confluência em que produtores e dirigentes, de mãos dadas, se empreitam no demonstrar a fôrça da nossa economia, exibindo opimos frutos do seu primeiro fundamento e sustentáculo — a produção agro-pecuária.

E esta florescente cidade de Lajes, a emergir graciosa do mar de esmeralda das onduladas campinas circundantes, salpicadas de capões e debruadas de restingas verde-escuras, como se fôssem a arrebentação das vagas dêste mar de pastagens — é a sede ideal para um certame dessa natureza.

Sim, meus senhores, Santa Catarina, não poderia eleger outro local em que fazer demonstrados o adianto e a pujança da sua pecuária sinão o centro, que sempre vêm liderando nesse precipuo setor do seu trabalho.

Lajes vêm sendo, por uma predestinação ecológica, que se impôs aos que a vêm habitando, desde os pioneiros paulistas que aqui primeiramente se aposentaram, uma terra de pastores, um rincão de criadores de gado — verdadeira capital da atividade pecuária em nosso Estado.

E seus rebanhos, sôbre crescerem numéricamente, dia a dia se aprimoram, num progresso qualitativo, que muito nos anima e sobremaneira nos ufana.

E é pela compreensão das condições favoráveis aqui existentes para a preservação, melhoria e aumento dos seus ricos rebanhos, que o sábio governante que, por dois lustros, deu a Santa Catarina todo o seu tino de guião predestinado, tôda a sua atividade de verdadeiro dinamo humano, todo o conhecimento e capacidade da sua personalidade de escol, lançou o exemplo, que vêm sendo seguido pelos seus continuadores, de amparar e fortalecer a nossa economia pastoril. Assim é que Nerêu Ramos, plantando neste local um centro de educação agricola e de fomento, distribuindo reprodutores das mais finas raças e das mais nobres estirpes, interveio, pela vez primeira, entre os governantes dêste Estado, na tarefa, até então práticamente entregue ao Govêrno Central e à iniciativa privada, do fomento e da melhoria da nossa pecuária mista e de corte.

Os governantes que lhe sucederam, formados na sua escola, orientados pelo seu exemplo, animados pelas suas realizações, tudo têm feito para continuar-lhe e desenvolver-lhe a obra.

Nesta mesma cidade, como Secretário da Agricultura do Govêrno de Udo Deeke, eu vim trazer, ruralistas lajeanos, por ocasião da Quarta Exposição Agropecuária, em

Vaca Devon, 1º prêmio da Raça e campeã geral da 5ª Exposição Agro-Pecuária, de propriedade do sr. Aldo Ramos, Fazenda São Luiz

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

As algemas

da IGNORÂNCIA
podem ser destruidas
A leitura dá Sabedoria

Desejando livros
sôbre
quaisquer assuntos
peça-os a
LIVRARIA ROSA
Rua Deodoro, 33
FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

Escritório Imobiliário
A. L. Alves
Rua Deodoro nº 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalisação, avaliação e administração de imóveis.
Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

1946, o apôio e o aplauso dêsse continuador de Nerêu Ramos àquela brilhante empreitada da Associação Rural de Lajes.

E os fazendeiros de Lajes, sempre empolgados pelo ideal de mais avançar e progredir, justamente ufanos do que já hão conseguido, lançaram-se à jornada desta magnífica Quinta Exposição Agro-Pecuária. Procuraram em comissão o seu grande amigo, o ilustre Governador Aderbal Ramos da Silva, a quem solicitaram apôio para o novo empreendimento.

Na minha presença lhes foi prometido o amparo do Govêrno, como na presença dêles me foi determinado por aquele grande catarinense que emprestasse ao certame tôda a assistência da Secretaria que dirijo.

Dentro do possivel, pessoalmente e pelos meus leais auxiliares, tudo procurei fazer em prol da iniciativa, prestigiado e amparado sempre pelo benemérito Governador em exercicio.

Do ilustre Ministro Daniel de Carvalho, que me concedeu a honra de fazer-me seu representante nesta brilhante parada de produção agro-pecuária, solicitei e obtive para a Exposição, todo o apôio que, aliás, aquele grande amigo de Santa Catarina sempre vêm dispensando às atividades que, em nosso Estado, se compreendem dentro do circulo de competência do Ministério que tão proficuamente orienta.

E o pavilhão de bovinos, ora concluido, constitui a primeira etapa do erguimento em Lajes de um recinto definitivo para exposição e feiras agropecuárias, devido, sobretudo, ao perfeito entrosamento de recursos e atividades propiciado pelo acôrdo unico para fomento e defesa animal e vegetal, entre o Ministério da Agricultura e o Govêrno do Estado.

Êsse regime de colaboração perfeita e mutua assistência, iniciado em 1937 pelo Interventor Nerêu Ramos, com o primeiro acôrdo de Fomento Vegetal, vêm ensejando se amplíem e intensifiquem os diversos ramos da nossa economia agropecuária.

Assim é que, sob uma execução e uma fiscalização simplificadas, recursos maiores e atividades somadas puderam fazer frente à campanha do trigo, em nosso Estado, desde já a caminho da vitória, com uma colheira de cem mil toneladas; à intensificação do fomento e melhoria de outros produtos da nossa lavoura; à defesa de nossos rebanhos e de nossas culturas.

Pode o Govêrno do Estado apresentar como já obtidos, no campo de fomento da nossa pecuária, apenas para exemplificar, um acêrvo de cento e cinquenta estações de monta, com reprodutores das mais aconselháveis raças bovinas para carne e para leite; a criação de uma granja leiteira que foi um dos fundamentos da definitiva solução, alcançada em quinze meses, para o angustioso problema do abastecimento de leite à Capital do Estado, o Registro Genealógico e a remodelação e ampliação de vários dos estabelecimentos de assistência à pecuária.

No campo da Defesa Sanitária Animal, o acôrdo unico, que enfeixara e ampliara o antigo convênio firmado por Nerêu Ramos para a execução daquele serviço, lutou vitoriosamente contra a terrivel peste suina que ameaçava aniquilar o nosso rebanho, grande, de quasi dois milhões de cabeças, e, só em 1948, inaugurou dois novos laboratórios regionais, os de Araranguá e Mafra, que, com o de Lajes, vêm sendo os magníficos satélites do estabelecimento central de São José, na produção de vacinas e distribuição de medicamentos contra as Zoonoses que afetam os nossos gados. E, ainda nesse setor, foi inaugurado e está em plena produção o laboratório contra o hog-colera, em São José, já alcançando a fase final os trabalhos para a fabricação de vacinas contra a aftosa, como foram tambem construidos 16 banheiros carrapaticidas.

Lidadas foram três campanhas contra os gafanhotos, com resultados bastante auspiciosos, sem que, para tanto, o Serviço de Defesa Sanitária Vegetal relegasse os seus trabalhos de rotina.

Ainda no regime de acôrdo com o Ministério da Agricultura, estão sendo assistido o cooperativismo e padronizações os produtos de origem vegetal e animal; foi criado e funciona o serviço de florestamento e reflorestamento e entabolados entendimentos para os trabalhos relativos à imigração, colonização, instalação de nucleos de triticultores e construção de armazens e câmaras de expurgo.

E o atual Govêrno de Santa Catarina, meus senhores, muito conscientemente sabe que emprega bem o seu desvêlo no fomento, defesa e aprimoramento da produção, como na melhoria dos transportes, porque sente que, só fortalecendo a sua economia, encontrará a capacidade tributária em nosso povo, que lhe permita suprir o erário dos meios que facultem manter e desenvolver a opulenta obra de educação e de assistência social que nos legou o Govêrno do grande Nerêu Ramos.

As nossas riquezas pastoril e agricola são os dois mais sólidos esteios da nossa estrutura econômica, porque, como bem o disse alguêm, "na terra é que têm inicio o processo da vida e da terra têm partido o ciclo econômico do Brasil".

Resta muito a realizar para que se obtenham resultados à altura dos que vêm usufruindo as nações que racionalizaram a sua atividade produtora, lavorista ou pecuária.

Mistér se faz que se abandonem processos extensivos e que se passe a produzir intensivamente.

Que as grandes extensões ralamente semeadas de bovinos, ruminando apenas palha nativa, passem a alimentar rebanhos multiplicados no numero e melhorados no peso e tipo, graças a pastagens artificialmente cultivadas.

E os equipes para tanto, serão talvez os mesmos que, empregados em parte dessas terras, sirvam para lavrar, semear e colher louras messes do cereal rei que, indicam as experiências que vimos levando a cabo, pode medrar e frutifica nos campos nativos do nosso planalto, cuja configuração permite a cultura motomecanizada — unico processo que nos porá em igualdade de condições com as modernas nações triticultoras.

Resta que se obtenham armazens e silos, que seja posto em voga, por forma prática e acessivel, o crédito rural, que se garantam bons mercados para a carne e maior e mais seguro consumo para os produtos de lavoura, porque, se assim fôr feito, ao invés, de se votar o nosso país à fome, à sub-alimentação, ao sub-consumo, se estará levando o Brasil ao caminho da fartura e da prosperidade.

Mas, meus senhores:

Nesta grande terra, respirando êste ar sadio do altiplano, convivendo com esta gente fidalga e hospitaleira, sentindo o aconchêgo dêste meio tão confortadoramente brasileiro, eu alcanço o que, estou certo, todos vós alcançais, neste momento — o alto significado do certame que se vai inaugurar, que permanecerá na história da economia catarinense como um marco indestrutivel a salientar uma época, uma diretriz e uma já animadora realidade.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Missão Abbink

WALMOR RIBEIRO

A comissão mixta brasileiro-americana que durante cinco mezes estudou a nossa situação econômica, chegou a resultados muito interessantes, emitindo sujestões oportunas que visam aumentar o nosso progresso.

Não pretendemos siquer, resumir trabalho de tanto vulto, mas apenas bordar comentários ligeiros sôbre alguns pontos do grande relatório.

De inicio, chega-se à conclusão que o nosso mal provém de um desequilíbrio econômico, ou seja, a falta de harmonia no desenvolvimento da produção que não guarda relação com outros setores conexos taes como, transporte, mão de obra, etc.

E' razoável que antes de tudo visemos o incremento da produção agro-pecuária, que garante a alimentação da populações.

Para atingir esse objetivo cumpre considerar a terra; o trabalhador; os equipamentos; a armazenagem e transporte dos produtos e assuntos correlatos como crédito, financiamento etc.

A TERRA, vae necessitar de corretivos e fertilizantes, que nossas jazidas minerais poderão fornecer. Cumpre, porém, estuda-las, sobretudo as que estejam próximas de fontes de energia hidro-eletrica e para isso teremos de recorrer a especialistas na fabricação de fosfatos e nitratos, tecnicos esses, que nos serão fornecidos pela grande nação irmã e amiga: os Estados Unidos.

O TRABALHADOR necessita de uma assistência médico-sanitária mais acurada. Aliás, já estamos melhorando consideràvelmente nesse sentido, graças à missão Rockfeller.

Além disso, o nosso trabalhador precisa ser educado, instruido e habilitado no manejo de equipamentos mecânicos, hoje indispensáveis à grande produção. Ganhando pouco, o nosso trabalhador é entretanto, o mais caro, porque produz pouco.

A ARMAZENAGEM E CONSERVAÇÃO dos produtos é indispensável, se quizermos ter um fornecimento regular e constante às populações urbanas.

O TRANSPORTE é setor de capital importância. A sua deficiência provoca a proliferação dos intermediários que elevam os preços das mercadorias.

Se conseguirmos explorar as nossas jazidas petrolíferas convirá desenvolver o transporte rodoviário e as aérovias. Si, porém, não tivermos petróleo abundante, e barato, convirá antes recorrer á eletrificação das ferrovias e a navegação, (fluvial e maritima).

Sobrepuja a todos os problemas, o do financiamento, mas, ainda aqui a Missão Abbink nos aponta o caminho a seguir. Antes de tudo é indispensável o combate aos surtos inflacionários. E' absurdo querer desenvolver a produção mediante emissão de papel moeda, porque o resultado é contraproducente.

Também não são aconselháveis os empréstimos compulsórios.

Mas devemos recorrer às Companhias de Seguros e Capitalização, aos Institutos de previdência social, cujos fundos vêm menos acertadamente sendo desviados para a construção de imóveis, setor este que, apesar de importante, não guarda proporção com o desenvolvimento econômico geral.

Lembra ainda a comissão a possibilidade de emprestimos internos e uma melhor arrecadação da renda tributária Julga urgente a criação do Banco Central para ajudar o governo a restaurar o mercado de seus titulos e tornar mais eficiente o controle do crédito e tambem a do Banco Rural que difundirá o crédito rural.

Sugere ainda a reorganização da bolsa de titulos em normas que particulariza.

Quanto a vinda de capital estrangeir , pensa que o principal obstáculo à sua entrada é de origem cambial e que um convênio tributário entre Brasil e Estados Unidos, evitando a dupla taxação, ou pelo menos reduzindo certos impostos, facilitaria o ingresso de capitais em nosso pais.

Os rumos estão traçados.

Resta o percurso por tão longo e acidentado caminho

Confiemos entretanto, no descortino energia e probidade dos nossos estadistas

---

Sr. Vice-Presidente da República.

No dia treze de março de 1920, via Lajes instalar-se a sua primeira exposição-feira agropecuária.

Repetiram-se periodicamente êsses certames, verdadeiramente festas do trabalho e do espirito progressista e empreendedor da gente lajeana.

Cada uma delas vinha demonstrar o indescontinuado processo de melhoria que a visão larga dos pecuaristas desta terra vinha alcançando para a maior das suas riquezas.

Chega-se finalmente a esta Quinta Exposição-Feira que, sem desdouro para as precedentes, vêm rodeada de caracteristicas que a diferenciam, quer pela feição material do seu recinto, mais vasto e já, em parte, de caráter definitivo, quer pela procedência dos especimes expostos que a situam, sem favor, entre as exposições interestaduais, quer pela alta qualidade da produção apresentada, quer, ainda, pela mais profunda e estreita colaboração entre os organizadores da empreitada e os poderes publicos, da União, do Estado e da Comuna.

Vêm ela operar como demonstração patente das conquistas feitas e como caloroso estimulo a novas e vitoriosas lutas.

Vêm ser fautora de uma melhor aproximação entre governantes e governados, de um maior intercambio entre ruralistas dos municipios de Santa Catarina e entre esta e os Estados irmãos e confinantes.

Por todos êstes motivos, senhor Vice-Presidente da República, venho, oficialmente, em nome dos ruralistas lajeanos, pelo seu órgão de classe, a Associação Rural de Lajes, no da Comissão Executiva do Certame, no do esclarecido Govêrno desta Grande Comuna que se envaidece de lhe ter sido berço e no do seu Estado natal, que tanto se orgulha de um tão grande filho, e no do Ministério da Agricultura pedir-lhe que faça inaugurada a nossa Quinta Exposição-Feira Agropecuária e Produtos Derivados.

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

—o—

Assinaturas:

Anual ..... Cr$ 18,00

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Animais premiados na 5a. Exposição Agro-Pecuária de Lages

Aos 11 dias do mês de março de 1949, nesta cidade de Lajes e no recinto da 5ª Exposição Agro-Pecuária e de Produtos Derivados, reuniu-se a comissão designada pelo sr. Armando Ramos, Presidente da Comissão Executiva, composta do srs.: Major Iridio Stroppa, Diretor da Coudelaria de Tindiquéra, sr. Plinio Ribeiro Ramos, primeiro Tte Polan Kawecki, Veterinário da Coudelaria de Tindiquéra e sr. Plinio Schmidt, junto ao pavilhão destinado aos equinos, passando a examinar os animais inscritos na secção B e chegando aos seguintes resultados: Campeão geral n. 7 —

1º prêmio Normando — proprietário dr. Acácio Arruda, Fazenda S. Lúcia — Lajes

Jasmim — P. S. Mangalarga. Proprietário: Sr. dr. Indalécio Arruda.

Reservado campeão — N. 4 — Serro Alegre — P. S. Inglês: Proprietário: Sr. Dionizio Maestri.

Raça Ingleza de corrida — 77ª Categoria (animais puros) N. 4 — Serro Alegre — 1º lugar. Proprietário sr. Dionizio Maestri.

78ª Categoria (animais mestiços) N. 28 — Castanha 1º lugar — Proprietário sr. Valdo Costa.

N. 8 — Guarani — 2º lugar. Proprietário sr. Antônio Edu Vieira.

N. 1 — Safira — 3º lugar. Proprietário sr. Antenor Palma Velho

Raça Ardeneza e Bretã — 80ª Categoria (animais mestiços)

N. 31 — Gigante — 1º lugar. Proprietário sr. Argemiro Ribeiro.

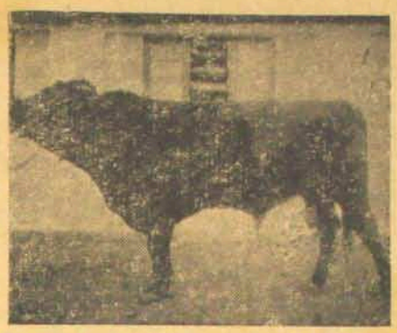
N. 3 — Pata Branca — 2º lugar Proprietário sr. Eneo Ramos Lisboa.

2º prêmio — Holandez preto e branco — proprietário Manoel Antunes Ramos — Lajes

N. 47 — Bugre — 3º lugar. Proprietário sr. Antônio Licurgo Muniz.

Raça Mangalarga e Campolina — 81. Categoria (animais puros) — N. 7 — Jasmim.

1º lugar — Proprietário sr. dr. Indalécio Arruda.



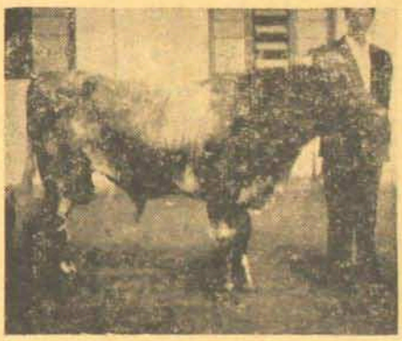
1º prêmio Devon — proprietário Aureo R. Lisboa

82ª Categoria (animais mestiços) — N. 26 — Fibrósa — 1º lugar — Proprietário sr. Anastácio Gonçalves de Araujo.

N. 14 — Bombeiro — 2º lugar Proprietário sr. Pedro Paulo Lisboa.

N. 35 — Zingaro — 3º lugar. Proprietário sr. Ivadi Almeida.

Raça Crioula. 84ª Categoria — (animais mestiços). N. 48 — Araponga — 1º lugar. Proprictario sr Plinio Ribeiro Ramos.



2º prêmio Devon — propriedade do Emílio Camargo Ramos — Vacaria

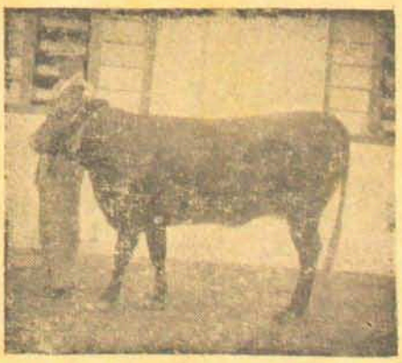
N. 36 — Walkiria — 2º lugar Proprietário sr. Lauro Severian Ribeiro.

N. 44 — Cigano — 3º lugar. Proprietário sr. Antônio Ramos Lisboa

Outras Raças — 86ª Categori (animais mestiços) — Raça Percheron — N. 23 — Fidalgo — 1º lugar Proprietário sr. Glorocinto Barcellos.

N. 2 — Setembrina — 2º lugar Proprietário sr. Antenor Palma Velho.

Raça Anglo Arabe — N. 27 — Bi



3º prêmio Devon — proprietário Aureo Ramos Lisboa

lontra — 1º lugar: Proprietário sr. Alexandre Arruda.

E para constar lavrou a comissão a presente Ata, que vai assinada por todos os seus membros.

Major Iridio Stroppa.

Plinio Ribeiro Ramos.

Polan Kawecki — 1º Tenente Veterinário.

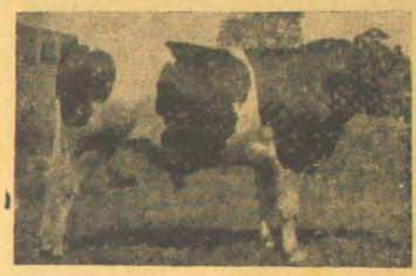
Plinio Schmidt.

Campeões:

Campeão geral: Hereford — Trovão — Manoel Claro de Lima.

Campeão geral: Devon, n. 63 — Armando Ramos.

Reservado de Campeão Geral — Schwyz Lord — Emiliano Ramos Branco.



1º prêmio Holandez, preto e branco, proprietário dr. Acácio Arruda — Lajes

Reservada de Campeã Geral — Holand. Violeta — Manoel Antunes Ramos.

Campeão Raçasie Corte: Hereford — Trovão — Manoel Claro de Lima.

Campeã Raças de Corte — Devon n. 63 — Armando Ramos.

Campeão Raças Mixtas — Schwyz — Lord — Emiliano Ramos Branco

Campeã Raças Mixtas — Norman da Londrina — João Luiz Ramos.

Campeão Raças Leiteiras Holand — Famoso — Dr. Acácio Ramos Arruda.

Campeã Raças Leiteiras Holand — Violeta — Manoel Antunes Ramos.

Classificação de Bovinos:

Raça Holandesa: 1ª Categoria: 1º lugar: Sertão — José L. Bottini.

2º lugar: Herzog — José L. Bottini.

2º prêmio Flamengo — proprietário Lauro S. Ribeiro — Lajes

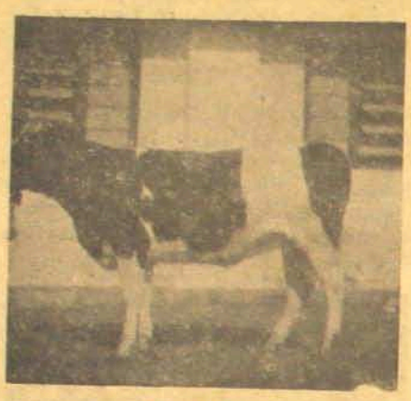
3º lugar: Jockey — José L. Bottini.

M. Honr.: Japonês — José L. Bottini.

2ª Categoria: 1º lugar: Saba — José L. Bottini.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

2º lugar: Anette — José L. Bottini.
3º lugar: Tula — José L. Bottini
3ª Categoria: 1º lugar: Famoso — Dr. Acácio Ramos Arruda.
2º lugar: Graduado — Adão Frey
4ª Categoria: 1º lugar: Faisca — Dr. Acácio Ramos Arruda.
5ª Categoria: 1º lugar: Bagé — José de Melo Cesar.
2º lugar: Trabuco — Manoel Antunes Ramos.
3º lugar: Cartucho — Manoel Antunes Ramos.

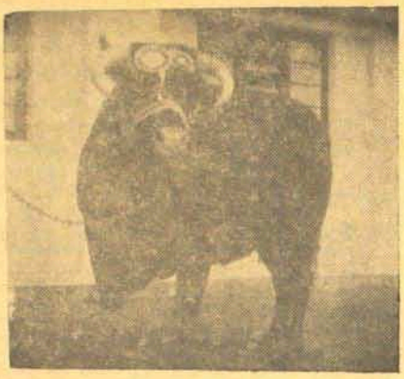


Campeã da Raça Holandeza, preto e branco, proprietário Manoel Antunes Ramos

6ª Categoria: 1º lugar: Violeta — Manoel Antunes Ramos.
Raça Schwyz — 17ª Categoria: 1º lugar: Lord — Emiliano Ramos Branco.
2º lugar: Palermo — Hortêncio Camargo Rosa.
Raça Flamenga Vermelha 23ª Categoria: 1º lugar: Pagé — José Arruda Ramos.
2º lugar: Galã — Lauro S. Ribeiro.
Raça Flamenga Pintada (oveira) — 1º lugar: Flamboyan — Agnelo Arruda.
2º lugar: Ubiratã — Edmundo Arruda.
3º lugar: Urubatã — Edmundo Arruda.
Raça Normanda — 28ª Categoria: 1º lugar: Maracugina — Dr. Acácio Ramos Arruda.
29ª Categoria: 1º lugar: Jogurt — Dr. Acácio Ramos Arruda.
2º lugar: Limoeiro — Ivo Bianchini.
30ª Categoria: 1º lugar: Londrina — João Luiz Ramos.
Raça Red Polled — 35ª Categoria: 2º lugar: Charuto — João Araujo Vieira.
Raça Devon — 41ª Categoria: 1 lugar: Tamoio — Aureo Lisboa.
2º lugar: Marajoara — Aureo Lisboa.
3º lugar: n. 216 — Armando Ramos.
M. Honr.: Rubi — Cicero Neves
42ª Categoria: 1º lugar: n. 63 — Armando Ramos.
2º lugar: Solana — Antônio Lisboa.
3º lugar: Poeira — Aureo Lisboa.
Raça Hereford — 45ª Categoria: 1º lugar: Trovão — Manoel Claro de Lima.
2º lugar: Ciclone Conselor — Cesar Vieira da Costa.
3º lugar: Omega — Edmundo Ribeiro.
Raca Shorthorn — 51ª Categoria 1º lugar: Gostosão — Emilio Ramos.
52ª Categoria: 1º lugar: Sereia — Emilio Ramos.
53ª Categoria: 1º lugar: Tarzan — Lothar Andrade.
2º lugar: Tupã — Lothar Andrade.
3º lugar: Salmão — Gaudencio Andrade.
Raça Charolesa — 57ª Categoria: 1º lugar: Alvo do Planalto — Cesar Ramos Cesar.
58ª Categoria: 1º lugar: Baiadeira — Cesar Ramos Cesar.
Raça Caracú — 63ª Categoria: 1º lugar: Batel — Indalécio Arruda.
2º lugar: Minuano — Indalécio Arruda.
Raça Zebú — 71ª Categoria: 1º lugar: Garboso — Ivadi Almeida.
72ª Categoria: 2º lugar: Cigana — Enio Ramos Lisboa.
Raça ABERTENEN ANGUS — 71ª Categoria: 1º lugar: San Bibiano Esmero 10 — Nelson Camargo Batalha.

Classificação dos lotes a campo

Raça Devon: 1º premio — n. 177 — 163 — 63 — Armando Ramos.
2º premio — Lindice 1 — Lindice 11 — Ofelia — Antônio Lisboa
Raça Normandia — Mestiças: 1 prêmio: Paca Bonita e Cotia — Belisário de S. Ramos.
2º prêmio: Violeta Vitória e Ventania — Nicanor Arruda.
Pedigree — 1º prêmio: Maracugina Lindesa e Marajá — Dr. Acácio Ramos Arruda.
Raça Aberteen Angus — 1º prêmio — Lote de 3 novilhas — Nelson C. Batalha.
2º prêmio: Lote de 3 vacas — Nelson C. Batalha.
Raça Hereford P. C. — 1º prêmio: N. 51—61—47 — Cesar Vieira da Costa.
Mestiças — 1º prêmio: lote de 3 vacas — Anastácio Araujo Vieira.
Raça Red Polled — 1º prêmio lote de 3 novilhas — Cicero Neves
M. Honr.: touro Indio — Belisário S. Ramos.
Raça Charolesa — 1º prêmio: lote de 3 novilhas — Cesar Ramos Cesar.
Raça Schwytz P. C. — Mestiça — 1º prêmio: Poti Zangão Gaucho — Hortencio C. Rosa.
1º prêmio: Trevo Rajá Quexera mobim — Hortencio C. Rosa.
Raça Jersey — 1º prêmio: Boneca Bonita Boemia — José Luiz Ramos.
Raça Flamenga — 1º prêmio: Mimosa — Edmundo Arruda.
Raça Flamenga Oveira — 1º prêmio — lote de 3 novilhas — Agnel Arruda.
2º prêmio: lote de 3 novilhas Agnelo Arruda.
Raça Flamenga Vermelha — 1 prêmio: lote de 3 novilhas — Mancilio Figueiredo.
2º prêmio: lote de 3 vacas — Edmundo Arruda.
Raça Flamenga Machos — 1º premio: lote de 3 machos — Ari da Costa Avila.
2º prêmio: lote de 3 machos — Ari da Costa Avila.
Raça Caracú — 1º prêmio: lote de 3 terneiros — Indalécio Arruda

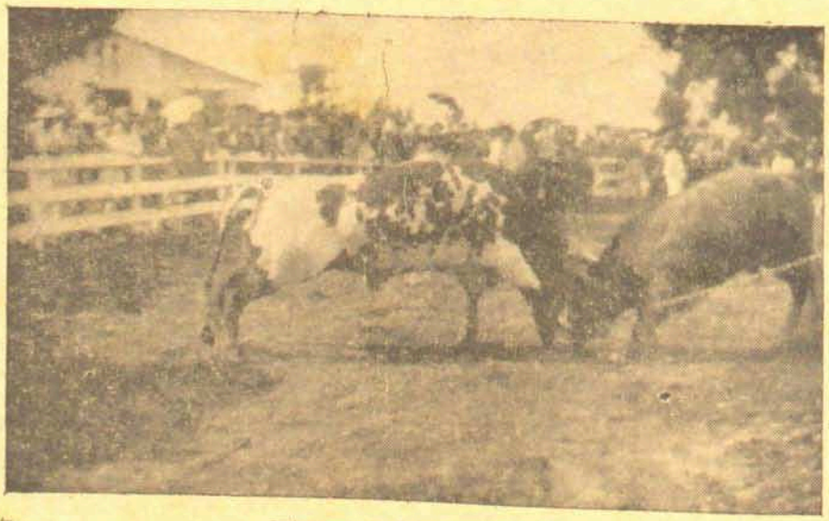


1º prêmio Caracú — proprietário Indalécio Arruda e Filhos

2º prêmio: lote de 3 novilhas — Indalécio Arruda.
Raça Holandesa — 1º prêmio: 3 — 85 e 86 — Dr. Acácio B. Arruda
Mestiças — M. Honr. — lote de 3 novilhas — Edmundo Ribeiro.
Raça Limousine — 1º prêmio M. Honrosa — Sebastião P. Vieira
Raça Mocho Nacional — 1º premio: Xamate — Hilário Bleyer.
2º prêmio: Bacana — Hilário Bleyer.
Bufalos — 1º prêmio: lote de — João Araujo Vieira.
Jurados:
Agrônomo Júlio Madureira Bittencourt.
Agrônomo Acácio Rocha.

Classificação das Aves:

Raça: Rhodes Island Red.
Gaiola n. 14.
Terno de frangos de propriedad de José Vieira Portugal. Julgamento: Bom conjunto; classificado par 2º prêmio.
Gaiola n. 31.
Terno de frangos, c/ 6 meses d idade de propriedade de João Araujo Vieira. Julgamento: Bom conjunto; classificado para 1º prêmio



Interessante luta entre bovinos

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Raça: Plymouth Rock Barrada.
Gaiola n. 3.
3 Reprodutores do dr. Lauro Ramos Cezar. Julgamento: Bom conjunto; classificado p/ 1º prêmio
Raça: Plymouth Rock Branca.
Gaiola n. 5.
1 terno de galinhas de propriedade do estudante Walter Taggesell. Julgamento: Conjunto regular; classificado p/ 2º prêmio.
Raça: Leghorn Branca.
Gaiola n. 6.
1 terno de frangos de propriedade de Ruben Schmidt. Julgamento Conjunto c/ pouco desenvolvimento e muitos piolhos; como conjunto de apresentação regular merece menção honrosa.
Gaiola n. 16.
1 Reprodutor de propriedade d João de Oliveira Koeche. Julgamento: Menção honrosa.
Raça: Combatentes.
Gaiola n. 21.
1 reprodutor de propriedade d Granja da Loba Ltda. Julgamento exemplar de regular apresentação classificado p/ 2 prêmio.

Palmipedes

Gaiolas ns. 18 e 19 — 4 casais d marrecos, tipo "Vicca" de propriedade da Granja da Loba Ltda Julgamento: Otimo, classificado para o 1º prêmio.
Gaiola n. 15 — 1 casal de propriedade de João de Oliveira Koeche. Julgamento: Regular. Classificado para o 2º prêmio.
A Comissão Julgadora:
Geraldo Gouvêa Souto e Hans Walter Taggesell.

5ª Exposição Agro-Pecuária e de Produtos Derivados de Lajes

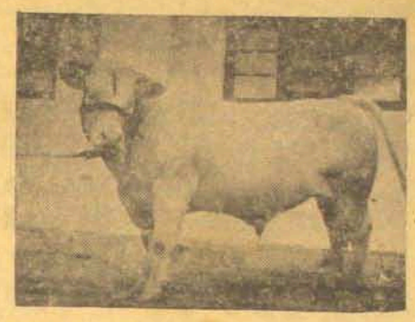
Aos onze dias do mês de março do ano de mil novecentos e quarenta e nove (11-3-1949), os agronomo abaixo assinados, designados pelo Chefe da Secção de Fomento Agricola de Santa Catarina, para julgarem os produtos agricolas, na Secção de Agricultura da aludida exposição, reunidos para o citado fim, procederam ao julgamento dos referidos exponatos, conferindo os premios aos seguintes concorrentes:

I — Para conjunto de Policultura:
1º Prêmio conferido ao agricultor sr. Cirilo Antunes e Filhos.
2º — Idem, idem ao agricultor Elisbão Madruga.
3º — Idem, idem ao agricultor Herculano Pereira dos Anjos.
4º — Idem, idem ao agricultor Galeno Ramos Vieira.
5º — Idem, idem ao agricultor Geraldo Mello.
6º — Idem, idem ao agricultor Lothar Andrade.
7º — Idem, idem ao agricultor João Filencio.

II — Para culturas especializadas:
Trigo: — Peso especifico: 82,5.
1º Prêmio conferido ao agricultor João Camilo Pereira.
2º — Idem, idem ao agricultor Clementino S. dos Anjos.
3º — Idem, idem ao agricultor Olivério Marques Correia
Milho:
Premio único conferido ao agricultor Anastácio da Silva Motta.
Alfafa:
Premio único conferido ao agricultor Juvenal Gomes de Carvalho.
Batata:
Premio único conferido ao agricultor João Araujo Vieira.
Conjunto de leguminosas:
Feijão preto, feijão soja, feijão de cor e ervilha.
Premio único conferido ao agricultor Luiz Ramos Netto.
E para constar os julgadores mandaram lavrar esta ata, que vai assinada por todos os seus membros.
Agrônomo Apolônio T. Bouret.
Agrônomo Renato Luiz Pereira de Sousa.
Agrônomo Victor Morong.
Agrônomo Osório Carneiro.

RESULTADO FINAL DO CONCURSO LEITEIRO

Quantidade de leite:
Campeã — Cegonha — Flamenga P. C. — Lauro S. Ribeiro — 21,250.



1º prêmio Charolez — proprietário Cesar Ramos Cesar

1º — Negrita — Zebú-Hol. — Edmundo Ribeiro — 16,480.
2º — Traira — Flamenga — Edmundo Arruda — 12,000.
Quantidade de gordura:
Campeã — Manchada — Zebú Fla. — Yara Valente — 0,646.
1º — Violeta — Zebú-Hol. — Edmundo Ribeiro — 0,522.
2º — Mimosa — Holandesa — Hortencio C. Rosa — 0,487.
Porcentagem de gordura:
Campeã — Esguia Sultan — Jersey — Sérgio Ribeiro — 4,5%.
1º — Cecy — Holandesa — José L. Bottini — 3,9%.

A Comissão

2º prêmio — Novelha Holandeza preto e branco — proprietário dr. Acácio Arruda, Fazenda S. Lúcia

Fruticultura

Maçãs:
1º prêmio — Dr. João Pedro Arruda — Lajes.
2º premio — José Silveira — S. Joaquim.
Peras:
1º prêmio — Antônio Alencar Furtado — Lajes.
2º premio — João Araujo Vieira — Lajes.
Pessegos:
1º prêmio — Fruticultura Maturano — São Joaquim — Expositor único.
Jurados:
Agrônomo Armando Ferreira Lima.
Agrônomo Arthur Büchele.

Resultado do julgamento dos "Ovinos" apresentados na 5ª Exposição Agro-Pecuária de Lajes

N. 1.
Raça: — Romney Marsh.
Proprietário: — Manuel Claro de Lima.
Nome: — Lote de 5 machos.
Julgamento: — Conjunto muito bom, classificado para o 1º prêmio.
N. 2.
Raça: — Lincoln.
Proprietário: — João Araujo Vieira.
Nome: — 1 casal e 1 terno.
Julgamento: — Conjunto muito bom, classificado para o 1º prêmio
N. 3.
Raça: — Romney Marsh.
Proprietário: — José L. Bottini.
Nome: — 2 machos.
Julgamento: — Considerado bom e classificado para o 2º prêmio.
N. 4.
Raça: — Lincoln.
Proprietário: — José L. Bottini
Nome: — Gran Khan, macho com a idade de 18 meses.
Julgamento: — Considerado bom e classificado para o 2º prêmio.
Observação: — Os demais exemplares não citados, não entraram em julgamento por motivos diversos.
A Comissão Julgadora:
Relação do concurso de maior peso para uma vaca de cada criador.
1º — Charoleza — peso — 755 kg — proprietário — Cezar Ramos Cezar — de Vacaria.
2º — Devon — peso 719 kg. — proprietário — Antônio Lisboa - Lajes.
3º — Flamenga — peso 690 kg. — proprietário — Edmundo Arruda — Lajes.
4º — Devon — peso 674 kg. — proprietário — Aureo R. Lisboa — Lajes.
5º — Normanda — peso — 618 kg. — proprietário — Belisário da Silva Ramos — Lajes.
6º — Devon — peso 600 kg. — proprietário — Cicero da Costa Neves — Lajes.

MATE é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo

Tomar MATE é garantir a saude!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

2a. Reunião Economico-Agricola

É do conhecimento geral, a efetivação entre os dias 13 e 17 de março, da II Reunião Econômico-Agrícola de Santa Catarina, na cidade de Lajes.

A magnitude e a importancia do certame atraiu representantes de todas as classes do Estado. Assim é que tivemos uma assembléia constituida de funcionários da Secretaria da Agricultura, técnicos do Ministério da Agricultura, representantes de entidades rurais, cooperativas, madeireiras, comerciais e industrias, etc.

Á sessão solene de abertura, realizada no dia 13, compareceu o mundo oficial presente em Lajes, havendo s. excia. o sr. dr. Leoberto Leal proferido o discurso inaugural — uma síntese do que a I Reunião tinha promovido de util e interessante para os problemas de administração.

Iniciamos, hoje, a publicação dos resultados e conclusões a que chegaram as Comissões e o Plenário, no intuito altamente patriótico de traçarem o rumo de uma sadia politica econômica.

Muitos dos resultados obtidos se devem, sem dúvida, à Mesa diretora dos trabalhos, cuja assistência e desvelo permitiu uma discussão ampla e elevada, contribuindo, eficazmente, para que as recomendações conservassem o teor de sinceridade e honestidade que as caracterizavam.

Estava assim constituida a Comissão Executiva da II REASC: — Presidente — Dr. Leoberto Leal; 1º Vice-Presidente — Dr. Virgilio Gualberto; 2º Vice-Presidente — Tito Bianchini; 1º Secretário — Dr. Afonso M. C. da Veiga; 2º Secretário — Dr. Cesar Seára; Tesoureiro — Vitor Morong; Relator Geral — Dr. Armando Ferreira Lima.

Damos a público, como inicio da comunicação das conclusões, as propostas subordinadas à I Comissão Técnica, Produção Vegetal.

I COMISSÃO

Foram apresentadas, discutidas e aprovadas as seguintes proposições:

FOMENTO AGRICOLA EM GERAL

N. 1 — Recomenda a divisão do Estado em zonas ecológicas apropriadas a triticultura.

N. 12 — Recomenda a criação de um campo de sementes em São Francisco do Sul, com uma Secção de triticultura.

N. 16 — Recomenda a assistência aos plantadores de trigo, liberação de vagões de semente de linho e distribuição de sementes de arroz.

N. 112 — Recomenda o cumprimento do Decreto Estadual n. 283 de 24 de janeiro de 1939.

N. 138 — Recomenda a criação de um Campo de Multiplicação de leguminosas.

N. 111 — Recomenda a criação de Est. Experimentais, nas zonas previlegiadas para a cultura de batatas.

N. 3 — Recomenda a adoção de um programa de transformação dos Campos de Sementes em Postos Agro-pecuários.

N. 101 — Recomenda o fomento da cultura cafeeira no Estado.

N. 8 — Recomenda ensaios e seleção, no Campo de Sementes em Tubarão, de uma variedade de cana hibrida resistente á geada.

N. 105 — Recomenda a transferência da 9ª Delegacia Regional da Comissão Executiva dos Produtos da Mandioca, sediada em Florianó-

O DISCURSO DO DR. LEOBERTO LEAL NA SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DA 2ª REUNIÃO ECONÔMICO-AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA, REALIZADA EM LAJES, DE 12 A 18 DE MARÇO DE 1949

A primeiro de maio de 1947, "ainda na promissora manhã da gestão de um Governante eleito pelo povo" instalava-se em Florianópolis a primeira Reunião Econômico-Agricola de Santa Catarina. Iniciativa de seu Govêrno, congregou ela todos os Chefes de serviços e técnicos, do Ministério servindo em Santa Catarina, da Secretaria da Agricultura, das Prefeituras, bem como representantes das nossas Associações Rurais e Cooperativas.

Em quatro dias de estafante labor, de perquirições, de estudos, de sadias discussões, de critica construtivas e elevadas, plasmou-se um planejamento econômico-agrícola que vêm norteando tôda a atividade dos órgãos do poder público que assistem os que, em Santa Catarina, lutam a batalha da nossa produção.

Podemos, com real satisfação, lançar um olhar retrospectivo sôbre os resultados auferidos em função das recomendações e sugestões aprovadas naquele primeiro certame, que hoje se vê repetido para re-exame e atualização das medidas propostas e das indicações apresentadas, para complementação de umas ou substituição de outras.

CAMPANHA DO TRIGO

Refletindo o pensamento do Brasil, na ânsia de um largo passo para a sua emancipação econômica, o Govêrno de Santa Catarina mobilizou esforços e entusiasmos em favor da campanha do trigo que o Ministério da Agricultura, com tanta obnegação, promove e patrocina. Boa soma dos significativos resultados obtidos nessa cruzada em território catarinense, é devida á sadia politica de colaboração e inter-relacionamento que o regime do Acôrdo Único veio instituir e proporcionar aos serviços estaduais e federais. As 37.000 toneladas de grão da safra 1946-1947 se transformaram nas 84.000 da seguinte, que espigaram os cem milhões de quilos da exuberante safra recém-colhida. Para a obtenção de messe tão farta e promissora colaborou decisivamente a confiança que a Comissão Mixta do Trigo depositou nos agricultores, distribuindo-lhes, graças aos apreciáveis recursos da Secção de Fomento Agrícola e ao trabalho indormido dos servidores dessa modelar repartição, cêrca de 12.000 sacas de sementes, quantidade essa que será elevada para cêrca de 20.000 na campanha triticola da próxima safra. Quero salientar, porque me é muito caro, o trabalho da Comissão Mixta do Trigo que, congregando técnicos e os Chefes dos serviços federais e estaduais ligados ao problema, vêm supervisionando a campanha em todos os setores do que resultam soma de esforços e unidade de orientação e de propósito para os órgãos executores dos trabalhos.

ACORDO FLORESTAL

Dentre as resoluções da primeira Reunião Econômico-Agrícola cuja efetivação é-me grato registrar neste segundo conclave, ressalta a da criação do serviço Florestal do Estado. Esse serviço já se encontra em pleno funcionamento, criado que foi pela lei Estadual número 181, de 22 de novembro de 1948, e trabalha sôbre o regime de acôrdo de sobejamente comprovada eficiência. Assim é que já se acham instalados na capital do Estado, dois viveiros de mudas de essências, e mais sete dêles serão brevemente localizados em diversos pontos do Estado, como inicio de uma série de empreendimentos que visam preservar e renovar a nossa tão ameaçada riqueza florestal.

Graças a convênios firmados com Municipalidades, com o Serviço Nacional de Malaria e com as administrações das nossas ferrovias, está o Acôrdo Florestal levando a várias e levará a tôdas as comunas do nosso Estado, os benefícios da sua atividade.

BANHEIROS CARRAPATICIDAS

Ainda como decorrência de indicações apresentadas na 1ª Reunião, com recursos do acôrdo entre a União e o Estado, a Inspetoria Regional de Defesa Sanitária Animal construiu 16 banheiros carrapaticidas, que se distribuem pelos principais municipios pecuaristas, sendo que 5 deles se localizam em território desta comuna, realçando objetivação do interesse que os poderes publicos dedicam ao resguardo da pecuária lajeana.

Prosseguem as realizações neste setor, sendo que o programa traçado inclui a breve instalação de quatro outros banheiros, nos municipios de Campos Novos, São Joaquim, Jaguaruna e Canoinhas.

PROFILAXIA E DEFESA ANIMAL

Consubstanciando sugestões aprovadas na 1ª Reunião, aquela Inspetoria tomou ainda medidas eficientes de policia sanitária, promovendo a vacinação intensiva nas zonas infectadas de raiva. No que tange à peste suina, intensa e brutal tem sido a luta empreendida. Tôdas as medidas aconselhaveis foram tomadas. Em Serviços de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

polis, para a administração do Estado, nos moldes de sua atual legislação, pela fórmula mais prática que a Secretaria da Viação, Obras Públicas e Agricultura julgar conveniente.

N. 100 — Recomenda o incremento da prática da adubação verde.

N. 18 — Recomenda medidas e estudos para a guarda, conservação e recuperação da lavoura mandioqueira, com a abolição das imposições que cerceiam o comércio da enfarbiácea.

N. 45 — Recomenda a organização de um Serviço de Conservação do sólo.

N. 30 — Recomenda a criação dum núcleo escola de conservação do sólo.

N. 13 — Recomenda a organização de ensaios de adubação em terrenos onde se efetiva cultura mecanizada.

N. 124 — Recomenda análise dos sólos da Fazenda de Criação de Lajes.

N. 5 — Recomenda a conservação e restauração do sólo.

N. 15 — Recomenda a aquisição de adubos quimicos.

N. 47 — Recomenda a fiscalização e assistência técnica aos tratores e máquinas agricolas do Estado.

N. 7 — Recomenda seja dotado o Campo de Sementes em Tubarão, de um conjunto motorizado.

N. 6 — Recomenda o fornecimento de equipe motorizada ao municipio de Taió.

N. 10 — Recomenda a criação de um campo de sementes.

N. 88 — Recomenda meios para que o Pôsto de Indaial atenda municipios sua jurisdição.

N. 85 — Recomenda a liberação dos bens dos súbditos do Eixo nas Zonas Rurais.

N. 14 — Recomenda a criação de um campo.

Foram aprovadas, com emendas ou substitutivos, as seguintes proposições:

N. 138 — Recomenda a distribuição de sementes de trigo que devem ser compradas na zona a distribuir.

Emenda — Que a Comissão encarregada da compra e distribuição de sementes de trigo para tal distribuição dê preferência com variedades e linhagens compradas nas regiões onde foram as mesmas reduzidas.

N. 102 — Recomenda a cultura de trigo no municipio de Turvo e a instalação de um moinho em Cresciuma.

Emenda —Aprovada a primeira parte da proposta. Quanto à seguida foi deliberado que a instalação do moinho se fizesse em Tubarão, ao inves de Cresciuma.

Defesa, não se tem conhecimento de campanha que haja assumido tamanhas proporções, já pela envergadura do problema, já pelas condições adversas que o cercaram, já pelos resultados altamente compensadores para a economia particular e publica. Está ainda em vias de conclusão o posto modelo de desinfecção de vagões para animais vivos em Pôrto-União e quatrocentos mil suinos vacinados e uma renda bruta superior a três milhões de cruzeiros, em 1948, são algarismos que bem atestam a febril atividade da dependência do acôrdo unico responsavel pela defesa sanitária dos nossos valiosos rebanhos.

LABORATORIOS

Também a indicação para reaparelhamento do laboratório de Lajes foi executada, achando-se este estabelecimento em plena atividade. E sua produção de vacina antirrabica, somada á de seus congêneres de Araranguá e Mafra, recém-inaugurados, e do de São José, vêm possibilitando sejam plenamente satisfeitas as necessidades do Estado, bem como atendidos os reclamos e solicitações de outras entidades federadas Além dêstes merecem ressaltados o novo laboratório para fabricação de vacina contra a peste suina, localizado na sede da Inspetoria, que tem já várias partidas elaboradas, aguardando apenas os resultados dos testes, para serem distribuidas aos criadores e o de vacina contra a aftosa que estará em produção dentro em poucas semanas, construindo-se, ainda no ano em curso, o prédio apropriado para o mesmo.

CRÉDITO RURAL

Os empreendimentos agro-pecuários em Santa Catarina têm-se ressentido, até nossos dias, da ausência de um sistema regular e permanente de financiamento que possibilite ao colono e ao criador a exploração plena dos recursos que a natureza lhe oferece. Na decorrência dos estudos e providências tendentes a sanar essa deficiência, o Govêno do Estado promoveu entendimentos que culminaram com a vinda a Santa Catarina do dr. Edgar Maciel de Sá, participe das festividades que ora, com tanto brilhantismo, se efetivam, o qual fêz observações, especialmente de nossa lavoura triticola, com o fito de apoiar o plantador e o moageiro pelo regime do financiamento. Espera-se dos esforços dêsse nosso grande amigo que o crédito se estenda, e de maneira prática e acessível, aos nossos pecuaristas e aos que outros produtos arrancam do nosso fértil solo.

MELHORIA DOS PROCESSOS AGRICOLAS

A renovação da economia agrícola e pastoril repousa numa revolução: o abandono dos processos de rotina e a adoção de métodos, sistemas e recursos modernos que possibilitem maiores rendimentos com menor parcela de esforços o que vale dizer, maior e mais racional aproveitamento das energias humanas. Neste particular, a ação da Secretaria que dirijo têm-se orientado no rumo de uma franca política de repulsa às velhas e antiquadas práticas, preconizando, através de suas repartições subordinadas e adesas, a adoção daquelas diretrizes que a técnica moderna aponta como as mais eficientes, lógicas e rendosas. Entendo que sómente o trabalho e o uso das fôrças novas que a ciência aplicada possibiliza ao homem, ensejarão ao braço produtor o máximo proveito dos rendimentos da terra.

CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS

A construção de armazens, silos e câmaras de expurgo, para a guarda e conservação dos produtos das lavouras, é providência das mais urgentes e para cuja solução não têm os técnicos do acôrdo unico e da Secretaria regateado esforços e recursos. Cogita do problema o Plano Salte e os entendimentos que tenho mantido com as autoridades da República me autorizam a afirmar que a consecução de uma rêde de armazens está a depender apenas de verbas extraordinárias que sejam votadas ao Ministério da Agricultura.

A localização dêsses depósitos nos centros produtores consubstancia três dos grandes fatores que garantem tranquilidade e confiança ao produtor solvendo-lhe os problemas de conservação de transporte regularizado e, do próprio financiamento, pelo sistema da "warrantagem".

PADRONIZAÇÃO DE PRODUTOS

Mais uma série de indicações da 1ª Reunião Econômico-Agrícola foi transformada em realidade quando, através a Diretoria de Economia e Assistência ao Cooperativismo, foi promovida a regulamentação geral dos produtos agrícolas e pecuários, pelo decreto n. 366, de 29 de janeiro de 1948, com uma sequência de medidas paralelas que baixaram regulamentos especiais visando a padronização do fumo, batatinha, feijão, linho, arroz, cebola e mandioca. A execução dessas medidas com resultados altamente compensadores, é efetivada através um total de 9 postos de classificação e fiscalização, sediados nos centros de escoamento dos nossos produtos.

COLONIZAÇÃO

O Govêrno do Estado, pela Secretaria de Viação, Obras Públicas e Agricultura, vêm atacando, com o máximo empenho, o problema da escolha, localização e aproveitamento de elementos alienígenas que venham, dentro de suas atividades especificas, concorrer para o desenvolvimento desses sectores da nossa economia.

Convênio recém-firmado delegou a execução dos trabalhos dos Núcleos coloniais federais ao Estado que, já no ano passado, colaborou na recuperação dos mais importantes — o de Anitapolis e o "Senador Esteves Júnior".

Recentemente criado, o Núcleo "Aderbal Ramos da Silva" localizado em Tijuquinhas, começará a receber, muito em breve, grupos de famílias holandesas especializadas em horticultura e produção de lacticinios, estando os trabalhos de drenagem e saneamento em progresso acentuado.

Outros núcleos, especializados em triticultura, serão localizados na zona serrano-planaltina, para a produção racionalmente orientada daquela graminácea, graças a um convênio já assentado com o senhor Ministro da Agricultura.

A objetivação de tamanha série de realização, que tantos benefícios têm proporcionado ao florescimento econômico de nosso Estado, não seria hoje uma realidade fecunda e promissora, não fôra a indormida colaboração e o trabalho incansavel dos esclarecidos e abnegados técnicos que emprestam o seu concurso eficiente e honesto ao nosso Govêrno.

São êles os braços robustos e diligentes que realizam a campanha magnifica de empreendimentos da qual a Secretaria que oriento é a entidade coordenadora e centralizadora. A Inspetoria de Defesa Sanitária Animal, a Diretoria de Terras e Colonização. O Serviço de Defesa Sanitária Vegetal, a Diretoria e a Secção de Fomento Agrícola, a Diretoria da Produção Animal, o Serviço Florestal, a Diretoria de Cooperativismo e todos os outros órgãos que trabalham em conexão e consonância, têm-se devotado, pelo seus chefes e servidores, no realizar empreitadas de largo vulto, as quais, somadas, vêm a constituir a brilhante fôlha de serviços ao interesse do en-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

N. 11 — Recomenda a criação de uma Estação Experimental de Arroz, no Vale do Iguaçu.

Substitutivo — Foi aprovado o substitutivo com a seguinte redação: "Que se substitua a Estação Experimental de Arroz por um Campo Experimental de Arroz".

N. 98 — Recomenda a Instalação de um pôsto Agro-Pecuário no municipio de Cresciuma.

N. 2 — Recomenda ao Govêrno do Estado a isenção do imposto de vendas e consignações por parte dos triticultores que comerciam suas produções.

Aditivo: — Que esta proposição seja encaminhada ao Sr. Secretário da Fazenda, para melhor resolver o assunto.

N. 93 — Recomenda a distribuição de material por intermédio das Associações Rurais.

Aditivo: — Recomenda que o Ministério da Agricultura, a Secretaria de Viação, Obras Públicas e Agricultura e as Prefeituras Municipais distribuam, sempre que possivel, arados, máquinas, sementes etc., por intermédio das Associações Rurais, como forma de auxilio de que trata o decreto-lei 8127, de 24-10-45.

N. 98 — Recomenda a Instalação de um posto Agro-Pecuário no Municipio de Cresciuma.

Rejeitada a presente proposição.

N. 17 — Recomenda a criação de um posto apro-pecuário em Campos Novos.

Aditivo: — Que os poderes Públicos consigam com o Ministério da Agricultura a instalação do Posto Agro-Pecuário em Campos Novos.

N. 4 — Recomenda a concessão de facilidades na compra de máquinas, adubos, inseticidas, etc.

Rejeitada a presente proposição.

DEFESA SANITÁRIA VEGETAL

N. 99 — Recomenda a criação da Diretoria de Defesa Sanitária Vegetal:

N. 106 — Recomenda que seja regulamentado o Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Estado.

N. 20 — Recomenda combate ao caruncho do milho.

N. 19 — Recomenda a construção de camaras de exgurgos em diversos pontos do Estado.

FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO

N. 114 — Recomenda a arborização de Estradas de Rodagem Federais e Estaduais de 1ª classe.

N. 145 — Recomenda a intensificação da cultura de espécies florestas para lenha e carvão.

N. 117 — Recomenda a organização de Bosques e Viveiros pelas Prefeituras Municipais.

FLORESTAMENTO E PROTEÇÃO FLORESTAL

N. 95 — Recomenda medidas de proteção ás Laelias purpuratas.

N. 143 — Recomenda a criação de um Parque Florestal em Lajes — Estado de Santa Catarina.

N. 115 — Recomenda a criação de um Parque Nacional em Santa Catarina.

N. 36 — Recomenda a criação de um Parque de Proteção e refugio para animais silvestres.

LEGISLAÇÃO FLORESTAL

N. 113 — Recomenda a criação do cargo renumerado de Agente Florestal Municipal.

N. 59 — Recomenda a sujeição disciplinar e funcional dos Agentes Florestais às Prefeituras Municipais.

E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Chocolate Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

grandecimento da economia catarinense de que a Secretaria de Viação, Obras Públicas e Agricultura se pode orgulhar.

Prezados companheiros de trabalho.

Bosquejei rapidamente o que vimos realizando graças aos esforços dos integrantes do nosso passado conclave. E vos entrego a obra consubstanciada nos seus anais que é, antes de tudo vossa, para que a adapteis às novas condições, porventura supervenientes, para que a esmerilheis com a vossa critica abalizada e honesta, para que a completeis com novas sugestões que vos tenha aconselhado o trato diuturno com os problemas vitais de Santa Catarina.

Que os meus agradecimentos pelo muito que vindes trabalhando vos sôem também como um apêlo no sentido de que continueis no vosso sacerdócio de dar à nossa estremecida Terra todo o esfôrço do vosso trabalho, tôdas as luzes do vosso saber, todo o cabedal da vossa experiência.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Rainha e Princêsas de Lajes

RAINHA DULCE LISBÔA VIEIRA DA COSTA

A eleição para Rainha da Cidade de Lages, foi um prélio renhido entre as gentis senhoritas da melhor sociedade lageana.

Conquistou o mandato a senhorita Dulce Lisbôa Vieira da Costa, dileta filha do sr. Nelson Vieira da Costa e sra. Olga Lisbôa Vieira. Ginasiana, conta com fans nas diversas classes estudantis, o que lhe deu por maioria absoluta de votos, o cetro de rainha da cidade.

Fino espírito, tem publicado na imprensa serrana inspirados poemas que lhe valeram aplausos dos entendidos e a admiração de seus colegas e amigas.

A Rainha da cidade de Lages tem raros predicados. É uma grande acordeonista e o piano é o seu instrumento para as horas de retiro espiritual.

PRINCÊSA CLEUSA MARIA ANDRADE DE ARAUJO

Como não podia deixar de ser, ilustramos as nossas páginas com a figura delicada e gentil da senhorita Cleusa Maria Andrade de Araujo, que obteve por grande maioria de votos, o lugar de Princêsa Real da Cidade de Lages, em eleição recente. Filha do sr. José Edésio Araujo e sra. Enedina Andrade de Araujo, a gentil princêsa real é um dos valores novos das letras e artes de Lages.

Como exímia pianista que é, cultiva com carinho a música clássica.

Gozando de grande número de amizades entre a sociedade e colegiais, a sua eleição apresentou-se como o resultado que todos esperavam, e o lugar de Princêsa Real foi o justo prêmio.

PRINCÊSA NEUSA MOURA

O cliché que acima ilustra a nossa revista, é o da senhorita Neusa Moura, Princêsa da Cidade de Lages. Fino ornamento social, a dileta filha do sr. Júlio Joaquim Mousa e sra. Ligia da Silva Moura, vem dignamente de conquistar o glorioso título de Princêsa da Cidade, após renhida luta entre muitas candidatas, o que denota que possui prestigio nos meios sociais e estudantis lageanos. É grande apreciadora da música, a qual cultiva com carinho.

PRINCÊSA ZAIRA BORGES

Um dos finos ornamentos da sociedade lageana é a senhorita Zaira Borges, recem eleita Princêsa da Cidade de Lages, por grande maioria de votos, o que vem demonstrar o seu alto prestigio no meio estudantil e social da Princêsa da Serra. Cultura de escól, a senhorita Zaira tem colaborado para a imprensa serrana, onde conta com grande número de leitores, dada as suas crônicas de um espiritualismo puro, e exemplo para as nossas palavras é a crônica "Pôrto Bonançoso" que publicamos noutro local desta edição.

Nascida em Lages, Santa Catarina, em 14 de Dezembro de 1930, filha do casal Menotti Ramos Borges e sra. Tinoca Ribeiro Borges, a Princêsa Zaira Borges concluiu o seu curso ginasial com ótima aprovação e se dedica atualmente à música, sendo exímia pianista. A sua eleição para Princêsa da Cidade, veio trazer-lhe novas oportunidades para mostrar o seu talento e a sua capacidade intelectual.

PRINCÊSA ZEILA MARIA RAMOS

Tem Lages em sua melhor sociedade finos ornamentos como por exemplo, para destacar, a Princêsa Zeila Maria Ramos, dileta filha do sr. Manuel Antunes Ramos e sra. Nilva Ramos, e nasceu na Princêsa da Serra em 20 de outubro de 1930. Possui curso ginasial e é ótima intelectual, tendo produzido lindas poesias. Os dotes de talento na Princêsa Zeila Maria Ramos aliam virtude a um coração bonissimo, estando sempre pronta a prestar o seu precioso auxilio a quem dêle necessita. Querida da classe estudantil, conseguiu grande votação que a colocou com mais quatro senhoritas, na posição previlegiada de Princêsa da Cidade de Lages.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Festa de Belêsa e Encantamento

Com a coroação da Rainha da cidade, encerrou-se no dia 11 de março, o magnifico certame de Beleza, Cultura e Distinção, promovido pela Emprêsa M A de Sousa Ltda. em seu Cine Teatro Marajoara, culminando, agora, nesta primorosa Festa de Arte, levada a efeito, tendo obtido um êxito extraordinário, jamais visto nos anais da história social de Lajes.

Conforme o programa, esta festa foi iniciada pela posse solene da nova Diretoria do Aéro Clube, entidade a qual foi dedicada este espetáculo, revertendo para os cofres sociais da mesma o produto verificado com a venda dos ingressos.

Com a presença de tôdas as autoridades presentes em Lajes, destacando-se suas excias. o Vice-Presidente da República e o Governador do Estado, e demais membros da comitiva dos mesmos, teve inicio às 20,30 horas a cerimônia da coroação da Rainha e a colocação das faixas simbólicas nas Princesas. Antes, sob aplausos da enorme assistência, seletissima, entravam no palco, transformado em sala do trono real, as exmas. senhoras da Comissão Executiva, que organizou e dirigiu esta festa, seguiu-se a entrada, tambem no palco, de todas as Rainhas de Clubes, representantes da Emprêsa do Marajoara, e de todas as Princezas eleitas;

O publico a todos recebia com aplausos calorosos.

Após um ligeiro intervalo, o locutor da festa, sr. Duarte, anunciou a chegada ao Marajoara de sua excia. o dr. Nerêu Ramos, Vice-Presidente da República, e sua ilustre comitiva. Grande, calorosa salva de palmas recebeu o insigne lajeano. Os cinegrafistas e fotografos registraram em suas máquinas esta recepção carinhosa ao dr. Nerêu Ramos, por parte da seleta assistência.

Terminados os aplausos, o locutor anunciou a chegada da gentil senhorita Dulce Lisboa Vieira da Costa, Rainha da Cidade de Lajes, que, ob aplausos entusiásticos, vibrantes, entra no salão de espetáculos e se dirige, sempre debaixo de palmas vibrantes, para o seu trono real.

Em nome da Emprêsa M. A. de Sousa Ltda. pronunciou uma brilhante oração o dr. Walmor Ribeiro, saudando a Rainha, por vontade tão expressiva de seus numerosos eleitores, e que bem representavam as gerais simpatias da cidade, terminando por agradecer a todos quantos contribuiram para o êxito daquela festa le arte e de beleza, e desejando à gentil Rainha um reinado perene de felicidades.

Cessadas as palmas com que foi aplaudido, o dr. Walmor Ribeiro solicitou á exma. senhora Zenita Guilhon, presidente da grande Comissão de Senhoras, colocar a coroa real na encantadora e formosa Rainha da Cidade de Lajes, ato que o grande publico presente aplaudiu demoradamente.

A convite da senhora Zenita Guilhon foram, em seguida, colocadas as faixas simbólicas nas princezas, pela seguinte ordem o sr. Vidal Ramos Junior, na Rainha, srta. Dulce Costa; o sr. dr. Aristoteles Waltrick, Presidente da Câmara Municipal, na srta. Cleusa Araujo, princeza real da cidade; o sr. dr. Ivo Guilhon, Juiz de Direito da comarca, na srta. Zaira Borges, o sr. comandante do Batalhão, ten.-coronel Dutra Fragoso, na srta. Zeila Ramos; e o sr. Mário de Sousa, Diretor-gerente da Emprêsa proprietária do Teatro Marajoara, na srta. Neusa Moura.

Procedeu-se, depois, á entrega dos brindes à Rainha e Princesas.

Agradecendo a sua eleição e as homenagens que acabava de receber, leu um lindo discurso a gentil e graciosa senhorita Dulce Costa, Rainha da cidade. de.

Teve lugar, cessados os aplausos, magnifica Hora de Arte, em homenagem às Rainhas e Princezas da cidade, conforme o programa que publicamos a seguir:

1) D. Clélia Ribeiro — Canto — "Diga-me outra vez" — Musica de Schmidt Gentner.

Ao piano D. Leda Senise Varela, e Violino pelo sr. Jair Godinho.

2) D. Talita Campos — Declamação — "O Direito das Mães" de sua autoria.

3) D. Vicentina Hoeschl — Canto — "Amapola", de J. Lacale.

Ao piano D. Leda Senise Varela.

4) D. Hilda Ribeiro — Declamação — "A Lenda das Rosas Vermelhas", de Julia Lopes de Almeida.

Pequeno intervalo

1) Elga e Heloisa — Dansa estilizada — "La Cumparsita", de Matos Rodriguez, acompanhamento de Orquestra.

2) Srta. Zaira Borges — Canto — "Sin Importancia" Bolero, com Orquestra, direção do maestro Furtado.

3) João Luiz Lucena — Canto — "Granada", de Augustin Lara. E ao piano, D. Leda Senise Varela.

4) Srta. Marilia Campos — Bailado — "Dansa das Horas" da ópera "La Gioconda", de Ponceli. Ao piano D. Leda Senise Varela.

5) Francisco Luz — Canto — "Te Quiero Dijiste" — Bolero, de Maria Grever. Ao piano sr. Euvaldo Sousa, e violino o sr. Jair Godinho.

6) Srta. Magali Megale — Canto — "Chiri-biri bin", de A. Pestalozza. Ao piano D. Leda Senise Varela.

7) Elga e Carlinhos — Dansa — estilizada — "Param Pam Pam", com Orquestra, ao piano D. Ana Luiza.

8) Srta. Naura Silva — Canto — "Vibra em mim uma canção" de Chopin. Ao piano D. Leda Senise Varela, e violino sr. Jair Godinho.

9) Srta. Zaira Borges — Canto — "Pecado", Bolero, com Orquestra.

10) Srtas. Elga, Heloisa, Marilia Amélia e Leslie — Bailado "Valsa da Primavera". Ao piano D. Leda Senise Varea.

11) Francisco Luz — Canto — "A hora seremos felizes, de Rafael Hernandez. Ao piano o sr. Euvaldo Sousa, e violino sr. Jair Godinho.

12) João Luiz e Magali — Canto — "Ainda Lembrarás", de Yong e Romberg. Ao piano D. Leda Senise Varela.

Magnifica, inolvidavel parada de Beleza, Elegancia, Graça e Distinção, esse primoroso espetáculo foi, tambem, uma bela e oportuna demonstração real da elevada cultura social e artistica da gente lajeana.

Tudo o que Lajes possue de valores sociais, culturais e artisticos, enfim, tudo o que aquela cidade representa de belo, gracioso, distinto, culto, compareceu ao Teatro Marajoara, lotando, literalmente, seus elegantes e suntuosos salões.

Atualidades

Assinaturas:

Anual ..... Cr$ 18,00

Grande Hotel Rossi

Prop.: REGENIN

Rua 15 de Novembro

Lajes S. Catarina

Possui 50 quartos, com agua e luz

Ótima cosinha - Ótimo salão Garage própria

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ERA ALGUEM

Escreveu

JOÃO MELCHIADES DE SOUZA

(Esclusivo para «Atualidades»)

«ATUALIDADES», a partir de hoje, contará com mais um colaborador. Trata-se de JOÃO MELCHIADES DE SOUZA, que, ha anos passados teve em Santa Catarina projeção nos meios literarios, pois foi um dos fundadores do «Centro Literario Castro Alves», pertenceu ao «Centro Catarinense de Letras», como socio correspondente e dirigiu, além de haver colaborado em numerosos jornais, a «Revista Ilustrada» e o semanário «A Capital». Poeta, escritor e jornalista, o novo colaborador de «Atualidades» que, por sinal, ainda, é o autor do Hino Oficial do «Colégio Catarinense», reside, ha muitos anos, na Capital Federal, e pertencia à «Associação Brasileira de Escritores», da qual recentemente se desligou, solidário com a Diretoria que há pouco renunciou o seu mandato. Colaborador do importante diário do Rio de Janeiro «Jornal do Brasil» e da Revista carioca «CORAÇÃO», pertenceu, tambem ao matutino «A PÁTRIA», que era editado na Capital do Pais, fazendo parte, ainda, de diversas entidades culturais. «ATUALIDADES» dá inicio, hoje, à colaboração que tem o prazer de anunciar aos seus estimados leitores, publicando, nesta edição o trabalho «ERA ALGUEM».

Aquela mu'her era dotada de uma resignação que um dia culminar no heroismo: foi quando lhe trouxeram a noticia de que o filho, o único filho que lhe restava, havia morrido.

Morrido tragicamente em combate, entre o explodir de uma granada e o ribombo áspero de um canhão possante.

Ela ficara só no mundo, encarando a infantilidade das criaturas que ainda crêm na perpetuidade da felicidade e na eiernidade da alegria...

Na sua imaginação ardente de moço não pensou um dia em servir heroicamente a sua Pátria e vê-la afinal engrandecida, aureolada de glórias?

Foi por isss que se fez soldado aquêle varão moço, que no vigor dos seus vinte e dois anos enchia ainda de um pouco de alegria a uns olhos já cansados.

Uns olhos cuja vivacidade e brilho as torpezas do mundo vinham empanando aos poucos.

Olhos cansados de chorar e onde o destino já havia cavado um regaço para a mágua, que morava alí e saía, todos os dias, logo ao nascer do sol, dentro daquelas lágrimas...

Era quando ela mirava o leito vazio, onde o filho, todas as manhãs, mal alvorecia, tinha u'a mão amiga que o despertava.

Ainda hoje, quando a madrugada ia a termo, aquêles olhos fitaram outra vez o leito vazio; fitaram-no e se humedeceram de dôr..

Mas, louvado seja Deus!

Era a voz trêmula que falava, acenando a cabeça, como a repetir mentalmente:— Deus o quiz... não ha mais remédio...

E a santa velhinha lá se ia, para os fundos da casa tratar das ocupações diárias.

x x x

Certa vez chegou-lhe uma noticia surpreendente: alguem lhe afirmára que tinha sido engano, o filho não havia morrido, estava são e salvo; tinha já casado, noutras terras, longe dali, e até estava muito rico.

Não acreditou mais na palavra dos outros.

Chorou novamente, tremendo numa emoção muito forte; chorou muito..

Depois, ficou resignada (... pois Deus o quiz...) e continuou desesperançada de vê-lo, porque, não se explicava, então, a ingratidão do filho. Êle devia estar morto, devia...

x x x

Ha dois anos, já, que êle, pujante, havia partido para a luta.

Uma manhã, quando o sol dourava os caminhos e iluminava a chóça silenciosa, uma carruagem de luxo parou a porta do casebre quasi em ruinas.

Alguem, portador de uma carta, que seria o emissário autorizado da nova alviçareira, bateu várias vezes.

Ninguem respondêra. Era em vão.

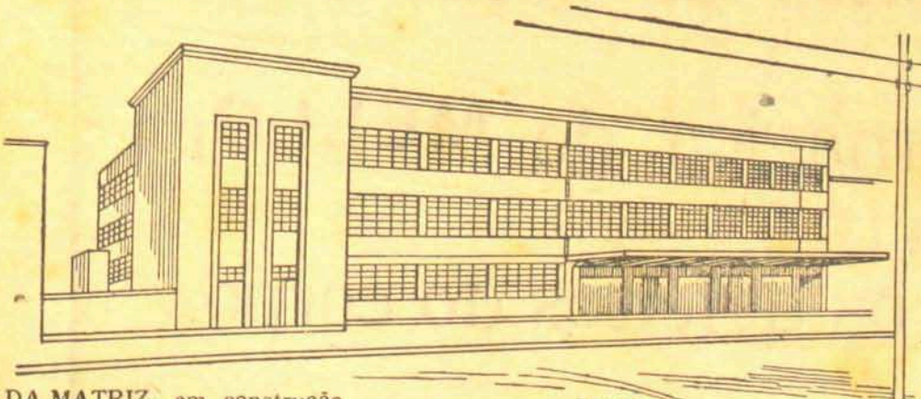
A casa estava vazia, e o viajor, vindo de longas paragens, movêra a carruagem mais dois quilômetros, chegando a casinhola mais próxima.

Perguntou o que havia por lá e, com surpre-

Conclúe noutra página

Drogaria e Farmacia -"Catarinense" S. A.-

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SEDE DA MATRIZ, em construção — MATRIZ: JOINVILLE — STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n' 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n 508
FLORIANOPOLIS - «Farmácia Noturna» — JOAÇABA, Rua Paraná, 59

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co of Brasil, Inc.
Laboratório Xaviér
Quimica Baruel Ltda.
E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil.
Laboratório de Biologia Clinica Ltda.
Instituto Pinheiros S. A.
Laboratórios Andrómaco S. A.
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)
Perfumaria Anhangá Ltda.
Laboratório Vitex Ltda
Renato Guimarães (Safrol etc.)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A Mulher e o Lar

«Atualidades» tem o prazer de apresentar aos seus leitores mais uma colaboradora.

Neusa Moura, a jovem estudante lajeana, que goza de grande prestigio entre a classe estudantil, o que lhe valeu ser eleita «Princêsa da Cidade» é a autora deste trabalho, escrito especialmente para «Atualidades».

—

Os últimos cem anos têm se caracterizado pela luta constante da mulher em equiparar os seus direitos aos direitos dos homens.

A par do sufragio universal, a liberdade de oportunidade na luta pela vida, tem levado as mulheres aos mais diversos campos das atividades humanas. Dessa fórma, encontramos, hoje, as mulheres com liberdade econômica igual e com liberdade social tendente a se igualar à do chamado sexo fôrte

As consequências desta equiparação, porém, tem sido das mais interessantes, sob o ponto de vista social.

Lutando pela igualdade econômica, pelo direito de se ombrear com o companheiro, na luta constante pela vida, para conseguirem que a moral social, admissivel para um, o seja, tambem, para elas, esquecem-se, porém, que, apesar de tudo, a propria natureza, em sua sabedoria, talhou o organismo feminino para as tarefas mais nobres da vida e não para aquelas que sirvam tão sómente de defesa para o grupo.

A mulher moderna, ao se dedicar a vida fóra do lar, não está cumprindo sua verdadeira finalidade na sociedade. Não quero entrar no mérito do fato que a situação presente exija um esforço coletivo, sem distinção de sexo para a solução do problema familiar.

Não concórdo, porém, em hipotese alguma, com o fato de que, podendo construir um lar, onde utilize as suas energias e vocações naturais, dirija-se a mulher para outros destinos, que os nossos ancestrais já delegaram aos homens, como responsáveis pela manutenção da família.

A rivalidade, atualmente existente entre homens e mulheres, quando estas últimas aspiram todos os direitos, inherentes aos homens, trará como consequência a destruição do mais belo entre todos os laços humanos, aquele, gerado pelo amor e pela dependência.

Aliás, as mulheres é que têm sido prejudicadas nesta luta. A vitória aparente que elas pensam ter conseguido, nada mais é do que ficção. Pois não há dúvida alguma, que as mulheres do passado conseguiram ter todos os homens a seus pés, quase escravos submissos, quando, com a sua fragilidade e ternura, deixavam verter dos olhos entristecidos, lágrimas de sentimento.

Hoje, infelizmente, o sentimento é pouco a pouco transformado pela camaradagem, advinda dos campos de esporte e dos escritórios, da vida em comum. Não ha mais surprezas, e a vida é igual para todos, já que os direitos são iguais e todos se olham como rivais que disputam o mesmo prato de lentilhas.

Este é o meu ponto de vista, contrário à interferência da mulher nos mistéres alheios à sua finalidade e vocação natural.

Outróra, os conhecimentos das mulheres, na vida doméstica, eram sãos e construtivos, pelas lições e exemplos recebidos; hoje, alheias a estes conhecimentos, e, fóra das nórmas que orienta a construção de um lar feliz, pelo seu egoismo destróem estes sagrados princípios, matando no nascedouro tão belos e nobres objetivos.

Neusa

Assim como a fé corrige os defeitos da alma, a tesoura magica de **MELLO**, corrige os defeitos do corpo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Surrexit

Ruy Barbosa

Resurgir! Tôda a doçura e todo o vigor da fé se resumem nesta palavra. E' a flor do Calvário, a flor da cruz. O tremendo horror daquele Martírio tenebroso, desabotôa triste sorriso, e a humanidade renasce todos os anos a êsse raio de bondade, como a formosura da terra à alegria indizivel da manhã, o prelúdio do sol, o grande bemfeitor das coisas.

O homem, cercado pela morte de todos os lados, não podia conceber este ideal de eternidade, se não fosse por uma réstea do seu mistério radiante, divinamente revelado às creaturas.

Nossos sonhos não inventam: variam apenas os elementos da experiência, as fórmas da natureza. Tem a fantasia dos videntes, apenas uma palheta: a das tintas, que o espetáculo do universo lhes imprime na retina. E, no universo, tudo cai, tudo passa, tudo se esvae, tudo finda. Nesse desbotar, nesse perecer de tudo, não havia o matiz, de que se debuxou um dia na consciência humana, o horizonte da resurreição.

Resurgir! Digam aqueles que têem amado, e sentiram a sombra da agonia projetar-se no semblante de um ente estremecido, qual a impressão que lhe transpassa o seio nesses momentos de infinita amargura.

Digam os que fecharam os olhos a seus pais, a seus filhos, a suas esposas.

Digam os que já viram apagar numa cabeça inclinada para a terra, a beleza, o gênio, o heroismo ou o amor. Digam os que assistiram, regelados, ao assentar da ultimo pedra sôbre o ataúde de um coração, pelo qual dariam o seu. Digam que outra é, nesses transes, a vibração do peito despedaçado, senão esta: — o sentimento da perda irrevogavel.

Quem, senão **Deus** mesmo, nesse sossôbro final de tôdas as esperanças, poderia evocar do abismo taciturno, onde só se ouve o cair da terra sôbre os mortos, esta alegria, êste alvoroço, êste azul, esta irradiação resplandecente, êste dia infinito, a resurreição?

Resurgir! **Deus** nosso, tú só poderias ser o poeta deste cântico, mais maravilhoso que a criação inteira: só tú poderias extrair da angústia de Gethsemani e das torturas do Golgotha a placidez, a transparência, a segurança deste consôlo, dos teus espinhos, esta suavidade, dos teus cravos, esta carícia da mirra amarga, êste favo, do seu abandono, êste amparo supremo, do teu sangue vertido, a reconciliação com o sofrimento, a intuição das virtudes bemfazejas da dor, o prazer inefavel da clemência, divino sabor da caridade, a prelibação da tua presença nesta alvorada, — o paraiso da resurreição.

Resurgir! Tú resurges todos os dias, com a mesma periodicidade, com que se renovam os teus benefícios e as magnificências da tua obra.

Nega-te a nossa maldade. Nega-te a nossa presunção. Nega-te a nossa ignorância. Nega-te o nosso saber. Mas de cada negação te reergues, deixando vazios os argumentos que te negavam, como o túmulo onde dormiste outróra um momento, para reviver dentre os finados.

Entre o termo de um século assombroso e começo de um século impenetravel, essa ciência, que te pretende remover para o domínio das lendas, — surprende-se agora deslumbrada na região do maravilhoso, onde se parecem tocar as coisas da terra com as do céu, em pleno amanhecer de uma criação nova, sôbre a qual pairas, como pairavas no princípio dos tempos, e de cujo cáos, decifrando os problemas humanos, — emergirá outra vez a tua palavra, dardejando em plena resurreição.

Resurgir! Senhor, por que nos déste uma lingua tão pobre na gratidão? Todos os que já descemos a segunda vertente da vida, e deixamos de nós ao genero humano os frutos vivos, que nos déste, somos levados hoje a pensar no que seria a passagem da terra para aqueles a quem ainda não tinhas dado na tua, a imagem da nossa resurreição. Iam-se os homens então como as folhas secas das árvores, precedendo-se, seguindo-se uns aos outros na continuidade estéril da quéda, no irremediavel do seu têrmo silencioso. Os pais geravam para a morte, as mães amamentavam para o túmulo.

Bem hajam o sacrificio e a crença daqueles que nos resgatou deste sombrio destino a paternidade, e nos permite hoje a bemaventurança de beijarmos nossos filhos, na certeza de os havermos criado para a vida, a tua resurreição.

Assim, Senhor, quizessem resurgir em ti os povos, que te não creem. A esses em vão procuramos dar com o aparato dos códigos humanos a lei, a ordem, a liberdade. Sua sorte é extinguirem-se, porque não tiveram fé, e não sentem a religião do Resurgido, que não é só o evangelho das almas regeneradas, mas a bôa nova das nações fortes. Essas absorverão a terra a bem do genero humano, enquanto as outras acabarão como raças de passagem. E por sôbre o futuro, que ha de ser a tua glorificação, na voz das criaturas e dos céus, se ouvirão para sempre os hosanas do teu triunfo: Resurgir!

COMERCIO E INDÚSTRIA

K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FABRICA DE BANHA

Produtos suinos - Conservas - Comestiveis - Salsicharia - Laticinios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

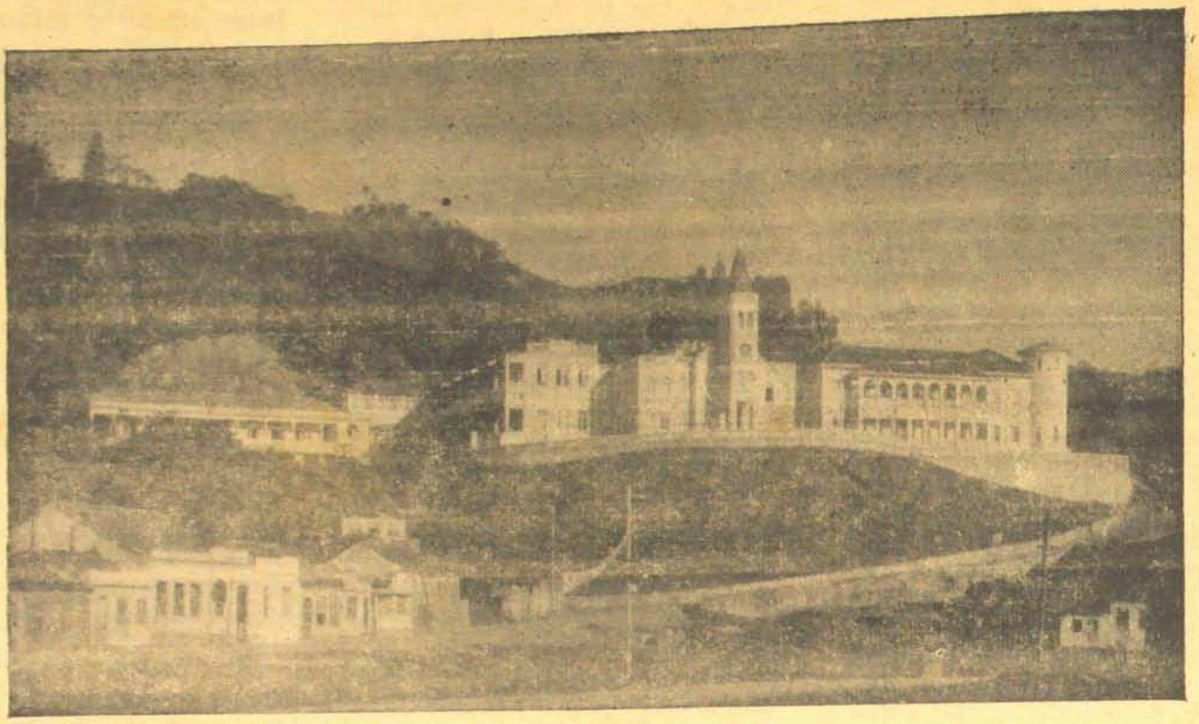
MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Hospital de Caridade

Da «Irmandade do Senhor Jesus dos Passos»

FLORIANÓPOLIS STA. CATARINA



Apartamentos de luxo, com telefone, facilitando ao doente, do seu próprio leito, comunicar-se diretamente com todos os pontos do Estado servidos pela Telefônica Catarinense. Quartos de 1ª e 2ª classe e salas de quatro leitos. Refeitórios para as diferentes classes.

Salas de estar e avarandados com vista para o mar.

Quatro salas de operações para cirurgia septica, asséptica e especializada com negatoscópio, sala ortopédica com mêsa especial para correção de defeitos e fraturas sob raios X, água esterilizada e aspirador, e nove salas de curativos.

Fisioterápia, diatermia, ondas curtas, pantostato, correntes galvânicas e farádicas, electrocoagulação, bisturí elétrico, infra-vermelho, ultra-violeta, termóforo de Bier, câmara de aquecimento, banho Suda intestinal, nebulisação de penicilina e streptomicina.

Oxigenoterapia (também em residência) pelo aparelho tenda e máscaras.

Clínica das doenças do coração — Electrocardiografia.

Clínica das glândulas internas — Emagrecimento e engorda — Bócios — Metabolismo Basal. Reumatismo, clínica e cirurgia.

Exames radiológicos em geral (gabinete completo) e especiais com pielograma, seriografia gastro-duodenal, enemas, colecistograma, arteriografia, utero-salpingografia, broncografias e tomografias. Aparelho transportável sôbre rodas para exames no leito, durante as operações e em residência.

Clínica médica geral e especial do coração, rins, figado, vesícula, intestinos (regimes dietéticos). Curas de repouso. Clínica infantil médica e cirúrgica (cozinha dietética).

Convênios especiais com todos os Institutos, Caixas e Companhias de Seguros para dar a seus beneficiários todos os recursos do aparelhamento em continuo aperfeiçoamento.

Centro de estudos: reuniões bimensais dos Médicos para aperfeiçoamentos dos modernos estudos e tratamentos.

Laboratório — Exames clínicos de urina, sangue, fezes, liquor, derrames e pús; dosagens de uréa, creatinina, cálcio, potássio, glicose, hemoculturas, hemosedimentação, contagem de glóbulos. Serviço de transfusão de sangue, seleção de doadores, imunotransfusão — Plasma sanguíneo. Tubagem duodenal.

Centro de aplicação de penicilina (enfermagem especial).

Serviços cirúrgicos em geral, ginecológicos, do estomago, intestinos, da vesicula, rins, uretéres e bexiga, uretra e próstata. Clínica e cirurgia do reto e anus (hemorróidas, fistulas e fissuras). Do simpático cérvico-toráxico (estrelado) lombar e periarterial. Da tuberculose, cancer e tumores em geral. Bócio (papo). Ortopédicos (fraturas, defeitos, pés tortos — Mesa especial de correção e controle aos raios X).

Estufa de esterilização permitindo ter a qualquer hora todo material pronto para socorro urgente.

Instalações e material especializado da clínica de olhos, nariz, garganta e ouvidos. Aparelhagem de laringo-tráqueo-broncoscopia.

Correção de lábio lepurino e guela de lobo.

Radioterapia: aparelho o mais moderno e possante para tratamento dos tumôres, dores, inflamações, doenças da pele; radium (110 miligramas).

Corpo de clínicos e cirurgiões especialistas em escala de plantão dia e noite garantindo prontidão e eficiência de socorro.

A ADMINISTRAÇÃO DA IRMANDADE E HOSPITAL NÃO VISANDO LUCROS, AS RENDAS SE DESTINAM À MELHORIA, APERFEIÇOAMENTO E AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS, HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS INDIGENTES, QUE SE BENEFICIAM DE TODAS AS APARELHAGENS CITADAS. O HOSPITAL DISPÕE DE SEIS CONFORTAVEIS ENFERMARIAS PARA HOMENS, SETE PARA MULHERES E SEIS PARA CRIANÇAS, COMPORTANDO EM MÉDIA TREZENTOS LEITOS PARA INDIGENTES, EM DEPENDÊNCIAS SEPARADAS DAS DOS PARTICULARES.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Antônio José Joaquim (Tota)

Lajes

Ei-la — a cidade de Lajes
Ao rubro sol alvejando,
Parece um bando de garças
Em pleno lago boiando
Modesta na formosura
Pela ondulada planura
Se estende linda e loução;
Regada por belas fontes
Na fralda dos altos montes
Refulge à luz da manhã.

Singela ali se reclina
Ali repousa gentil,
Por leito — vasta planície,
Por coberta — um céu d'anil.
Duas correntes ligeiras
O Carahá e o Caveiras
Seus braços prendendo estão:
Dos arvoredos à sombra
Se avulta da verde alfombra
A bela flor do sertão.

Nas horas crepusculares
De dentro dos matagais
Soltam saudosas as aves
Os trilos seus divinais
Buliçosas borboletas
Pelos campos inquietas
Vão libando a rude flor,
E aos raios do sol ardente
Sob a ramada florente
Chora a serrana de amor.

Ei-la — o idílio dos lares
Para o progresso a sorrir,
Ornada de tantas graças
Hade crescer e florir
Hoje tenra camponeza,
Sem pompas e sem grandeza,
Namora, namora em vão,
Mas amanhã em noivado,
Verá o progresso ao lado
Lhe estendendo a culta mão.

Longe dos mares, na selva,
Sem um barco a velejar,
A via-férrea sonhada
Seus campos virá regar.
Depois gigantes sobrados,
Nas praças jardins plantados,
Nas ruas o povo a flux;
Carros, bonds, telefone,
Do progresso audaz ciclone
Envolvendo tudo em luz!

1º de Março de 1896.

NOTA

Filho de Joaquim José Henriques, Juiz de Direito de Lajes, (advogou em Lajes) sendo mais tarde transferido para Cruz Alta e Taquari - Rio Grande do Sul, onde faleceu.

Tota nasceu em Lajes em 1864 ou 66, frequentou o Colégio Militar, de onde foi expulso com outres colegas. Foi funcionário da Coletoria Estadual de Lajes, ao tempo em que era Coletor o Cel Joca Neves.

Professor particular, em quasi tôdas as fazendas de Lajes, tendo lecionado em 1893, na fazenda do Cel. Belisário Ramos, Cel. Afonso da Silva Ribeiro e outras. Na cidade, manteve escola em diversas épocas sendo a última no ano de 1908. Transferiu-se para Bom Jesus — Rio Grande do Sul, daí para Painel, São Joaquim, Bom Jardim.

Colaborou em todos os jornais locais. Era músico, tocando diversos instrumentos.

Faleceu em São Joaquim, em 1936. A obra de Tota é fartamente conhecida e apreciada na serra.

(De «Região Serrana», 5-2-49, Lajes

Pôrto bonançoso

«Mãe é para o filósofo incansavel, uma nova e rica filosofia;
«Mãe é para o sábio vivente, uma misteriosa e nobre ciência».

ARGEMIRO D. MÉA

Si na realidade a vida é um mar, o lar em que vivemos é o porto remansoso onde nos preparamos e de onde partimos para uma viagem incerta, tendo como guia o «faról das nossas esperanças».

E o fazemos levados por uma barca simbólica, que denominamos — FE'.

Na travessia somos uma que outra vez apanhados de surpreza pela tempestade com todo seu furor insano... ódios, paixões, preconceitos, invejas, ambições e mentiras, e quanto mais avançamos, mais avolumam as ondas com seus fluxos repetidos que investem e a Barca mais se eleva para alcançar altura numa ânsia indómita...

Na noite impressionante, aclarando a amplidão extensa, entre o crís medonho, aparece uma furtiva estrêla e então podemos, por um momento, contemplar esperançados os dentes dos escarpados rochedos.

Ignorando a duração da tormenta e a distância a percorrer, volvemos nosso pensamento ao porto bonançoso e feliz de onde partimos e, entre o que lá deixamos, em nossa imaginação aparece em destaque aquela creatura querida que ficou rezando por nós na aflição indizivel de um coração de MÃE!

* * *

«MÃE é uma palavra fácil de ser pronunciada mas dificil de ser compreendida MÃE é o conjunto simétrico de três letras e a união total de todo o vocabulário existente num idioma».

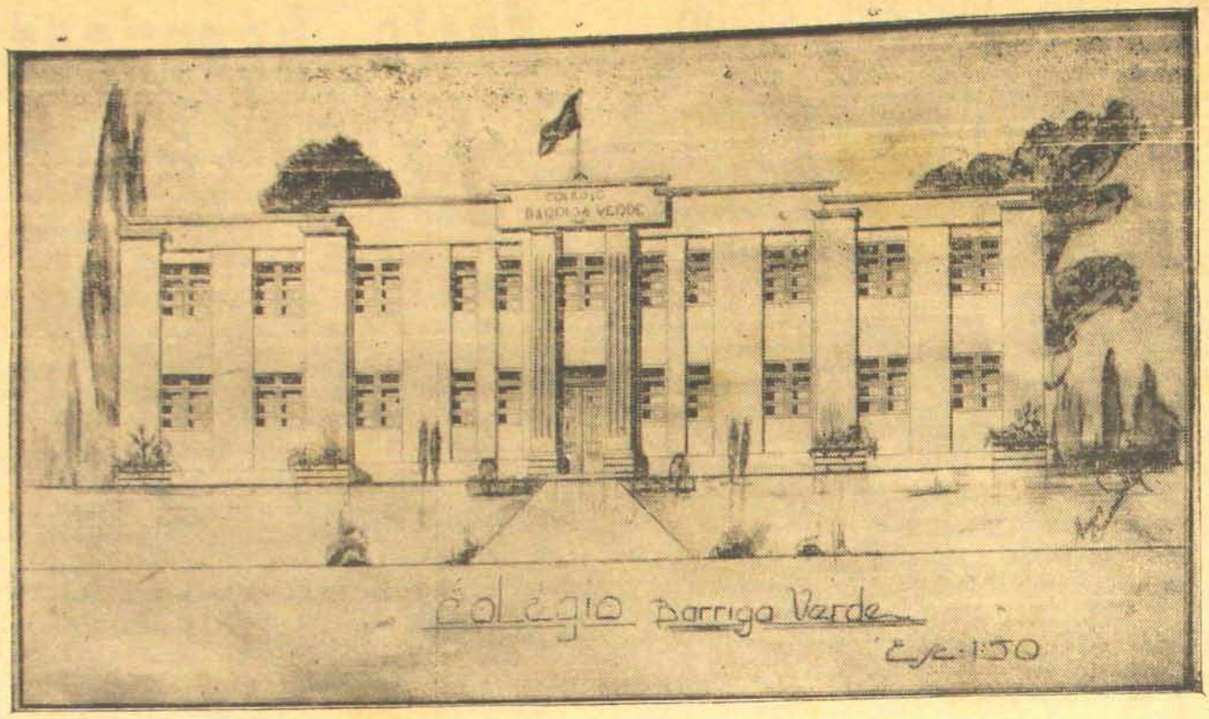
* * *

MÃE: para você que perdoa, que lembra, que abençoa e ama, dedico esta singela crônica.

KATIA

Nota: KATIE é o pseudonimo da inteligente senhorina Zaira Borges, recentemente eleita Princêsa da Cidade de Lajes, e o presente trabalho foi publicado originalmente em o jornal local «Correio Lajeano» em 7 de julho de 1948.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Colégio Barriga Verde

Zedar Perfeito da Silva

Há cêrca de três anos, um grupo de abnegados, tendo à frente o sr. Oscar Cardoso, fundou o Colégio Barriga Verde. O seu capital está sendo formado por uma sociedade por cotas, limitada. A sua presidência foi entregue ao Cel. Lopes Vieira.

Há dias, na companhia do sr. Oscar Cardoso, estive visitando as obras da construção do prédio do Colégio Barriga Verde, situado à Rua Ferreira Lima. Já se encontra pronta a base de cimento armado, que corresponde ao primeiro pavimento e constitue, pelas condições do terreno, a parte mais difícil da obra. Assim sendo, os outros dois pavimentos levarão menos tempo para serem levantados.

A planta do prédio encontra-se exposta na vitrine da loja "A Capital". É muito vistosa, apesar da sobriedade das linhas. Internamente, está dividida convenientemente para atender às exigências legais. Contará dez amplas salas de aula e mais outras seis confortáveis para a administração e o museu.

O Colégio Barriga Verde pretende ser qualquer cousa de novo em nosso ensino. Não terá nem cor política e muito menos religiosa. Os cursos serão para ambos os sexos. As aulas, diurnas e noturnas. Não se exigirá fardamento dos alunos, para maior economia dos pais. Sem ferir o regulamento, levando em conta o encarecimento da vida, a direção simplificará a exigência de livros e diminuirá a compra de cadernos.

O Colégio Barriga Verde funcionará em 1950, com os cursos ginasial e científico. Tendo em vista que muitos de nossos rapazes e moças trabalham a direção organizará as aulas objetivamente, poupando-lhes tempo e zelando pela sua economia. Para isso, contará com uma biblioteca especializada e o ensino será o mais prático possível. Escolherá um corpo docente na altura de seu programa. Como na antiga Grécia, em que os seus filósofos difundiam nas ruas, nos ginásios e nos banquetes os conhecimentos gerais aos interessados, assim pretende o Colégio difundir ao máximo a cultura.

Acredito sinceramente que os responsáveis pela direção do Colégio Barriga Verde farão qualquer cousa de prático no ensino secundário e científico para melhor aproveitamento de seus alunos. A nossa mocidade tão cheia de problemas, encontrará no novo estabelecimento de ensino muitas facilidades, principalmente quanto à mensalidade, horário, etc.

Há tempo, iniciou-se a campanha prol cotistas para a integração do capital da sociedade. Dentro de mais alguns dias, começará a campanha do tijolo. Trata-se de um "coupon", no valor de dois cruzeiros (Cr$ 2,oo). O povo de Florianópolis, sem exceção, poderá mais tarde dizer que contribuiu pelo menos com um tijolo e a argamassa para a construção do Colégio Barriga Verde, que irá servir aos seus filhos e netos e bisnetos.

Voltei muito bem impressionado da visita que fiz na agradável companhia do sr. Oscar Cardoso das obras do prédio do Colégio Barriga Verde. Os meus votos são para que a campanha de "um tijolo e argamassa" seja plenamente coroada de êxito e que tão promissor estabelecimento de ensino se torne logo em realidade, para maior glória da cultura catarinense.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Considerações sôbre

Caça, Caçadas e Caçadores

EM SANTA CATARINA

III

Tivemos ocasião de afirmar, anteriormente, que Santa Catarina é um bom parque de caça. Hoje, pormenorizando, iniciaremos a demonstração dessa realidade, fazendo, para isso, uma simbólica e demorada excursão atravéz do território catarinense. Começaremos pela ilha de Santa Catarina, cujos encantos naturais têm despertado a curiosidade e os aplausos de inúmeros turistas, veranistas e viajantes que aqui têm aportado, os quais não se cansam de proclamar a grandiosidade dos panoramas que desfrutaram. Aliás, não fosse a adversidade causada pela presença incidiosa da malária, que só nestes últimos cinco anos vem sendo combatida com permanente eficiência, o progresso da ilha teria sido, sem dúvida, extraordinário. Mas, se o progresso ideal e construtivo não lhe beneficiou, muito menos fêz em seu favor o desenvolvimento empírico que se observa no seu interior, porque êste, ao invés de conservar destroe as riquezas naturais. E' que, o homem da ilha, embora seja bom e valente, na sua quasi totalidade, por falta absoluta de assistência cultural, material e técnica vive, na atualidade, aquela mesma vida que viveu nos tempos coloniais, e quiça, peór ainda. Trabalha, seguindo os ditames da sua própria consciência que é simples. Luta êle, para viver, desambiciosamente, sem qualquer derivativo para o progresso. Segue, enfim, os exemplos herdados dos seus ancestrais. E' como uma árvore silvestre que nasce e cresce seguindo os mesmes traços da sua mãe. O ilhéu é sempre um bom, humilde e sofredor. Ninguém, até hoje, teve a lembrança de lhe estender a mão protetora, despertando-lhe o interêsse pelo progresso e pela melhoria do seu miserável «standard» de vida. E' um infeliz que padece os efeitos da verminose e da febre. Nesta situação desvantajosa o homem trabalha a terra devastando-a, inconscientemente, ano após ano. E, é de se lastimar que as derrubadas e queimas das florestas, resultantes dessa situação caótica estejam prejudicando a fitofisionomia dêste maravilhoso recanto de Santa Catarina. Contudo, não é de se extranhar êste fato, de vez que, no Brasil nunca se cuidou, pelo menos com o carinho que devia merecer, de executar a regulamentação da derrubada das matas. As nossas leis estabelecem obrigações severas para o reflorestamento, por parte de particulares, mas, devido a ausência de providências, nesse sentido, parece-nos que elas foram escritas tão sòmente para armar efeito externo. São uma autêntica perfumaria. Sabe-se, entretanto, que desde 1830 existia um decreto regulando o corte de madeiras em Santa Catarina. Por tudo isso, mesmo que se tenha muito boa vontade, não se pode deixar de dizer que em materia de exploração das nossas riquezas faunísticas e florestais, tudo tem sido feito desordenadamente.

Quasi ninguem respeita a lei. Todavia, muito peór, ainda, é o fato de que ninguém exige o seu cumprimento. O fator importante e que tem prevalecido, é o interêsse individual. Êste sim, não pode ser ferido!

Ora, que no passado fossem cometidos muitos erros, devidos à ignorância então reinante, é desculpável, mas, que se continue a praticá-los, ainda, agora, impunemente, como estamos presenciando, aqui mesmo, onde a sanha criminosa e revoltante das queimadas de florestas continua, ultrapassando os limites da paciência humana, é quasi inacreditável. E' inacreditável, mas é a pura verdade. E, o certo é que o drama de hoje ainda é o mesmo iniciado nos primeiros tempos da descoberta: devastação indiscriminada, sem a adoção de providência visando preservar, restaurar ou reflorestar a ilha. — Essa, a realidade contristadora existente nesta tão decantada e boa terra. Com êsse procedimento calamitoso têm-se perdido muita riqueza florestal, o que fatalmente comprometerá o nosso futuro. Aliás, já estamos sofrendo os resultados dessa incúria, com a diminuição dos nossos mananciais e devido à esterilidade do solo pelo efeito da erosão.

Agora, uma ligeira explicação. Fugimos um pouco do nosso têma, — visto não ser possível falar-se de caça ou da sua preservação — sem mencionar o problema das matas, porque uma questão está vinculada à existência da outra. Isso é evidente.

Mas, voltando ao nosso assunto, como as nossas florestas, a caça não poderia ter escapado à destruição impiedosa e sistemática. — Assim, como é natural e lógico, desde que a ilha sentiu o pisar dos primeiros descobridores, nunca mais nela se parou de caçar. No princípio a caça era exercida

Restaurante Lira Tenis Clube

de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos — Cozinha de 1a,

Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para homenagear uma familia ou amigos de fóra

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

como um recurso necessário à alimentação dos primeiros habitantes. Depois, na maioria dos casos, ela foi praticada pelo simples prazer de matar, sem qualquer finalidade útil ou desportiva. Como consequência de tão desoladora situação muitos animais e pássaros não mais vivem nestas paragens, sendo de admirar que aqui ainda exista alguma caça. Talvez isto aconteça devido a agressividade do terreno, pedregoso em certas regiões, pantanoso em outras e coberto de matas carrasquentas, situação que facilita esconderijos quasi inacessíveis, ou acessíveis por verdadeiros caçadores que são geralmente destemerosos, mas conscientes.

Outro fator que concorre para isso está, sem dúvida, na abundância de frutos silvestres apropriados à alimentação da caça.

Das várias «caças de pêlo» ainda encontradas na ilha, podemos citar as seguintes: cuatís (mundéu, mirins e de vara), pacas, capivaras (muito raras, encontradas, porém, nas regiões do Rio Tavares e Pissarras), macacos (pardo e mico), veados (virá), rarissimos, habitando as matas da Lagôa do Peri); gambás e tatús, cujas carnes saborosas podem figurar em qualquer mesa exigente. Dos animais imprestáveis à alimentação do homem podemos citar o tamanduá (mirim), mão-pelada, gambá dágua e guaraxaim, sendo que êste último é portador de rica e finissima pele, muito propria para a confecção de agasalhos para senhoras. Na ordem dos réptis, encontramos com abundância, o lagarto, sendo apreciável o número de jacarés, principalmente na lagôa do Perí. No gênero dos pássaros que vivem nas árvores a ilha nunca foi e não é rica. A jacutinga, o jacu-velho, a jacupêma ou jacucaca nunca viveram nela antes de serem para aqui trazidos ou pelo menos não se tem notícia disso. Registramos, é certo, a presença de aracuans, pombos carijós, pretos, juritís e rôlas, aliás encontrados com abundância. Quanto aos pássaros que têm como «habitat» as lagôas, rios e banhados, a ilha, também, não nos apresenta grande variedade, sendo raras as regiões onde ainda se pode caçar alguma coisa. O pato selvagem e o marrecão, espécimes muito apreciados pelos caçadores, não ocorrem nas nossas lagôas. Entretanto, encontramos a marreca, com predominância na Barra da Lagôa, o mergulhão (pequeno), saracurão, saracura e narcejas, estas últimas em grande quantidade. As aves denominadas «de pio», são representadas nas matas ilhôas pelos inhambús e macucos, êstes já bem escassos. Essas são as espécies ainda existentes na ilha, além de jacupêmas, codornas, perdizes e urús, trazidos para aqui pelo Clube de Caça e Tiro «COUTO DE MAGALHÃES», com a intenção de repovoar a região e enriquecer a nossa fáuna já tão sacrificada. Além disso, assinalamos na ilha a presença de vários pássaros canoros e de plumagem ornamental. Dos primeiros podemos citar: sabiá, araponga, curió, coleira e azulão e dos últimos: tucano, pavão, surucuá e tié. Tais aves são protegidas pela lei e não são consideradas caça, e apenas podem ser capturadas com licença especial. A lontra, animal protegido, também é encontrada na ilha. Para finalizar as nossas considerações de hoje declaramos que o exercício da caça é, desde 1940, rigorosamente proibido na ilha de Santa Catarina, mas o morticínio continúa sem que os infratores tenham sofrido a mínima punição. Onde está a fiscalização?

Março de 1949.

L. R.

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento de Tapetes e Congoleuns

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc.

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121

(ARCI)

GRESSER & CIA.

LADRILHOS HIDRAULICOS
Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duraveis

LADRILH. ESPECIAIS «Granitoid» para fabricas e oficinas

DEGRAUS e LADRILHÕES VIBRALITE CERAMITE para todos os fins

TUBOS DE CIMENTO com e sem armação

POSTES, PIAS, TANQUES

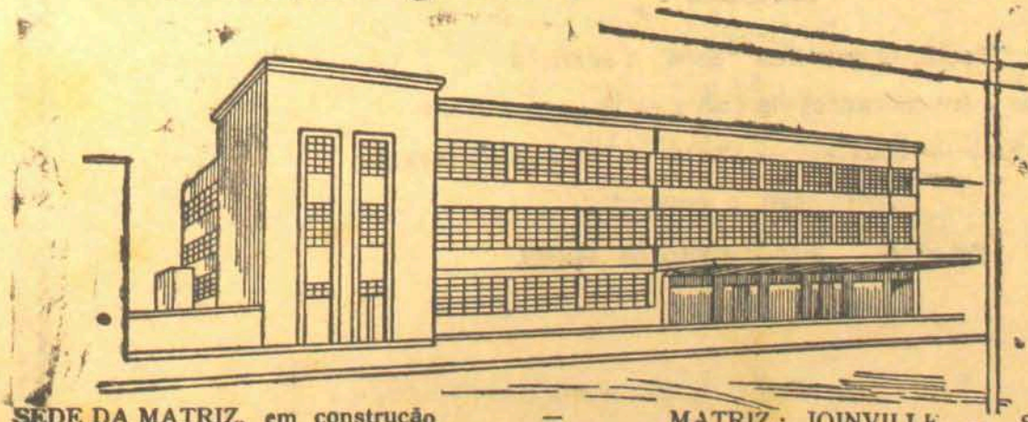
Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

CASA
FOTO AMADOR
G. Scholz
Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010
BLUMENAU

Cervejaria Catarinense S. A.
'OURO PILSEN'
a nossa cerveja de alta qualidade e de preço ao alcance de todos.
Representante: J. BRAUNSPERGER.
Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina
CAPITAL REALIZADO ..... Cr$ 1.640.000,oo
RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA
Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939
Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados: MASCOTE 1ª e 2ª edição
FLORIANÓPOLIS
Empréstimos especiais a agricultores
EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E ORDENS DE PAGAMENTO
Tem correspondentes em todos os municipios do Estado.
repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais
Mantém carteira especial para administração de prédios
Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas
C/C à disposição (retirada livre) 2%
C/C Limitada 5%
C/C Aviso Prévio 6%
C/C Prazo Fixo 7%
Aceita procuração para receber vencimentos em tôdas as

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA
Indústria e Comércio de Madeiras
Matriz:
FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho (Estreito)
Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
Telegramas: FLORESTAL
Filiais:
JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)
Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
Telegramas: FLORESTAL
S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA
Agências:
ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL
BOM RETIRO, S. C. — Telegramas: FLORESTAL
SERRARIAS:
São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Drogaria e Farmacia -"Catarinense" S. A.-
A maior organização farmacêutica do sul do Brasil

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:
S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.
Laboratório Xavier
Quimica Baruel Ltda.
E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil, Prod. Cirúrgicos
Laboratórios Andrómaco S. A.
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)
Perfumaria Anhangá Ltda.
Laboratório Vitex Ltda.
Renato Guimarães (Safrol etc.)
SÉDE DA MATRIZ, em construção — MATRIZ: JOINVILLE — STA. CATARINA — C. Postal 95
FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, nº 5 - BLUMENAU - Rua 15 de Nov., nº 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, nº 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 58

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

COMÉRCIO & TRANSPORTES

C. RAMOS S. A.

Matriz: Florianópolis
Rua João Pinto, 9

Filial: Lajes
Rua Cel. Córdova s/n.

Concessionários da
INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS S/A.
Caminhões "International" — Tratores de rodas e esteiras — Motores Industriais — Conjuntos Elétricos

—o—

Distribuidores dos
Automóveis CITROEN
para Florianópolis e Sul do Estado

—o—

Distribuidores
para o Sul do Estado dos óleos e lubrificantes
"VEEDOL MOTOR OIL"

—o—

Distribuidores
dos afamados motores de popa marca
"JOHNSON SEE HORSE"

—o—

Secção de Peças e Acessórios
para caminhões "INTERNATIONAL"
— Peças Chevrolet e Ford —
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

—o—

Posto de gasolina "Esso" e serviços
Óleos e lubrificantes de todos os tipos e marcas
Gasolina Esso — Baterias — Pneus — Serviço de lavação, lubrificação e consertos
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Sôbre a história da batatinha

FRANCISCO S. G. SCHADEN
Do Inst. Histórico e Geográfico de S. Catarina

A batatinha é um planta americana cujo cultivo se espalhou por tôdas as regiões do globo, mormente pela Europa, que chegou a fornecer mais ou menos cinco sextos da produção mundial. A América do Sul, de onde é originária, contribui talvez com 1% do total de todos os países, o que equivale, aproximadamente, à produção do continente asiático.

No Brasil, a batatinha, a que os botânicos chamam *Solanum tuberosum*, é conhecida também sob a denominação de batata inglêsa. Esta designação, formada provàvelmente com o fim de se estabelecer uma distinção entre essa batata e a batata doce (ou jetica), cujo nome científico é *Ipomoea batatas*, tem levado muita gente à opinião errônea de que a planta é originária da Inglaterra.

Quando Francisco Pizarro, o descobridor e conquistador do império incaico, chegou ao Peru no ano de 1531, já encontrou a batata inglêsa cultivada em grande escala naquela região, como também no Chile. Constituia mesmo um dos gêneros alimentícios mais importantes produzidos pela agricultura indígena de tôda a zona andina. Informa Prescott que no México era desconhecida, o que êsse autor apresenta como prova «da inteira ignorância em que as respectivas nações dos dois continentes ficaram umas em relação às outras». (1) Como refere Bukasou (2), os aborígenes do México e de Guatemala cultivam uma espécie diferente, o *Solanum Andigenum*.

Segundo informes divulgados pela câmara agrícola de Tortosa, Pizarro mandou à Espanha as primeiras sementes, juntamente com uma carta em que acentua as excelentes qualidades do «fruto», ao qual até atribui a faculdade de restituir aos anciãos o vigor da juventude. Por intermédio do Papa (3), as sementes do vegetal foram introduzidas na Bélgica, onde a batata entrou, como planta exótica, em vários jardins botânicos. A sua importância como gênero alimentício foi reconhecida só muito mais tarde. Os espanhóis, p. ex., como salienta G. Friederici (4) tinham-na por «alimento indigno», como também desprezavam, por plebéias, as roupas feitas de tecido de algodão.

Não é impossível, mas até muito provável, que outros europeus, além do conquistador espanhol, tenham conhecido a batata em terra americana, levando sementes ao Velho Mundo, onde pouco a pouco, a planta se foi tornando conhecida. Refere-se, p. ex., que em 1586 (portanto muito depois de Pizarro), o navegador Francis Drake enviou batatinhas a um amigo na Inglaterra, o que lhe valeu a fama de ter introduzido a planta na Europa. Em 1850, erigiu-se na cidade de Offenburg, na Alemanha, um monumento em homenagem a esse navegador inglês. Existia também na Alemanha um monumento dedicado à própria batata inglêsa. Encontra-se no Oberharz, nas proximidades de Baunlage, e é pouco conhecido, mesmo no interior do país. Numa chapa de ferro, lê-se a seguinte inscrição: «No ano de 1748 fizeram-se neste lugar as primeiras experiências com o cultivo da batata».

Na Alemanha, onde se tornou conhecida muito depois de se espalhar por outros países da Europa, introduziu-se a batata depois de passar pela Itália. Ainda em 1616 o produto era tão raro que só as pessoas abastadas o podiam comprar. Foi sòmente com o interêsse que lhe dispensou Frederico o Grande que o cultivo dêsse vegetal se incrementou na Prússia e em outros estados alemães.

Na época do descobrimento, a batata inglêsa era cultivada pelos índios num território que se estende de Chiloe, i. é, de 43° de latitude sul, até Bogotá e o vale do Cauca, no norte. (5) O primeiro «habitat» da planta não pôde ser ainda delimitado com exatidão. Embora tenha sido encontrada em estado silvestre somente na planície úmida e nas ilhas adjacentes do Chile meridional, Rimbach julga que o primitivo território tenha sido bem mais extenso, alcançando mesmo o planalto andino. (6) Tribos nômades de economia coletora (ou «extratora», como alguns preferem) exploravam o *Solanum commersonii*, que cresce em estado silvestre no Uruguai e no sul do Brasil. Esta espécie, porém, não chegou a ser cultivada pelos aborígenes. (7) Modernamente foi plantada no estrangeiro, onde já deu resultados apreciáveis. (8)

Baseado em observações pessoais, o autor destas linhas é de opinião que a batata inglêsa

A CAPITAL
Oscar Cardoso S. A.
Confecção DISTINTA - Marca registrada
Da Fábrica ao consumidor, distribuida pela casa
A CAPITAL
Endereço Telegráfico: CAPITAL
Filiais: Blumenau e Lages
O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

se encontra, em estado silvestre, também no sul de Santa Catarina. Referimo-nos a uma planta encontradiça nas nascentes do rio Capivari. E' certo, em todo caso, que não se trata de batatas de cultura degeneradas. Seria interessante talvez o estudo da questão da parte dum especialista. A folhagem do vegetal é um pouco mais miúda do que nas variedades cultivadas, e como a haste também é mais fina, a planta se abre um pouco no centro, caindo para os lados. As partes verdes não são revestidas de pêlos. A flôr é um pouco menor do que na batata cultivada, mas aparece em abundância. Os tubérculos alcançam o tamanho de um ôvo de pomba. Embora a planta apareça logo depois do inverno, o período de seu crescimento se prolonga muito pelos meses de verão.

NOTAS

(1) William H. Prescott, *History of the Conquest of Mexico and History of the Conquest of Peru*, nota à pág. 803. The Modern Library. Nova York, s. d.

(2) Veja-se Karl Sapper, *Geographie und Geschichte der indianischen Landwirtschaft*, nota à pág. 29. Hamburgo 1936.

(3) Nos livros dos antigos cronistas, a batata aparece geralmente sob a denominação de *papa;* êsse termo não tem relação alguma com o chefe da Igreja, mas é tomado ao idioma dos Quéchua do Peru. Também na língua dos Chimu encontra-se o termo *papa* para designar a batata inglêsa. — Georg Friederici, *Hilfswörterbuch für den Amerikanisten*, pág. 75. Halle 1926.

(4) Veja-se Karl Sapper, *o. c.*, pág. 73.

(5) Sapper, *o. c.*, pág 73.

(6) Sapper, *o. c.*, pág. 29.

(7) Sapper, *o. c.*, pág. 73.

(8) João S. Decker, *Aspectos biológicos da flora brasileira*, pág. 294. São Leopoldo, s. d.

Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A.

Importadores — Comerciantes — Exportadores

COMÉRCIO EM GERAL:

Fazendas, armarinhos, roupas feitas,
Chapeus, calçados
Ferragens, louças, tintas, oleos etc.

FABRICA DE PRODUTOS SUINOS:
fabrica de banha marca «PORCO»
salames tipo italiano e linguiça

ENGENHO DE ARROZ:
beneficiadores de arroz «DORA»

Endereço Telegrafico: BORTOLUZZI

Nova Veneza - Município de Cresciuma - Estado de Santa Catarina

O maior e o mais antigo Clube de Sorteios do Estado

Sob autorização e fiscalização do Govêrno Federal, de acôrdo com o Decreto 7.930, de 3 de setembro de 1945

CAPITAL FIXO ..... Cr$ 200.000,oo

Praça 15 de Novembro, 22 — 2º andar. Florianópolis — Santa Catarina

Distribuição mensal de prêmios em mercadorias nos seguintes valores:

1º Prêmio: — Cr$ 6.000,oo.
5 Prêmios de Cr$ 1.000,oo cada um (aproximações superiores).
5 Prêmios de Cr$ 500,oo cada um (aproximações inferiores).

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEMBRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

Equipamentos para construções de estradas de rodagem.

Máquinas de escrever "CONTINENTAL"

Motores a gasolina, querosene e a óleo crú

Grupos eletrogeneos para fornecer luz para sítios

Porcelana técnica

Produtos veterinários

Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes, pás, enxadas

Válvulas Igassú

Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio Negrinho)

Passadeiras de veludo, linoliun

Tampos de vidro e de borracha — Cereais

Pneumáticos e câmaras de ar

WESTINGHOUSE

Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras, Máquinas de lavar roupas.

RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-fonografo "Westinghouse", com tom VITAL, traz o mundo ao seu lar!

Compare e comprará um rádio "WESTINGHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação.

Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Postal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearina
das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas côres

Sabão
«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina
«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Arrependimento

WALMOR ADÃO SCHMITT

Ao meu prezado amigo
OSMAR SILVA

No momento em que o sol descamba, arrastando atraz de si, a penumbra suave do ocaso, vemos, a passos lentos e cansados, com a cabeça baixa, arcada sob o peso da idade, uma figura se dirigir atravez da mata. Acompanhamos essa pessoa. Vagarosamente ela vai andando sem se preocupar com o que a cerca. Mais adiante, à margem de um regato semi-coberto pela folhagem, na encosta de um morro, ela para. Vê-se uma tapera abandonada e ao seu lado uma cruz velha, coberta de trepadeiras, um pouco pendida para um lado, enterrada alí ao solo. E é perto dessa cruz que está o nosso personagem. Êle olha triste para o solo, reza uma oração e sôbre sua face enrugada pelo tempo, deslisa uma lágrima que se perde na terra.

Quem seria êsse «alguém» ? E que viria êle fazer alí no fundo da mata ? Porque estava aquela cruz enterrada alí ? Seria uma sepultura ? E se fôsse, que segrêdo encerrava ?

Regressemos ao passado e descubramos o mistério daquela pessoa e daquele lugar !

.....

Em tempos que já vão longe, moravam naquele recanto, dona Angélica e seus dois filhos : Álvaro e Antônio. O pai havia falecido numa viagem que fizera para o norte, em companhia de uns boiadeiros, deixando a viuva e os dois órfãos.

Álvaro contava 18 primaveras e Antônio era 2 anos mais moço. Não obstante serem irmãos, a diferença de gênio entre os dois era como entre o dia e a noite. Parecia que um havia nascido para praticar o mal, enquanto que o outro encontrava a felicidade no trabalho e na honestidade. Nas noites de serenata podíamos encontrar Álvaro em companhia dos colegas, sentado a roda do fogo, a cantar e a beber. Desde que o pai falecera, infelizmente se entregara ao vício da bebida. Antônio, ao contrário do irmão, tinha a preocupação única de trabalhar para o sustento de sua querida mãe e não raras vezes era obrigado a dar dinheiro a Álvaro que, cada vez mais se atolava no lodaçal do vício.

A pobre mãe rezava, pedia a Deus pela regeneração do seu fruto, — mas êsse não se corrigia. Quando retornava à casa, após noites de bebedeira, a mãe sempre lhe aconselhava :

— Mas Álvaro, porque fazes isso ? Não vês que assim magôas mais ainda o coração, já tão magoado, de tua mãe ? Porque não segues o exemplo de teu irmão ? Não sái de casa a noite ! trabalha durante o dia para ...

— Cala a boca, bruxa velha ! gritava êle. Você não presta mesmo. Todo o dia tenho que ouvir a mesma «ladainha». Cala a boca que é melhor.

E Antônio era obrigado a intervir para que Álvaro não agredisse a mãe, pois quando bebia ficava furioso, como que fora de si.

E assim, dia após dia, aumentava o sofrimento da infeliz mãe.

Numa noite, já tarde, Antônio e Da. Angélica estavam a conversar sôbre os negócios que iam realizar no dia seguinte.

— Pois é, mamãe, dizia Antônio. Amanhã vou levar 19 sacos de milho para o sr. João e com o dinheiro comprarei umas roupas, pois a senhora está mesmo precisando de um vestido novo.

— Tudo o que fizeres será bem feito, dizia a mãe. Precisamos trabalhar para termos alguma coisa.

Neste momento, A'lvaro entra pela casa a dentro, aos trambolhões, blasfemando e vociferando. Para na frente do irmão. Olha-o com ar de desafio... Antônio e Da. Angélica silenciam. A mãe levanta-se vagarosamente, vai até perto do fogão e, lágrimas amargas de tristeza, correm pela sua face pálida e sofredora.

— Canalha ! grita Alvaro para o irmão. Andaste vendendo o milho sem me perguntar. Velhaco ! Patife ! Toma lá um murro para aprenderes.

Mas Antônio agarra em seu braço e dá um tão violento golpe que o atira a um canto, de encontro à parede.

— Cão lazarento ! blasfema êle, ainda no chão. Agora vais me pagar.

Avança, novamente contra Antônio. Mas este, desta vez, mais agil, pega um pedaço de madeira e desfere violento golpe na cabeça do irmão que tomba inerte. O sangue começa a correr.. A mãe, como louca, banhada em lágrimas, se atira sôbre o filho e abraça-o, gritando:

— Morto ! Está morto...

Antônio, entretanto, consegue acalmar a mãe, explicando-lhe que Alvaro não está morto, apenas

ILSE KREILING
CIRURGIÃ-DENTISTA
Consultas das 8 às 12 e 2 às 6 = sábados das 8 às 12
RUA ESTEVES JUNIOR, 6

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Arrependimento

Continuação

desmaiado; e aproveitando a oportunidade, leva o irmão para a cama.

Depois de algum tempo, ouve-se um gemido rouco. Alvaro voltára a si. A mãe fizera os necessários curativos.

No dia seguinte o infeliz não sabia o que havia acontecido e perguntando, Da. Angélica lhe contára que o haviam encontrado desfalecido, na estrada, com a cabeça um pouco pisada. Pobre Alvaro! Quando bebia, ignorava completamente o que estava fazendo. Parecia que uma força extranha se apoderava de seu ser.

E assim, dia após dia, surgiam novos imprevistos, sempre tendo como autor, Alvaro. Às vêzes se afastava de casa e ficava durante algumas semanas fora. Ninguém sabia nem queria saber dele. La um belo dia, porém, encontravam-no cai do a margem da estrada e o traziam à casa. Alvaro já tinha se tornado um nome horroroso na redondeza. Todos tinham mêdo dele, quando ébrio. E aquele coração bondoso de mãe, aturando sempre as injúrias que contra êle, eram lançadas. Ela coitada, que só abria a boca para dar conselhos... Mas o filho perverso não se corrrigia.

Muitos anos foram se escoando, sempre nesse mesmo sofrimento, sempre padecendo os mesmos martírios. Mas uma esperança inquebrantável animava aquela carinhosa mãe: a de que Alvaro tornasse ao bom caminho.

Agora, Da. Angélica, já tinha os cabelos brancos e a face enrugada pelo tempo e pelo sofrimento... Antônio havia casado e já era pai de 3 filhos. Rozinha, sua querida espôsa, caboclinha bonita, fazia tudo para ver seu «nêgo» feliz. Moravam todos juntos.

Mas, não obstante o tempo decorrido, a felicidade ainda não pairava naquela casa. Havia uma pessoa demais alí: Alvaro, o perverso. Sempre bêbedo, blasfemando, insultando sua própria mãe, agredindo outros e assim por diante.

Num domingo, à tarde, quando o sol iluminava a natureza, embelezando-a com todo seu esplendor, Antônio e sua familia, se dispunham a visitar uns amigos que moravam alí perto. Alvaro não estava em casa e o irmão já receava o retorno dele. Por isso convidava a mãe para acompanha-los:

— Vamos mamãe! pedia êle. A gente vai devagar e a senhora não se cansará.

— Ah! meu filho, respondia ela, tua mãe não pode mais passear. Ela prefere ficar aqui, à sós, rezando pelo teu irmão. Talvez que ele não demore, pois ainda não almoçou e então vai precisar do auxílio de sua mamãezinha.

Antônio não queria concordar, mas ante a intransigência de Da. Angelica, resolveu ir em companhia da esposa e dos filhos. Ao ficar só, Da. Angélica foi até a salinha, sentou-se com um rosário na mão e assim permaneceu, horas a fio, elevando sua prece de mãe aos céus. Começava a anoitecer, quando Alvaro, quasi louco, entrava na sala onde estava a mãe.

— Alvaro, meu filho! Que é isso? Que aconteceu? pergunta ela. Estás com a camisa toda rasgada. Espera um pouco, vou buscar outra para ti.

Mas ela não notara que dos olhos do filho m chispas de ódio; que o seu rosto deixava

DEVANEIO...

(Sebastião Vieira)

Noites de luar, céu estrelado,
A via-látea,
Como um enorme bando alado
De pirilampos saltitantes,
Se estende pela abóbada celèste —
— Lenço azul salpicado de diamantes
De um brilho raro
Tão raro
Que igual não irradia
Nenhuma pedraría —
E a Lua, envaidecida
Daquele séquito d'estrêlas,
Põe-se a mirá-las,
E ao vê-las
No seu fulgor
Feitas cascatas de luz,
Fica mais embevecida
Mais vaidosa,
Donairosa,
Ante a riqueza
De tôda aquela realeza!

.....

Ah! O Sól como se inflama
E como derrama
Seu ódio viril
Em sabendo que a Lua pequenina,
Assim pálida,
Quasi esquálida,
Vive a gozar
As honrarias
Daquelas pedrarias,
Daqueles pirilampos
Que são
A estrada de São Simão,
Enórme,
Iluminada,
Como não ha outra estrada...
Ah! Como o Sól
Que nunca vê as noites de luar
E que nada sabe das divagações
Dos que à noite sonham
Ao som dos violões
E que não viu ainda,
Em noites enluaradas,
O encantamento de amôr
Dos namorados e das namoradas...
Ah! Como o Sól
Desejaria
Encontrar-se com a Lua,
E ali mesmo
Em plena abóbada celeste
Ou... em plena rua,
Chamá-la,
Agarrá-la,
Estrangulá-la...
E após a vingança cometida,
Voltar outra vez a seu trono
Como Senhor,
Como dono
Absoluto de todas as estrêlas,
Para, enfim, dizer
Com prazer,
Lembrando com orgulho o crime praticado:
— Agóra, sim,
Estou vingado!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

MAJESTIC HOTEL

Prop.: ANTONIO B. PEREIRA

— Rua Trajano, 4 —

FLORIANÓPOLIS

Ao visitar FLORIANÓPOLIS
hospede-se no

Majestic Hotel

bem no coração da cidade

Máxima higiene *Cozinha de 1a.*
Ordem *Rigorosamente familiar*

CASTULIO DO AMARAL

Engenheiro Civil

Casas prefabricadas — casas econômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária

Rua Raymundo Correia, 81

ESTREITO
Caixa Postal 9 — Florianópolis

Cacique - Hotel

EDIFICIO NOVO

são proprietários
IZAIAS ZANELLATO e RUY FERNANDES PINHEIRO, ex-viajantes

ÓTIMO TRATAMENTO — CONFORTO
HIGIENE

Banhos quentes e frios — Agua corrente em todos os quartos

Esmerado Serviço de Restaurante

Rua Felipe Schmidt n. 53 - FLORIANÓPOLIS
End. Telg. «CACIQUE»

transparecer um rancor tremendo e que na mão direita êle trazia uma faca.

Quais eram as intenções de Alvaro? Matar sua mãe? Teria êle, apesar de ébrio, coragem para cometer um crime? Não! Seria inacreditável.

Porém, quando a mãe se dispunha a ir buscar a roupa para êle, a empurra, fazendo-a sentar novamente.

— Então, diz êle com voz sarcástica, estás aqui, hein? Tú que dizes ser minha mãe? Ah! ah! ah!... Velha rabujenta!... Trapo velho!...

A pobre mãe queria falar mas êle não a deixava. E enquanto falava avançava para ela.

— Sabes que vou te matar? Reza a teu Deus, diz êle. Pede para eu não te matar. Ah! ah! ah!... Desgraçada!...

O suor corria pelo seu rosto e êle espumava de raiva. A mãe, com lágrimas nos olhos, balbucia:

— Alvaro! Vais matar tua mãe? Aquela, que por ti, muitas lágrimas chorou? Aquela que padeceu os maiores sacrificios para te ver feliz? Alvaro! mata-a se o quiseres, Deus te perdoe meu querido fi...

Quando Alvaro ouviu o nome de Deus, atirou-se sôbre a velhinha e cravou a lâmina em seu peito. Ela ainda levanta a cabeça, olha para o filho como que a lhe perdoar e cai da cadeira, desfalecida. O filho, segurando a arma assassina, olha, primeiro para a mãe inerte, depois para a faca ensanguentada e tremendo ainda de ódio, diz, rangendo os dentes:

— Peste! Eu disse que tú havias de me pagar! Desgraçada!...

...Senta-se numa cadeira e passando a mão suja de sangue nos cabelos em desalinho fica por muito tempo olhando para a mãe. O suor corre pela sua face e parece que aos poucos começa a pensar no que acaba de fazer.

Sim! Lá estava a pobre velhinha, com o rosário ainda na mão, banhada em sangue. Lá estava aquela boa alma; aquela que não poupara os maiores sacrifícios para ver a felicidade de seu filho; aquela carinhosa mãe que, agora, fôra alvo do punhal assassino daquele, por quem tanto padecera. «Deus te perdoe, meu querido fi...» foram suas últimas palavras Talvez ainda quizesse dizer o nome «filho», mas não houvera mais tempo Nem um grito de dor!... Nem um gemido!...

Pobre mãe!.. Pobre filho!...

Alvaro agora se levanta. Parece ter despertado de um sonho. A cabeça lhe pesa muito. Olha para a mãe, reconhece ser ele o autor daquele bárbaro crime e vai até o corpo dela Soluçando, em desespero, abraça-o, pede perdão Mas êle não mais escuta. E como um doido varrido sai correndo. Para onde? Não se sabe! Desde aquele dia nunca mais se ouviu falar em Alvaro...

A tarde, ia morrendo lentamente, penetrando na escuridão da noite e aquele recanto solitário era agora só tristeza e melancolia.

Quando Antônio chegou e deparou com a mãe morta, rompeu em alto choro. Rozinha também chorava e os meninos apenas diziam:

— Vovózinha, querida, morreu. Coitada! Quem foi que matou vovózinha? perguntavam inocentes. Mas ninguém respondia.

Lá fora o vento soluçava também. Tudo era tristeza que agora enchia aqueles corações sinceros Mas, enfim, que fazer?

Levantaram o corpo da pobre velhinha, vestiram-no e depois o colocaram na eça, Á noite, quem por ali passasse, veria a luz frouxa e trému-

(Conclue na penúltima página)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Construtora Imobiliária Copacabana Ltda.

Lajes - Santa Catarina

Uma Emprêsa de construções que dá a Lajes a casa própria a preços módicos oferecendo as melhores oportunidades!

CASAS E TERRENOS A PRESTAÇÃO

NOVO HOTEL

Bar Restaurante

Prop.: JOSÉ VARELA DE LÊDO

Lajes - S. Catarina

(altitude 918 metros)

RUA HERCÍLIO LUZ

(Esq B. Constant)

TELEFONE 6 - C. POSTAL 57

Emprêsa Auto-Viação Itajai Ltda.

de SANTOS e BATISTA

Linha Itajaí - Florianópolis

TRANSPORTE DE PASSAGEIROS E ENCOMENDAS

Agência em Itajaí: — Praça Vidal Ramos n. 25

Agência em Florianópolis: — Rua Deodoro n. 22

Saída de Itajaí às 7 horas

Saída de Florianópolis às 15 horas

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Um pouco de HUMORISMO

Certo dia o Presidente Coolidge voltava da igreja, onde fôra sozinho. A senhora Coolidge, desejando saber o que se tinha passado, começou a indagar:

— Você foi a igreja?
— Fui.
— Gostou do sermão?
— Sim.
— Qual foi o assunto?
— O pecado.
— Que disse o padre?
— E' contra.

* * *

— Mas Você acha, querido, que o beijo é perigoso?
— Neste momento, é. Ali vem vindo tua mãi!

* * *

— ...de repente êle tentou me beijar, e eu o repeli com um bofetão.
— Claro. Você fez muito bem. Nós as mulheres não devemos consentir nessas coisas.
— Principalmente quando quizerem nos beijar, como êle fez, com o cigarro acêso na boca!

ALUNO RESPEITOSO

— Voce diz que a terra é redonda. Mas como póde provar isso?
— Oh, professor... Então ela é quadrada. Não quero discutir com o Senhor.

* * *

— Quem é esta mulher, papai?
— E' Minerva.
— E aquele ali? E' o marido dela?
— Não meu filho; ela não era casada. Minerva era a deusa da Sabedoria.

DE PITIGRILLI

— A chuva cái igualmente sobre o justo e sobre o injusto — dizia uma tarde, em tom profundamente convencido Angelo Fratini a Pitigrilli.
— E' verdade, respondeu êste. Mas geralmente o injusto vai munido do guarda-chuva do justo...

* * *

— Tenho que lhe proibir, no estado em que está, todo e qualquer esfôrço intelectual.
— Oh, doutor! Mas nem as minhas poesias posso continuar a escrever?
— Ah, isso póde, não tem perigo. O que o Senhor não póde é fazer esforço intelectual.

* * *

Os dois avarentos se encontraram em frente do edifício do Banco, do qual saía um deles.
— Ah, vejo que foste depositar dinheiro!...
— Nunca deposito dinheiro em banco.
— Então vieste descontar um cheque.
— Nunca recebo sinão dinheiro contante e sonante.
— Então, que vieste fazer no Banco?

O outro abaixou a voz, olhou para os lados, e disse o segredo:
— Vim encher minha caneta-tinteiro.

A EXPLICAÇÃO

Era a primeira vez, que a jovem da cidade ia para o campo. Andavam pela fazenda, quando a jovem, apontando para um animal, diz para seu acompanhante que era seu tio:
— Olhe, titio! Olhe que vaca engraçada!... Não tem chifres!

O homem olhou para o animal e disse para a moça:
— Estimada sobrinha; ha muitas razões para que as vacas não tenham chifres. Algumas vacas nascem sem eles e outras só os tem depois de vários anos. Algumas raças vacuns não têm chifres, e por outra parte, é frequente que por varias causas se cortem os chifres das vacas. Como você vê, ha muitas e variadas razões para as vacas não terem chifres. Mas a razão fundamental desta vaca não ter chifres, é que não é vaca: é um cavalo...

EMPRESA DE TRANSPORTES AFFONSO RADUM

Matriz:
JOINVILE
Rua Saguassú, 22
Fone, 366

End. telegr. e fonogr.:
«ETAR»

Filial:
FLORIANÓPOLIS
Rua Conselheiro Mafra, 53
Fone, 1670

SERVIÇO DE CARGAS E ENCOMENDAS DE DOMICILIO A DOMICILIO ENTRE
Joinvile — Itajaí — Tijucas — Florianópolis — Laguna — Tubarão — Braço do Norte — Orleães — Urussanga — Cresciuma — Araranguá e todo o interior
Porto Alegre — Curitiba São Paulo — Rio

Transportes da Agência Geral de Transportes Joinvile — Serviços Rodoviario Sorocabana
Secção de Despachos junto a Estrada de Ferro R. V. P. S. C. Joinvile

AGENTES DO TRANSPORTE RISTAR S. A.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Cabocla Iracema

WILMAR GERENT

À poetisa Aiga Deeke Barreto, a inspiração cabocla de um caboclo

Tu ti alembra, cabocra morena,
Dus tempo du nosso amôr ?...
Daquelas tarde sombria
Ao toque das Avi-Maria
Nu nosso sodôso sertão ?...

Ti alembra quando mi oiávas
Cum teu zoiá tão tristonho,
Cum aquele sorri dum sonho
Di fada, di anjo du céu ?
Quano prá mim tu cantava
Aquelas canção di amô,
Qui lá nu fundo du peito,
Qui nem as fôia qui os vento
Vai jogando pelo chão,
Ia poisando cum geito
Teus canto em meu coração ?!..

Ti alembra daquele ranchinho,
Onde cuntigo sozinho,
Lá nus cunfim du sertão,
Nas noite quieta di ôtono,
Eu cantava o abandono
Du meu pobre coração ?...
Daquela lúis du luá,
Qui pela mata iscurrendo
Pareceno inté dizeno :
Cumo é lindu dois si amá ?!...

Tu brincava... (cumo lembro !)
Cum gainho d'ingazêro
Qui nu portão du terrêro
Cubria sempre nóis dois;
E cum zoiá tão faguêro
Tu namorava c'a lua
E dispois a face tua
Prá mim si vinha mirá...

Antão nóis dois si oiava
Naquele chorá du vento,
Scuitando o gimido lento
Dus grilo nu matagá...
E tu sfoiano o raminho,
As fôia da mão caino
S'ispaiáva pelo chão,
Cumo o zoiá da morena,
Zoiano a lua serena
Spaiáva meu coração.

E ansim ia viveno,
Pensano di sê filiz
Mais tardi cum a morena
Na minha casinha piquena
Lá narma du sertão !...

Mais o distino num quiz
Vê êsse cabocro filiz...
E um dia a Iracema
Lá du sertão si sumiu.
Cumo as fôia du ingazêro
Qui nas noite di luá
Ela ia dispencano
E o vento carregano
Num dexava mais vortá...

E agora, toda noite,
Lá nu portão du terrêro
Dibaxo du ingazêro
Eu agarro di cantá :
Canto a canção da sodáde,
Gemo a minha solidade
E despois punho a chorá...

Essa cabocra marvada
Prá modi quê foi nascê ?
Prá modi quê Deus deixô
Nóis dois vim si cunhecê ?...
Di certo que a sodade
Ele nunca isprimentô
Pru qui sinão ele veno
Qui um cabocro sofreno
Num é hôme prá vivê,
Acabava c'a lembrança
Daquela linda muié;
Ô antão ele matava
Esse pobre sofredô,
Qui era menos crué
Di qui morrê di amô.

Pruqui é qui c'a morena,
C'a minha cabocra Iracema,
Qui du sertão si sumiu,
Num si foi tamem o amô
Dêsse peito trovadô
Qui tanto mi fais pená ?...

O pruqui é qui Deus num dêxa
Essa sodade acabá ?...

Lajes (Santa Catarina)

Comercio de Automoveis João Buatim S. A.

Os caminhões FORD dão sempre mais lucro, porque são mais econômicos e mais duráveis

Para que o Sr. tire todo o rendimento de seu caminhão FORD, faça-o inspecionar, periódicamente por seu revendedor Ford

Serviço rápido, eficiente, com métodos aprovados pela própria Fábrica. Peças legítimas

CAMINHÕES PARA PRONTA ENTREGA

Vendas a prestações — Aproveite a oportunidade e adquira o seu

Caminhão FORD

Revendedores em Lajes

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS JOÃO BUATIM S.A.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

LAJES

Evaldo Pereira Hemkemaier

Ó das serras cidade altaneira,
Flor garrida das verdes campinas!
Já o inteiro planalto dominas,
Qual bonita e viçosa palmeira.

Fundação de uma afoita Bandeira,
Rosa agreste das terras sulinas,
Rico ornato de infindas colinas,
És cidade bem culta e fazeira.

Fina flor dos heróis Bandeirantes,
És orgulho dos filhos amantes,
Ó formosa «Princesa da Serra»!

O progresso cingindo-te a fronte,
Abre os braços ao vasto horizonte!
Salve Lajes, meu chão, minha terra!

CONSELHOS

Inédito de ALBERTO ISAÍAS RAMIRES

Aos confrades Osvaldo Melo e Arnaldo S. Thiago

Toma esta cruz, amigo; a cruz da vida,
Tão pesada e tão cheia de amargores...
Depois verás na estrada percorrida
Ao envés de espinhos um montão de flôres!

Se sofremos no mundo dissabôres.
Se sentimos noss'alma entristecida
Vejamos que são gotas nossas dôres
No grande mar de lutas desta vida!

Caminha para a frente, resoluto,
Não temas do madeiro o pêso bruto,
Porque serás feliz se ao fim chegar...

Pois mais sofreu Jesús, ùnicamente,
Para apontar ao homem máu, descrente,
A estrada que êle deve palmilhar!...

VITÓRIA — E. E. SANTO

Oficina Mecanica «Santo Antonio»

de

Albino Pedro Gastaldi

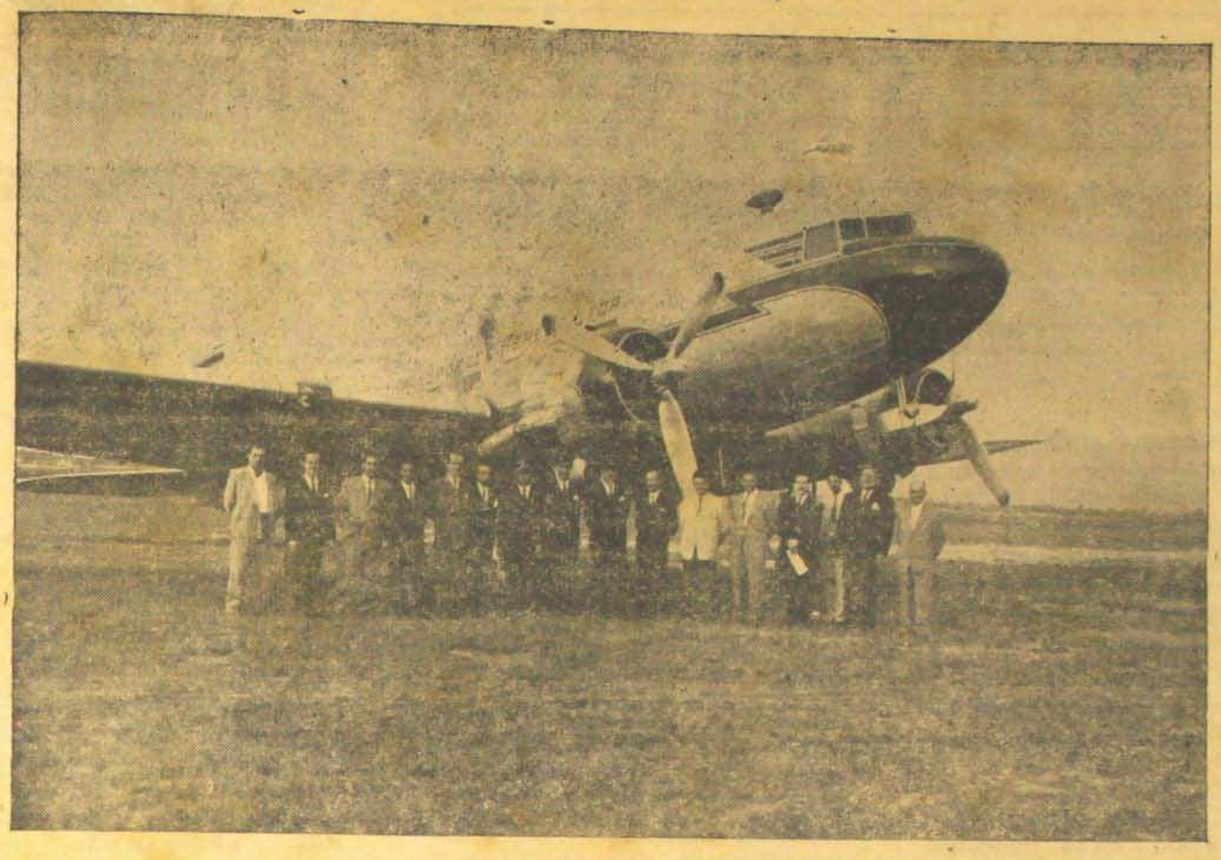
Peças e Acessórios

Secções de: Pintura - Lubrificação - Retificação de motores - e todo e qualquer trabalho do ramo

PREÇOS MODICISSIMOS

V. S. indo a Lajes, procure, necessitando, a OFICINA MECANICA «SANTO ANTONIO», sita à Avenida Marechal Floriano, sem número — Telefone 39

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Transportes Aéreos Limitada (TAL)

A Companhia de Aviação Transportes Aéreos Limitada, genuinamente catarinense, vem ligando pelo ar com o mais feliz êxito as mais importantes cidades do centro-oeste e sul de Santa Catarina. Dirigida por competentes profissionais, tornou-se uma emprêsa aérea que gosa de grande prestígio nos meios aeronáuticos, pela segurança, confôrto e rapidez. Dirigida-dizíamos-por profissionais como o Comandante Antônio de Biscucia, seu Diretor Técnico, Luiz Lanziotti, também aviador e seu Diretor Comercial, Armando Tinôco e Antônio Souza, competentes tripulantes dos possantes Douglas DC3 a TAL vem se firmando como a emprêsa aérea de que Santa Catarina precisava. Seus representantes nesta Capital, srs. Fiuza Lima & Irmãos, sempre pródigos de fidalguia para com a Imprensa, vêm desenvolvendo o máximo esforço para melhorar cada vez mais a TAL, orgulho dos barriga-verdes.

Ainda há poucos dias foi inaugurada a rota da TAL para Porto Alegre.

Hotel Metropol

FLORIANÓPOLIS

RUA CONSELHEIRO MAFRA

Prop.: HUGO PESSI

Hotel Central

FLORIANÓPOLIS

RUA CONSELHEIRO MAFRA

Prop.: HUGO PESSI

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

LIVROS NOVOS

«Os Argonautas»

Em segunda edição, as «Edições Melhoramentos» acabam de lançar a conhecida obra de reconstituição que tanto renome proporcionou a Gustav Schwab. As lendas da mitologia, muito embora o dinamismo de nosso tempo, encontram ainda cultôres entusiasticos e leitores em tôda parte, O presente volume trata principalmente da lenda «Os Argonautas», ali apresentada em linguagem correntia, adequada aos nossos dias, muito embora em nada haja sido sacrificado o colorido e o sabor peculiar aos séculos do helenismo clássico. Em especial a mitologia grega personifica idéias que até agora permanecem como abstração necessária à construção do pensamento humano. Suas histórias de deuses, semideuses e heróis fabulosos têm, tôdas, profundo alcance simbólico, razão pela qual se tornaram preocupação de escritores inúmeros, além de influir poderosamente em tôdas as manifestações artisticas.

Além da lenda dos Argonautas, que compreende aproximadamente metade do volume, o livro enfeixa outras, tais como a de Prometeu, Deucalião e Pirra, As Gerações, Io, Faetonte, Europa, Cadmo, Penteu, etc, num total de trinta e uma. Digno de nota é o prólogo no qual se conta dos personagens mitológicos, indicação de seus nomes correspondentes na mitologia romana, a qual é por nós sempre mais conhecida.

Artisticamente ilustrado por Storni.

200 páginas – Formato 14 x 20 cm.

Em tôdas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembôlso Postal nas EDIÇÕES MELHORAMENTOS. — Caixa Postal 120 B — São Paulo.

—

«Marcha Nupcial»

De «Marcha Nupcial», empolgante romance de amor, obra-prima da famosa escritora Berta Ruck é protagonista Richard Richards, um bonito rapagão de mais de trinta anos, solteirão arisco, dado à vida do mar, pouco amigo da boa sociedade londrina e de suas festas e etiquêtas. Seu avô Richards Senior é riquíssimo e desespera-se pensando que não tardará em morrer e seus vultosos bens e indústrias correrão o risco de perder-se, já que seu neto Richard se nega a viver em Londres e a dedicar-se aos negócios.

Ante as patéticas instâncias de seu avô, Richard, para não amargurar os últimos dias do ancião, promete-lhe casar-se e continuar a familia. O advogado Eric Trevor apresenta-se no salão de Lady Foregat Lering, onde Richard conhece três senhoritas da mais alta sociedade de Londres, das quais não sabe qual lhe é mais antipática e insuportável... Depois dessa tentativa infrutuosa, Richard está decidido a abandonar a capital inglêsa. Mas o advogado Eric consegue levá-lo a um clube, onde ele conhece Mary Lou Hart, deliciosa americaninha, bela, inteligente, travêssa, encantadora... Richard enamora-se imediatamente dela... é o primeiro amor de sua vida e quer que seja o último. Mary tampouco se mostra indiferente ao belo e arrogante Richard... Surge um idílio... vê-se o matrimônio em perspectiva... Mas de repente Mary se inteira de que Richard está à caça de noiva para contentar seu avô e fazer jus à esplêndida herança que lhe deve legar o velho...

Mary sente-se decepcionada, defraudada e... cheia de rancor e de ira, por tres vezes repele Richard, que, todo ansioso, aflito e apaixonado, obstina-se em pedir sua mão...

Desiste por isso Richard, a quem a grande paixão que sente por Mary torna incrivelmente obstinado ?

Outros rapazes não faltos de atrativos, que revoluteiam em tôrno da linda americaninha, não lograrão desbancar Richard ?

As peripécias em que a que repele e o que insiste se envolvem constitui boa parte deste empolgante romance, cheio de interesse e de encanto, verdadeira obra-prima de Berta Ruck, a famosa escritora que conta com o mais numeroso público feminino do mundo inteiro.

MARCHA NUPCIAL foi primorosamente traduzido por Marina Guaspari e publicado em luxuoso volume com artistica sobrecapa do pintor Nils, pela Editora Vecchi, em sua triunfal coleção «Os Mais Belos Romances».

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro Ramos 301 — Florianópolis S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE
—o—
Assinaturas:

Anual ..... Cr$ 18,00

«U'a Mulher no meu Passado»

Em «U'A MNLHER NO MEU PASSADO», deliciosa e imperecível obra-prima do genial OSCAR WILDE, cheia de graça, originalidade e requintada ironia, domonstra-se que nem sempre é ouro de lei aquilo que muito brilha... Aguda crítica da alta sociedade inglesa e do puritanismo politico, com tipos magnificamente transplantados, em tôda a sua realidade, para estas páginas de leitura empolgante. Vemos também como o Amor às vezes derrota a Ambição... com grande surpresa de quem se julga mais ambicioso do que amoroso.

Esta imortal criação do glorioso autor de «O Retrato de Dorian Gray» e de «O Fantasma de Canterville» motivou recentemente um filme de grande valor artístico, que está para ser estreado em nossa terra.

A versão vernácula desta obra-prima de Oscar Wilde foi feita com todo o primor por Marina Guaspari. «U'a Mulher no meu Passado» constitui mais um novo e elegante volume da coleção «Os Maiores Êxitos da Tela», que com tanto sucesso vem sendo publicada pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

— A ética comercial, disse o homem ao filho – é uma coisa que faz uma falta tremenda. Veja, por exemplo: um homem entra na loja e me dá uma nota de mil cruzeiros para pagar sua conta. Após sua saída verifico que há outra nota de mil cruzeiros pegada àquela. Agora, meu filho, vem a questão da ética: devo ou não dizer ao meu sócio ?

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S.A.

"INCO"

FILIAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

Araranguá — Blumenau — Braço do Norte — Brusque — Caçador — Campos Novos — Canoinhas — Chapecó — Concórdia — Cresciuma — Curitibanos — Florianópolis — Gaspar — Ibirama — Indaial — Ituporanga — Jaraguá do Sul — Joaçaba

Filial CURITIBA: — Rua Monsenhor Celso, 50
Caixa Postal, 584 — Endereço Telegrafico: "INCO"

Séde: ITAJAI — SANTA CATARINA

— Fundado em 1935 —

(14 anos de existência)

(39 Departamentos)

Capital	Cr$	15.000.000,00
Fundos de reserva	Cr$	22.343.244,40
Depósitos em 30-4-1949	Cr$	291.899.149,80

"INCO"

FILIAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

Joinvile — Laguna — Lajes — Mafra — Orleães — Piratuba — Pôrto União — Rio Negrinho — Rio do Sul — Santo Amaro da Imperatriz — São Francisco do Sul — São Joaquim — Taió — Tangará — Tijucas — Tubarão — Urussanga — Videira

Filial RIO DE JANEIRO: — Travessa do Ouvidor, 17 A (Térreo)
Caixa Postal, 1.239 — Endereço telegráfico: "RIOINCO"

BALANCETE GERAL EM 30 DE ABRIL DE 1949

ATIVO

A — Disponível			
CAIXA			
Em moeda corrente		26.531.373,50	
Em depósito no Banco do Brasil S. A.		12.041.910,80	
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito		3.371.597,90	41.944.882,20
B — Realizável			
Títulos e valores mobiliários:			
Apólices e obrigações Federais:			
Em dep. no Banco do Brasil S. A., à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito, no valor total nominal de Cr$ 3.825.800,00	3.200.645,10		
Em carteira	575.158,30		
Apólices estaduais	174.534,00		
Apólices municipais	50.000,00		
Ações e debêntures	1.863.297,30	5.863.634,70	
Letras do Tesouro Nacional		859.000,00	
Empréstimos em c/corrente	62.111.578,00		
Empréstimos hipotecários	1.090.918,40		
Títulos descontados	234.704.287,20		
Agências no país	263.912.653,30		
Correspondentes no país	16.960.705,20		
Outros créditos	928.326,20	579.708.468,30	
Imóveis		2.498.222,50	
Outros valores		637.117,00	589.566.442,50
C — Imobilizado			
Edifícios de uso do Banco	9.386.668,40		
Móveis e utensílios	2.632.576,00		
Material de expediente	208.068,20		
Instalações	39,00		12.227.351,60
D — Resultados pendentes			
Juros e descontos	318.666,90		
Impostos	247.121,10		
Despesas gerais e outras contas	4.748.446,50		5.314.234,50
E — Contas de compensação			
Valores em garantia		128.057.565,90	
Valores em custódia		245.874.764,60	
Títulos a receber de c/alheia		317.306.572,60	691.238.903,10
			1.340.291.813,90

PASSIVO

F — Não exigível			
Capital	15.000.000,00	15.000.000,00	
Fundo de reserva legal		2.350.000,00	
Fundo de previsão		18.000.000,00	
Outras reservas		1.993.244,40	37.343.244,40
G — Exigível			
Depósitos:			
à vista e a curto prazo			
de Poderes Públicos	3.786.861,60		
de Autarquias	16.178.407,70		
em c/c. sem limite	65.927.841,90		
em c/c. limitadas	18.860.061,70		
em c/c. populares	50.773.426,70		
em c/c. sem juros	7.782.376,70		
em c/c. de aviso	7.923.089,50	171.232.065,80	
a prazo			
de Poderes Públicos	321.507,50		
de Autarquias	7.350.981,20		
de diversos:			
a prazo fixo	66.204.718,20		
de aviso prévio	46.789.677,10	120.667.084,00	
		291.899.149,80	
OUTRAS RESPONSABILIDADES			
Obrigações diversas	12.088.962,40		
Agências no país	264.269.475,40		
Correspondentes no país	23.584.046,50		
Ordens de pagamento e outros créditos	5.946.281,60		
Dividendos a pagar	79.946,40	305.968.712,30	597.867.862,10
H — Resultados pendentes			
Contas de resultados			13.841.804,30
I — Contas de compensação			
Depositantes de valores em garantia e em custódia		373.932.330,50	
Depositantes de títulos em cobrança:			
do País	317.236.884,40		
do Exterior	69.688,20	317.306.572,60	691.238.903,10
			1.340.291.813,90

Itajaí, 10 de maio de 1949.

GENÉSIO M. LINS
Diretor-superintendente
DR. **RODOLFO RENAUX BAUER**
Diretor-gerente
DR. **MÁRIO MIRANDA LINS**
HERCÍLIO DEEKE
Diretores-adjuntos

BONIFÁCIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTÔNIO RAMOS
Diretores

ÉRICO SCHEEFFER
Chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC. n. 22.638 e CRC. n. 0.179.
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
Sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC. n. 17.391 e CRC. n. 0.181.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —
Formado pela Universidade de Genebra (Suiça)
Com prática nos hospitais europeus
CLINICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças, doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES
Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e Carlos Fried)
Curso de Radiologia Clinica com o Dr. Manuel de Abreu Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e saúde pública pela Universidade do Rio de Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIO X
Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doenças internas — Coração — Pulmões — Visicula Biliar — Estomago, etc. — Radiografias osseas e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA
(Diagnóstico preciso das moléstias cardiacas por meio de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL
(Determinação dos disturbios das glandulas de secreção interna).

SONDAGEM DUODENAL
(Exame químico e microscopico do suco duodenal e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPÍA
Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANÁLISES CLÍNICAS
Exames de sangue para diagnóstico de sifilis, diagnóstico do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc. Exame de urina (reação de Aschein Zondeck, para diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz, escarro, liquido e raquiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnóstico.
RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195
Luz própria no consultório
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anéxo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clinico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos Institutos de Montevidéo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES
Curso de especialização em radioterapia, com os Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo Roentgenterapia profunda, semi-profunda e superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possue 115 miligramas de RADIUM, importados dos EE. UU. trazendo atestados de eficácia e dosagem fornecidos pelo Govêrno Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exátas.

Largo São Sebastião
FLORIANOPOLIS
SANTA CATARINA

Casa de Saude e Maternidade
'São Sebastião'

Sob a direção clinica de
Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprasivel chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e modernissimo para tratamento médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - Ondas curtas - Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria.
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.
— PREÇOS MÓDICOS —
O doente póde ter médico particular.

Largo São Sebastião **FLORIANOPOLIS** Telefone 1.153

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina